

IV Colóquio do GELPEA
RODAS DE CONVERSA

ALTERIDADES & AMOROSIDADES NAS RELAÇÕES DIALÓGICAS



Grupo de Estudos em Linguagens e
Práticas Eduacionais da Amazônia



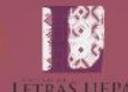
Uepa - CCSE

**16 de dezembro de 2022
das 09h às 17h**

Realização



Apoio



ADMINISTRAÇÃO DA UEPA**Reitor****Clay Anderson Nunes Chagas****Vice-Reitora****Ilma Pastana Ferreira****Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação****Jofre Jacob da Silva Freitas****Diretor do CCSE****Anderson Madson Oliveira Maia****Vice-Diretor do CCSE****Frederico da Silva Bicalho****Coordenadora do PPGED****Marta Genú Soares****Vice-Coordenador do PPGED****José Anchieta de Oliveira Bentes****COORDENAÇÃO GERAL DO GELPEA****Josane Daniela Freitas Pinto****Rita de Nazareth Souza Bentes****COMISSÃO ORGANIZADORA DO EVENTO****Angélica Bittencourt Galiza****Anna Paula de Souza Peres de Alcântara****Antônia Zelina Negrão de Oliveira****Cristiane Dominiqui Vieira Burlamaqui****Dilma Costa Nogueira Dias****Dinair Barbosa de Freitas****Eliana de Jesus de Souza Lemos****Huber Kline Guedes Lobato****Josane Daniela Freitas Pinto****José Anchieta de Oliveira Bentes****Juliana Filgueiras Silva****Laís Silva Fagundes****Maria Catarina Wanzeler Carvalho****Maryella Ostende Bulcão da Natividade Ganzer****Miguel Costa Silva****Milena da Cruz Ferreira****Paulo Everton Fernandes da Silva****Rita de Cássia Almeida Silva****Rita de Nazareth Souza Bentes****Sueli Pinheiro da Silva****Tiago Sousa Santos****Vânia Maria Batista Sarmanho****COMISSÃO DE ACOLHIDA E ENCERRAMENTO****Alice Lisboa Maciel****Angélica Bittencourt Galiza****Dilma Costa Nogueira Dias****Erika Suellem Castro da Silva****Fábio Câmara da Conceição****Huber Kline Guedes Lobato****Laís Silva Fagundes****Maria Catarina Wanzeler Carvalho****Rita de Cássia Almeida Silva****Sueli Pinheiro da Silva****Vânia Maria Batista Sarmanho**

COMISSÃO CIENTÍFICA E DIAGRAMAÇÃO

Anna Paula de Souza Peres de Alcântara
Dinair Barbosa de Freitas
Huber Kline Guedes Lobato
Josane Daniela Freitas Pinto
José Anchieta de Oliveira Bentes
Miguel Costa Silva
Milena da Cruz Ferreira
Rita de Nazareth Souza Bentes
Sueli Pinheiro da Silva

COMISSÃO DE INSCRIÇÃO E DOCUMENTAÇÃO

Anna Paula de Souza Peres de Alcântara
Flávia Wanderleia de Oliveira Andrade
Juliana Filgueiras Silva
Milena da Cruz Ferreira

COMISSÃO DE CERTIFICADOS

Anna Paula de Souza Peres de Alcântara
Dinair Barbosa de Freitas
Emilly Mendes da Silva
Josane Daniela Freitas Pinto
Milena da Cruz Ferreira
Paulo Everton Fernandes da Silva
Rita de Nazareth Souza Bentes

COMISSÃO DE COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

Cristiane Dominiqui Vieira Burlamaqui
Emilly Mendes Da Silva
Josane Daniela Freitas Pinto
Laís Silva Fagundes
Maryella Ostende Bulcão da Natividade Ganzer
Paulo Everton Fernandes Da Silva

COMISSÃO DE FINANÇAS

Angélica Bittencourt Galiza
Dilma Costa Nogueira Dias
Helen do Socorro Rodrigues Dias
Manuelle Cristina Pereira Anaisse
Marco Antônio Carvalho Prestes
Maria Catarina Wanzeler Carvalho
Rita de Nazareth Souza Bentes
Vânia Maria Batista Sarmiento

Copyright © Autoras e Autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte dessa obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e autores.

GELPEA Grupo de Estudos em Linguagens e Práticas Educacionais da Amazônia. **Anais do IV Colóquio do Gelpea - Rodas de Conversa**: Alteridades e amorosidades nas relações dialógicas. 16 de dezembro de 2022. UEPA-CCSE. Belém-PA: 2022.

181p. 21 x 29,7 cm

ISSN 2358-4645

1. Alteridade 2. Amorosidade 3. Relações dialógicas

O conteúdo das produções publicadas é de inteira responsabilidade de seus autores e autoras.

APRESENTAÇÃO DO GELPEA

O GELPEA reúne professores e estudantes pesquisadores da Graduação e da Pós-Graduação de instituições públicas em torno de estudos e pesquisas que envolvem práticas educativas escolares e não escolares na área da linguagem nos mais diferentes níveis de ensino. A ideia é buscar espaços para discutir problemáticas locais, regionais e nacionais, para que essas pesquisas sejam divulgadas em cursos, palestras, comunicações e publicações.

O grupo foi criado em 17 de junho de 2008 com o nome de “Grupo Práticas” e sob as orientações do Prof. Dr. Sandoval Nonato Gomes-Santos que nos apresentou a alguns autores do Círculo de Bakhtin ainda durante a disciplina do Mestrado em Letras (PPGL-UFGA) em 2005. As discussões acerca dos conceitos dos autores foram aprofundadas, mesmo com a finalização do semestre da disciplina, com o intuito de fortalecer os integrantes com relação aos artigos, às dissertações, às teses e às participações nos eventos e nas instituições escolares e acadêmicas.

O Círculo de Bakhtin tem uma formação interdisciplinar para discutir perspectivas de um mundo melhor, e no caso de Bakhtin (1895-1975), a linguagem foi a grande propulsora destas discussões. Por esta razão, esse autor ficou conhecido como o filósofo do diálogo. Foi este endereçamento que motivou o grupo a ter interesse por leituras que possibilitassem a compreensão das realidades apresentadas em seus diferentes contextos, em especial, na Educação Básica e Superior que se tornou o foco central das pesquisas dos integrantes do Gelpea.

Em 2010, o grupo foi institucionalizado pela CAPES, com a denominação de “Grupo de Estudos Linguísticos e de Práticas Educacionais do Norte” – GELPEN. As coordenações foram as seguintes: a) de 2010 a 2014 o Prof. Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes (UEPA) e a Prof^ª Dra. Patrícia Sousa Almeida de Macêdo (UFGA); b) de 2015 a 2019 o Prof. Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes (UEPA) e a Prof^ª Dra. Isabel Cristina Rodrigues (UFGA); c) de 2020 a 2021 o Prof. Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes (UEPA) e o Prof. Me. Huber Kline Guedes Lobato (UFGA); d) de 2021 a 2022 a Prof^ª Dra. Cristiane Dominiqui Vieira Burlamaqui (UEPA) e a Prof^ª Me. Helen do Socorro Rodrigues Dias (SEDUC); e) em 2022, assumiram a Prof^ª Dra. Rita de Nazareth

Souza Bentes (UEPA) e a Prof^ª Dra. Josane Daniela Freitas Pinto (UEPA), e neste 16 de dezembro de 2022 realizam o **IV Colóquio do Gelpea – Rodas de conversa “Alteridades e amorosidades nas relações dialógicas”**.

OBJETIVO

O objetivo geral do IV Colóquio é convidar pesquisadores, professores, estudantes e demais interessados nas Rodas de Conversa Bakhtiniana para dialogar com o outro na possibilidade de alterar-se com a amorosidade.

AS RODAS DE CONVERSA

O IV Colóquio do GELPEA – Rodas de conversa – tem neste ano de 2022 o tema “Alteridades e amorosidades nas relações dialógicas”.

As rodas de conversa são constituídas de conversadores e de pelo menos um mediador para garantir as discussões. Cada conversador ou participante expõe seu posicionamento acerca da temática geral do evento e sobre os diversos objetos de pesquisa.

O mediador provoca reflexões nas rodas e abre para discussão. Após um bloco de conversa, o mediador retoma a palavra e abre nova rodada de conversa. O tempo é estabelecido pelo grupo de participante das rodas. Veja as circulares a seguir, explicando essa dinâmica.

1ª CIRCULAR de 07 de outubro de 2022

**IV COLÓQUIO DO GRUPO DE ESTUDOS EM LINGUAGENS E PRÁTICAS
EDUCACIONAIS DA AMAZÔNIA-GELPEA
RODAS DE CONVERSA: ALTERIDADES E AMOROSIDADES NAS RELAÇÕES
DIALÓGICAS**

Olá Bakhtinian@s,

Primeira Circular do IV Colóquio do Grupo de Estudos em Linguagens e Práticas Educacionais da Amazônia-GELPEA. O tema ALTERIDADES E AMOROSIDADES NAS RELAÇÕES DIALÓGICAS é para se pensar e se construir coletivamente. O evento acontecerá no dia 16 de dezembro de 2022, em formato híbrido: presencial para aqueles que moram em Belém e região metropolitana e *online* para os de outras cidades, estados e países.

Este colóquio se constitui em duas rodas de conversa: uma no turno da manhã com o tema **Alteridades em comunidades amazônicas** e a outra no turno da tarde sobre **Amorosidades na construção de um ensino dialógico na Amazônia**.

As inscrições via *Google Forms* acontecerão nos dias 16, 17 e 18 de novembro do corrente ano. E, colocando em prática o ato responsável e amoroso, teremos a inscrição solidária: para professores 20,00 reais mais um 1kg de alimento não perecível; para estudantes 10,00 e/ou 1 kg de alimento não perecível.

Para se inscrever, o participante deverá enviar um texto entre 1 e 7 páginas. Pode ser um texto escrito, uma foto criativa, um poema, entre outros gêneros, que desenvolva a temática central. Os textos submetidos serão publicados em um *ebook* com todas as produções dos participantes. Durante as rodas não haverá apresentação formal dos textos submetidos (uso de slides não será necessário, por exemplo), mas poderao ser citados na discussão. O mais importante de tudo é que queremos conversar sobre o tema do Colóquio. Venha preparado, então!

Em breve teremos todas as informações a respeito do evento no nosso site <https://paginas.uepa.br/gelpea> e nas nossas redes sociais. Nos acompanhem!

Saudações bakhtinianas,

Comissão Organizadora

2ª CIRCULAR de 26 de outubro de 2022
IV COLÓQUIO DO GRUPO DE ESTUDOS EM LINGUAGENS E PRÁTICAS
EDUCACIONAIS DA AMAZÔNIA-GELPEA
RODAS DE CONVERSA: ALTERIDADES E AMOROSIDADES NAS RELAÇÕES
DIALÓGICAS

Olá Bakhtinian@s,

“ALTERIDADES E AMOROSIDADES NAS RELAÇÕES DIALÓGICAS” é o tema do IV Colóquio do Grupo de Estudos em Linguagens e Práticas Educacionais da Amazônia-GELPEA. Para provocarmos as discussões, trazemos a voz de Bakhtin no seus textos “Apontamentos dos anos de 1970-71” e “O homem ao espelho”:

[...] Qual é a composição dessa imagem (...). O que compreendo por eu quando falo e vivencio: “eu vivo”, “eu morro”, etc. (...) *Eu-para-mim e eu-para-o-outro, o outro-para-mim*. O que em mim é dado imediatamente e o que é dado apenas através do outro.” (2011, p.382) O amor acaricia e afaga as fronteiras que assumem um novo significado. O amor não fala do objeto na sua ausência, mas fala dele com ele mesmo. ” (2020, p. 43)

Da mesma forma que o autor propõe os conceitos de alteridade e de amorosidade, convidamos vocês a elaborar uma produção nas oficinas de escrita em dois momentos: 03 e 04 de novembro com o texto “Apontamentos dos anos de 1970-71” no modo *online*; e 10 e 11 de novembro com o texto “O homem ao espelho” no modo híbrido.

As produções serão inseridas no formulário do *Google Forms* no período de inscrições que acontecerão nos dias 16, 17 e 18 de novembro de 2022. E, colocando em prática o ato responsável e amoroso, teremos a inscrição solidária: para professores 20,00 reais mais um 1kg de alimento não perecível; para estudantes 10,00 e/ou 1 kg de alimento não perecível. Lembrando que o participante deverá enviar um texto entre 1 e 7 páginas (texto escrito, uma foto criativa, um poema, entre outros gêneros).

Estas poderão ser usadas nas rodas de conversa: uma no turno da manhã sobre “**Alteridades em comunidades amazônicas**” e a outra no turno da tarde sobre “**Amorosidades na construção de um ensino dialógico na Amazônia**”.

Mais informações sobre o evento no site e nas redes sociais. Nos acompanhem! A Comissão Organizadora.

3ª CIRCULAR de 06 de novembro de 2022.

**IV COLÓQUIO DO GRUPO DE ESTUDOS EM LINGUAGENS E PRÁTICAS
EDUCACIONAIS DA AMAZÔNIA-GELPEA
RODAS DE CONVERSA: ALTERIDADES E AMOROSIDADES NAS RELAÇÕES
DIALÓGICAS**

Olá Bakhtinian@s,

Terceira Circular do IV Colóquio do Grupo de Estudos em Linguagens e Práticas Educacionais da Amazônia-GELPEA. O tema é ALTERIDADES E AMOROSIDADES NAS RELAÇÕES DIALÓGICAS. O evento acontecerá no dia 16 de dezembro de 2022, em formato híbrido: presencial para aqueles que moram em Belém e região metropolitana e *online* para os de outras cidades, estados e países.

ORIENTAÇÕES PARA INSCRIÇÃO

As inscrições (via *Google Forms*) acontecerão nos dias 16, 17 e 18 de novembro do corrente ano.

O link do formulário para participantes:

<https://forms.gle/suqkDAxozAmWXL2y8>

O link só será aberto para inscrição no dia 16/11.

O que é requerido:

- 1 o desejo de pôr a sua “palavra” para circular;
- 2 como?
 - 2.** selecione um dos conceitos presentes no tema (alteridades; amorosidades; e/ou relações dialógicas) e solte o seu dizer;
 - ii. o seu dizer pode ser em linguagens verbal ou visual (no limite de 1 a 7 páginas). Pode ser um texto escrito, uma foto criativa, um poema, entre outros gêneros, que desenvolva a temática central;a autoria (individual) limita-se a uma submissão e a coletiva (coautoria) a duas no máximo, desde que os coautores estejam também inscritos no evento;
 - iii. cada texto pode ter até três autores.
3. os autores devem responsabilizar-se pela revisão do texto a ser publicado no livro em formato *e-book* do IV Colóquio do GELPEA;
4. sugere-se que o texto contemple um pensamento livre dos participantes sobre o tema do encontro “ALTERIDADES E AMOROSIDADES NAS RELAÇÕES DIALÓGICAS”;

5. colocando em prática o ato responsável e amoroso, teremos a inscrição solidária: para professores 20,00 reais mais um 1kg de alimento não perecível; para estudantes 10,00 e/ou 1 kg de alimento não perecível;

6. autorizar o uso de seu nome, sua imagem, voz e/ou entrevistas, depoimentos captados durante o evento.

ORIENTAÇÕES PARA O DIA DO EVENTO

Vamos nos organizar em RODAS de CONVERSA e dialogar sobre o tema **Alteridades em comunidades amazônicas** no turno da manhã e sobre **Amorosidades na construção de um ensino dialógico na Amazônia** no turno da tarde. As RODAS de CONVERSA contêm conversadores e um(a) mediador(a). Iremos definir a quantidade de salas nos dois turnos, a partir da quantidade de inscritos. Deveremos ter em torno de vinte (20) conversadores em cada roda, a fim de permitir que todos possam participar do diálogo. Dessa forma, em razão do tom de conversa, justificamos que nas rodas de conversa não ocorrerão “Comunicações orais” ou apresentações formais de trabalhos. Os participantes podem falar sobre seu texto, caso desejem durante a roda de conversa. O mais importante de tudo é que queremos conversar sobre o tema do Colóquio. Venha preparado, então!

Dúvidas e esclarecimentos, envie mensagem para: gelpea@gmail.com

Inscrições e outras informações pelo site:

<https://paginas.uepa.br/gelpea/>

Saudações bakhtinianas,

Comissão Organizadora

Programação do IV Colóquio do GELPEA: Alteridades e amorosidades nas relações dialógicas-2022

9h: Acolhida dos participantes das rodas: confirmação da inscrição

9h30: Café coletivo e momento cultural

10h às 11h30: 1ª Roda “Alteridades em comunidades amazônicas”

12h às 14h: Almoço

14h às 15h30: 2ª Roda “Amorosidades na construção de um ensino dialógico na Amazônia”

16h: Momento cultural e encerramento

SUMÁRIO

1 QUEM SOU? POR FLÁVIA WANDERLEIA DE OLIVEIRA ANDRADE.....	13
2 NO INTERMÉDIO ENTRE O “EU” E O “OUTRO” POR ALICE LISBOA MACIEL	14
3 SER PANDÊMICO É... POR Huber Kline Guedes Lobato	15
4 SOROR?POR JEOVANI DE JESUS COUTO (GIL)	16
5 SER OU NÃO SER POR CYNTIA FRANÇA CAVALCANTE DE ANDRADE DA SILVA; JEOVANI DE JESUS COUTO.....	18
6 ANTIRRECEITA PARA ESCREVER UMA TESE POR MÁRCIA DE SOUZA MENEZES.....	19
7 IDAS E VINDAS POR MILENA DA CRUZ FERREIRA	21
8 PENSAMENTOS POR GABRIEL PEREIRA PONTES TEIXEIRA	22
9 ESCRITOS PARA ELE POR CYNTIA FRANÇA CAVALCANTE DE ANDRADE DA SILVA; LYANDRA LAREZA DA SILVA MATOS; JEOVANI DE JESUS COUTO (GIL)	23
10 ALTERIDADE NA MODELAGEM E CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO POR MIGUEL COSTA SILVA	25
11 O OUTRO E EU POR CLÓVIS ZOBERTO SANTOS DOS REIS.....	27
12 UMA CARTA DE AMOR POR DENISE SANTOS LIMA	28
13 SOCORRISTAS POR VICTOR BATISTA BRANCO.....	32
14 O GRITO MUDO POR SORAYA CRISTINA MORAES.....	39
15 AS ATIVIDADES DE LETRAMENTO E O DESENVOLVIMENTO CULTURAL E PSICOLÓGICO DE JOVENS COM SÍNDROME DE DOWN POR ANTONIO SERGIO VASCONCELOS DARWICH.....	41
16 DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE ALTERIDADE POR SIMONE DE JESUS DA FONSECA LOUREIRO; LORENA BICHOFF TRESCASTRO; VANIA MARIA BATISTA SARMANHO	52
17 EU-OUTRO-NÓS: MULHER EM PROCESSO DE RECONHECIMENTO E TRANSFORMAÇÃO POR JOSANE DANIELA FREITAS PINTO	60
18 CASO BETH: A DISCRIMINAÇÃO CONTRA NORDESTINOS POR JOSÉ ANCHIETA DE OLIVEIRA BENTES; RITA DE NAZARETH SOUZA BENTES; HUBER KLINE GUEDES LOBATO	62

19 ALTERIDADE E AMOROSIDADE NO CENÁRIO EDUCACIONAL BRASILEIRO NO PERÍODO DE 2020 A 2022: REFLEXÕES EM FOCO POR RITA DE NAZARETH SOUZA BENTES; MARYELLA OSTENDE BULCÃO DA NATIVIDADE GANZER	70
20 RELAÇÕES DIALÓGICAS NA TIRINHA: ORAÇÕES COM O FUTURO DO VERBO VIVER POR DINAIR BARBOSA DE FREITAS.....	76
21 ENTRE O CONCURSO E OS INSTRUMENTOS DIDÁTICOS: UMA ANÁLISE POR TIAGO SOUSA DOS SANTOS.....	79
22 PRONUNCIAR MUNDOS PARA CRIAR E RECRIAR DIÁLOGOS OUTROS POR ANTÔNIA ZELINA NEGRÃO DE OLIVEIRA; RITA DE CÁSSIA ALMEIDA SILVA	87
23 RESENHA DE LIVRO: JUN, A HISTÓRIA REAL DE UM MÚSICO AUTISTA POR MARIA EDUARDA ALEIXO SOARES.....	92
24 MOSQUEIRO: ILHA DE ENCANTOS ENTRE ALTERIDADE E AMOROSIDADE POR DILMA COSTA NOGUEIRA DIAS; FÁBIO CÂMARA DA CONCEIÇÃO; MARIA CATARINA WANZELER CARVALHO	99
25 O ESPELHO DO HOMEM POR LAIS SILVA FAGUNDES.....	105
26 A ALTERIDADE PARA BAKHTIN POR EMILLY MENDES DA SILVA.	106
27 ALTERIDADE E AMOROSIDADE NO CONTEXTO DA PANDEMIA: AS FERRAMENTAS DIGITAIS E REDES SOCIAIS COMO UM AFASTAMENTO OU NÃO NA RELAÇÃO COM O OUTRO? POR ANNA PAULA DE SOUZA PERES DE ALCÂNTARA; JULIANA FILGUEIRAS SILVA; RITA DE NAZARETH SOUZA BENTES.....	108
28 A PALAVRA “MAL-DITA” DE VON RICHTHOFEN: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DA ENTREVISTA DE SUZANE AO FANTÁSTICO EM 2006 POR ANA VITÓRIA DIAS LIMA.....	110
29 AS RELAÇÕES DE ALTERIDADE NA CHARGE: DA LÍNGUA AO PROJETO ENUNCIATIVO DO AUTOR POR FÁBIO AUGUSTO TEIXEIRA RODRIGUES; ANGÉLICA BITTENCOURT GALIZA; RONIELSON SANTOS DAS MERCÊS	116
30 ANÁLISE DO DISCURSO A PARTIR DA PERSPECTIVA BAKHTINIANA DE ALTERIDADE E AMOROSIDADE POR PAULO EVERTON FERNANDES DA SILVA; PALOMA FERREIRA FERNANDES	121
31 AMOROSIDADE X ÓDIO: SE NÃO CONCORDA COMIGO, NÃO É MAIS MEU AMIGO!? POR DILMA COSTA NOGUEIRA DIAS; MARIA CATARINA WANZELER CARVALHO; JOSÉ ANCHIETA DE OLIVEIRA BENTES	135

32 A VIOLÊNCIA D(N)A PALAVRA NAS RELAÇÕES DE ALTERIDADE: UM GLOSSÁRIO DA PALAVRA-VIOLÊNCIA POR LADY KETHELLEN PANTOJA DE OLIVEIRA; SUELI PINHEIRO DA SILVA	142
33 PRINCÍPIOS BASILARES NA CONSTRUÇÃO DE UMA COMPREENSÃO POR MIZA CARVALHO DOS SANTOS.....	148
34 FICAR E LUTAR JUNTO COM O POVO: DA AMOROSIDADE NO ATO DE LULA POR ELIANA DE JESUS DE SOUZA LEMOS; HELEN DO SOCORRO RODRIGUES DIAS	153
35 ENTRE O RISO E A AMOROSIDADE: A OUTRA FACE DA PANDEMIA POR KENIA DOS SANTOS FRANCELINO.....	159
36 DIALOGISMO NA PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS POR NATÁLIA DE ABREU NASCIMENTO	161
37 DEFINHINDO-ME POR REBECA MARIA MORAES DA PAIXÃO.....	164
38 A AMOROSIDADE ENQUANTO ATO POR ANGÉLICA DUARTE DA SILVA ARAÚJO.....	166
39 DIALOGAR É UM ATO DE AMOR POR LILIANE CORRÊA NEVES MOURA	169
40 “PROJETO APRENDER A LER O MUNDO”: O ACOLHIMENTO DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA EM BELÉM DO PARÁ POR RONIELSON SANTOS DAS MERCÊS; INOCENCIO RENATO GASPARIM; ANGÉLICA BITTENCOURT GALIZA	171
41 ALTERIDADE E AMOROSIDADE NAS RELAÇÕES ENTRE AS PESSOAS: PROMESSAS QUE NOS CONSTITUEM POR SELMA DO SOCORRO BANDEIRA OLIVEIRA; KASSIA THAMIRES PEREIRA LIMA; JOSÉ ALVES DOS SANTOS FILHO.....	174
42 LITERATURA SURDA E RELAÇÕES DIALÓGICAS: A ALTERIDADE E O RESPEITO PELO SER SURDO POR RENNE IMAR DE MELO SOUZA; LETÍCIA SILVA DOS SANTOS MELO	177
43 NOTICE POR NAYARA IRIS CARDOSO	179
44 “HOMENAGEM AMIGO” POR ADRIANA SILVA CARVALHO DA COSTA	180

1 QUEM SOU? Por Flávia Wanderleia de Oliveira Andrade

EU sou *apenas* eu? Sou o outro?

Não sou nada, nem ninguém...

Somos tudo e somos todos.

Ignorância, desconhecido.

Reconhecer,

negar, lutar

reafirmar

ser.

A alteridade é inerente a nós, somos sociais e isso nos singulariza e difere tanto das demais espécies quanto de nós mesmos.

Somos construídos, não somos feitos e acabados; paradoxalmente cada indivíduo é singular, contudo, se constitui no outro, refere-se ao outro, mas não o é. O que faz da alteridade uma constância, uma ininterrupta alteração de nós mesmos.

2 NO INTERMÉDIO ENTRE O “EU” E O “OUTRO” por Alice Lisboa Maciel

No intermédio entre o “eu” e o “outro”, o homem nasce.

Não se trata mais de estagnar-se em si mesmo, de maneira estática.

Mas de (re)formular-se no constante diálogo com o diferente.

3 SER PANDÊMICO É... por Huber Kline Guedes Lobato**Ser pandêmico é...**

Pensar em amores vividos;
Projetar um sonho possível;
Deixar de ser invisível;
Trilhar caminhos não percorridos;

Ser pandêmico é...

Re/des/atar os nós que a vida nos dá;
Fazer um só nó e não soltar;
Viver amor e emoções;
(Des)viver as ilusões;

Ser pandêmico é...

Ler, estudar, escrever, redigir;
Orar, meditar, analisar, refletir;
O tempo é companheiro, às vezes, até demais;
A vida nos ensina: hoje aqui, amanhã jaz;

Ser pandêmico é...

Pensar no seu EU;
Lutar com/para o OUTRO;
O nós não? Já morreu?
O mundo está louco;

Ser pandêmico é...

Singularidade;
Responsabilidade;
Temporalidade;
Alteridade;
Amorosidade.

4 SOROR?¹ por Jeovani de Jesus Couto (Gil)

17/11/22

Eram as cinco da manhã o navio aportou na minha amada
Breves ainda não tinha despertada
Eu só queria chegar e abraçar os meus
Estavam todos bem, graças a Deus

As tarefas acadêmicas não ficam na universidade
Navegam comigo na travessia, em casa e na comunidade
Mãe, irmã e filha sou tantas em uma, em cumplicidade

O sol nasceu e ele estava belo
Na correria eu tentei parar para contemplar
O mundo me empurra para o “útil” e eu quero o singelo

Uma outra realidade menina negra a inventar
Menina mulher sou eu, na dor e no amor
Mulher negra tornei-me assumindo a cor
Eu preciso lutar todos os dias
Sou única e diversa nessa grande roda viva

Ei mulher, irmã da grande cidade
Você consegue entender as minhas adversidades?
Eu amei, e o homem me ensinou a desamar
Amei que doeu. Que ambiguidade!!

Ei, mulher, irmã?
Você consegue se colocar no meu lugar?
Você calcula de onde venho e o que eu tenho que enfrentar?
Sou maré e pororoca, no amar e no lutar.

Você consegue se colocar no lugar da outra com empatia?

¹ Soror é sinônimo de Irmã.

O eu-individual torna-se no contato com a irmã, empiria
Que a fala seja a própria prática, tolerância e verdade
Irmandade entre as mulheres, por mais sororidade

Você se coloca no lugar da outra em alteridade?
Não está quite, é preciso ter reciprocidade
Desafie-se a problematizar a realidade com verdade

Por mais mulheres empáticas e solidárias
Não segregue, não limite, jamais seja arbitrária
Quer continuar sendo tosca e não lida
É uma escolha, como escolher como quer ser esquecida

Interações sociais, que coisa bonita de ver
E na essência é possível ser?
Existência em alteridade
Por mais amorosidade.

**5 SER OU NÃO SER por Cyntia França Cavalcante de Andrade da Silva;
Jeovani de Jesus Couto**

Ser mulher é um desafio diário!
Ser mulher, ser mãe, ser filha, ser esposa...
Cada uma delas é uma responsabilidade diferente...
Tudo isso em um só ser para ser tudo!

Ser mulher guerreira,
Ser mãe dedicada,
Ser filha responsável,
Ser esposa amorosa,
Estudante aplicada,

E se eu não quiser ser?!
E se eu não puder ser?!
E se eu for o que der para ser?!

Tem horas que não quero ser,
Tem horas que quero curtir meu eu!
E assim é o nosso viver em dias confusos
A cada dia tentando ser ou não ser.

E a alteridade como há de ser?
Quem vai saber?!

Ter ou ser
O que há de viver?
E quem sou?
Sorrindo de mim
Abraçando e me mando
No tempo que poderei respirar eu

Sei o que sou?
Sei o que posso ser?
Tento, tento,
Nunca me permito desistir
Sem culpa, sem medo
Vivo e persisto
Juntando, partilhando e dialogando.

**6 ANTIRRECEITA PARA ESCREVER UMA TESE² por Márcia de Souza
Menezes**

Tome-se um punhado de crianças
Aprendendo a língua escrita em uma escola pública;
Outro tanto de professoras-pesquisadoras,
(ou pesquisadoras-professoras) desejosas
Por dialogar sobre alfabetização.
Deixe seus enunciados marinando
Em uma mistura de fluxo contínuo
De fora e de outros mundos
Para que não se cozinhem no próprio caldo³.
Leve tudo ao fogo do diálogo.
Quando as forças das palavras
E contrapalavras das crianças e das professoras,
Do oficial que mortifica e do não-oficial que renova,
Do reacionário e do libertário,
Começarem a borbulhar,
Com as mãos em concha,
Recolha com delicadeza cada enunciado,
Arrumando-os dialogicamente na escritura.
Realce o sabor de toda palavra não-oficial que renova,
De toda palavra libertária encontrada,
Com pitadas de riso e não-indiferença
(Se não tiver esse ingrediente, pode usar amor).
Goteje, digo, coteje doses generosas de filosofia bakhtiniana,
Até não caber nem mais uma gota;
Até começar a exalar aromas exotópicos
De incompletude e liberdade;
Até que possa ser capaz

² Poema autoral, em cotejo com “Receita para fazer um herói”, de Reinaldo Ferreira, apresentado no texto “Gênero Discursivo – uma ação responsável única”, da professora Sandra Lima (2017).

³ Bakhtin, 2019, p. 43.

De nutrir a ciência com humanidades;
Até que seja impróprio tornar-se objeto
De ingestão e consumo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **O homem ao espelho**: Apontamentos dos anos 1940. Trad. Marisol Barenco de Mello e Maria Leticia Miranda. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

LIMA, Sandra Mara Moraes. **Gênero Discursivo**: Uma Ação Responsiva Única (mimeo), 2017.

7 IDAS E VINDAS por Milena da Cruz Ferreira

Que não haja arrependimentos nas lembranças
Que haja encontros nos desencontros
Que não haja permanentes outros no eu
Que haja fugazes eu nos outros e outros para mim nas idas e vindas

8 PENSAMENTOS por Gabriel Pereira Pontes Teixeira

Me encontro em êxtase
A existência dele me completa
Na resistência da ausência
Que sinto na sua presença
Nosso diálogo encontra-se ausente
Nesse mundo que é tão quente
Procuo entender tanto sofrimento
Para que minha dor não passe de um momento
Minha existência constitui-se em ti
Que ainda tem esperanças em mim
Espero um dia te encontrar
Na alteridade, que é o meu lar
Me pego pensando em ti
E te procuro nos meus pensamentos
Te procuro até te encontrar
E me lembro que você nasceu lá

9 ESCRITOS PARA ELE por Cyntia França Cavalcante de Andrade da Silva; Lyandra Lareza da Silva Matos; Jeovani de Jesus Couto (Gil)

Belém, 19 de novembro de 2022

Olá,

Quando eu era menina gostava de subir em árvores, sentir o vento no rosto, brincar de fazer casa de areia e de tomar banho de chuva, adolesceu e eu queria continuar brincando, mas a gente precisa estudar, trilhar caminhos para se profissionalizar e nesse percurso também quer se apaixonar. Naquele momento eu achava que todos poderiam ser príncipes, que a vida era uma aquarela que a gente poderia colorir a hora que quisesse e era um dever ser sincera.

Um romantismo jovem e às vezes até risonho, futilidade de uma “ficada”, de um belo moço que é mesmo uma “robada”, daquele que o tempo o deixou prostituto, sem laço, nem abraço, nem afetividade. Quando foi que a mulher se permitiu querer ser como homem? Que coração vagabundo e desumano, essa não é minha essência, dispenso esse ser que não sou eu, sou minha melhor companhia, não quero contrato e nem namoro velado.

Homem saiba tratar uma mulher, pare de má fé, está muito fácil nos dias de hoje ser de todas e de nenhuma. Já aprendi, estou comigo e com minhas verdades, não preciso de libertinagem, não quero ser a esposa clássica que está sempre disponível, nem quero ser a sombra de uma vaga lembrança.

Quer saber? Não me faz falta nem um e nem o outro, sou inteira, não quero metade e nem osso, vá em paz, e te dou um adeus sem sofrer, sou mulher e ninguém me define, porque meu lugar é onde eu quiser viver, nem suas mancadas conseguiram me frustrar, amo viver, nada vai me calar, amorosidade sou eu, sou afetiva o bastante para ser lembrada e nunca esquecida, não quero pouco, porque eu sou muito, um perfume de mulher, te” toca”, eu sei meu valor.

A vida inteira eu cuidei, do irmão menor, da mãe e da avó, do filho e da filha. Crie vergonha não serei sua mãe, seja parceiro homem, não nasci para

servi, eu sonhei que estaria do meu lado, partilhando, no amor e na dor, se assim não for, vá com Deus e repense, pois, quem perdeu não fui eu.

Ei, homem! O que eu espero de você, talvez seja difícil de compreender, difícil para sentir na pele a dor das mulheres. E para hoje eu não te peço compaixão, apenas um momento de reflexão, sabe aquela situação de andar na rua olhando para o chão? Talvez não...

O medo de ser violada é gatilho para o coração. Porém mesmo em perigo, me arrisco em ser meu abrigo, dou um suspiro de alívio, por mais um dia ter sobrevivido.

Não quero um amor inventado, submisso e calado e nem a “outra” que tu quiseste me tornar, ninguém está autorizado a me moldar, quero aprender com o passado, escrever minha história, com a trajetória de vitória e fazer da vida a minha auto-dedicatória.

Quero poder ser o que eu quiser, vestir, andar, amar como puder, poder viver livre no mundo como plena mulher, tal qual uma borboleta voando por entre o bem-me-quer, você entendeu como é?!

E assim, finalizo esta carta na esperança de que um dia, em um futuro não muito distante tudo fique em paz e harmonia, para que eu possa andar livremente pelo mundo, sem medo de ser mulher e poder viver com alegria. Minha missão é sendo feliz, ser mais feliz e então... novamente feliz multiplicar a felicidade e levar a mensagem de sororidade para todas as mulheres e para os homens por mais alteridade. Nesse caminhar espalho a semente de afetividade para os outros e outras e sem descuidar de semear dentro de mim, bem-me-querendo para sempre enfim.

Despretensiosamente,

Mulher bem-me-quero

10 ALTERIDADE NA MODELAGEM E CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO por Miguel Costa Silva⁴

“eu-para-mim”, “eu-para-o-outro” e “o-outro-para-mim”⁵

Caminhos de um ribeirinho

Não é fácil sair daqui destas paragens,
Ainda menino, meu pai já se foi para outro plano,
nem aprendi com ele os segredos destes caminhos de águas,
mesmo com todos os medos, tive que enfrentar os desafios e as odisséias da vida,
e remar muito nestas águas da Amazônia.
Já fiz muitas pescarias, muitas caças, muitos lanços;
Nas paragens e ribanceiras, conheci muitos amigos.
me (re)fiz nas águas destas terras,
os caminhos diurnos e noturnos foram descobertos dia a dia,
não foi fácil enfrentar medos nessa trajetória,

“É a vida né!

No tempo de inverno a gente ia pro rio juntar fruta,
Tudo que é fruta o pessoal comprava, na cidade (Abaetetuba) e também pelo interior,

Era andiroba, era ucuuba, fruta de seringueira, todas essas frutas que caíam na água, na maré, a gente ajunta com uma ...(silenciou para lembrar)... mandejuda, (falou forte)⁶

shuuí (assobiou, gesticulando e pegando as frutas na água com a mandejuda),

nós morava lá pra cima, subindo o rio, tinha vez que nós passava do Acaraqui, (Comunidade Quilombola nas ilhas de Abaetetuba/Pará) a maré enchia, e nós vinha.

É a vida!

Tinha madrugada que ela (esposa Maria da Costa Silva) ia comigo cortar seringueira, era tudo mata, muita mata,

Nós chegava às vezes já era 7 hora, 8 hora, desde a madrugada,

⁴ Mestre em Educação – UEPA 2022. Especialista em Educação Especial e Inclusiva 2021. Especialista em Ensino de História 2018. Graduado em História – UFPA 2002. Pesquisador do GELPEA/UEPA e NEP/UEPA. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/1930749003196707>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-2682-7789>.

⁵ BAKHTIN, M. O autor e a personagem. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 3-194.

⁶ Era uma cestinha, feita de tala do miritizeiro, do mesmo material que se faz a peneira. Ela era amarrada em uma vara comprida, de um metro e meio mais ou menos. Servia para coletar frutos no rio, tipo ucuuba, castanhas que faz a andiroba, miriti e outros. A gente coletava e vendia esses frutos. Era como se fosse uma "mão de ajuda". A mamãe fazia essa "mão de ajuda" pra gente coletar os frutos no rio. Maria Costa e Silva, 2022.

Chegava laaá no centro do terreno, tinha umas sapopema (pedaço de madeira),
Ai eu pegava e batia, bê, bê, bê, (gestos batendo a madeira na árvore)”
(Narrado por Raimundo Silva aos 90 anos, 2021).

Quando nos colocamos em outras odisseias,
não se vê com os mesmos olhos,
mudam-se os lemes,
mudam-se os ventos,
mudam-se os rumos,
mudam-se os tempos,
mudam-se as direções,

Às vezes, vejo, e encontro com velhos parentes e amigos,
Eh, suprimo!
Como vai camarada?!
O compadre me chamou para uma pescaria,
nem sei por onde andamos,
só sei que foi a noite toda,
risco de cair naquela ribanceira,
mas eu já tive lá várias vezes,
e agora eu tô aqui, esperando...
nem sei quando eles vêm me buscar,
já pensastes, hum!!!
mas rapaz!...
Minha filha me diz:

“Papai, quando eles vierem, diga que o senhor não quer ir, que está cansado, e pronto! A gente só vai pra a aonde a gente quer ir!
(Maria Costa e Silva, 2022).

É verdade!...
(Narrado por Raimundo Silva, 2021)

11 O OUTRO E EU por Clóvis Zoberto Santos dos Reis

(Homenagem à Língua Brasileira de Sinais, 2022)

Um olhar para o horizonte, eu sem o outro, eu sem eu

Uma expectativa, uma ansiedade,
Um palpitar no coração, suor nas mãos!
O novo! O outro! Eu, dono da situação?

Uma fala de silêncio,
Incompreensível até o momento!
Alheio de ti, preso nos meus pensamentos,
Fito o meu vazio.

No silêncio das tuas mãos, a minha voz!
Nos muitos movimentos, a composição dos meus pensamentos!
No teu olhar, eu por dentro.

Ah! Que alívio! Pude me entender!
Na expressão do teu rosto, na forma do teu corpo. Eu e você!
Me falas no teu olhar. Sem som, entendo o teu pensar!
Minhas mãos, tuas mãos, podemos caminhar.

12 UMA CARTA DE AMOR⁷ por Denise Santos Lima

Rio de Janeiro, 8 de janeiro de 2021.

Olá, Sol!

Darei início a essa carta lhe pedindo desculpas pela demora da resposta. Uma carta nesse teor da sua não pode ser respondida às pressas. É questão de ato responsável, amoroso, sem álibi. É carta de amor, que não tem como ser respondida sem amor.

Dois mil e vinte foi um ano potente de transformação! Nós entendemos o recado! Você disse muito bem: “demos uma contra palavra ao normalizado mundo capitalista”, à “mortificação em vida da vida” (adorei isso!). Nada de lamúrias, lamentações e estagnações. Alerta total para não escorregarmos na armadilha “do ‘eu’ identitário esmagando e apagando as forças libertárias e tensas da alteridade”. Tenho me esforçado a cada dia para ficar em estado de atenção. E nossos estudos contribuem demais para isso.

Que deleite está sendo reler essa carta! Estou certa de que lerei muitas vezes. É festa de renovação! Olha o que você fala da escuta:

“A escuta é o dote supremo de quem quer transformar-se e transformar as relações no mundo. (...) A escuta é o nosso maior tesouro. A escuta é nosso maior tesouro. A escuta é nosso maior tesouro”.

Ora, se não é um mantra que não pode faltar em nossas vidas!!!!

Penso que a escuta não é um tesouro fácil de se conquistar. Juro para você que estou aberta a ela, mas nem sempre minha compreensão responsiva é favorável ao enfrentamento da padronização e da subjugação. Sigo tentando.

Fico impressionada com sua capacidade de ver pontos de luz em seres tão complicados como nós, por exemplo. Você disse que se sente feliz de ver o que foi feito no grupo, no ano de dois mil e vinte, e também de ver o tanto que ainda não foi feito, e que repousa em estado de nascença. Espera lindas escrituras de teses. Isso é ato de confiança! De minha parte, farei o possível para não te decepcionar.

⁷ Este texto é uma resposta à carta da coordenadora do Grupo Atos-UFF (professora Marisol Barenco de Mello), do qual faço parte, enviada a este grupo no encerramento dos trabalhos realizados ao longo do ano de 2020 (primeiro ano da pandemia causada pela Covid-19). À época, eu cursava o segundo período do curso de doutoramento em Educação.

Como é bonito de ver você falando do Grupo Atos! Sabe que o pessoal do meu trabalho não entende bem como eu permaneço em um grupo de estudos acadêmicos por tanto tempo? Nunca ouviram falar que dentro da “dureza” da academia possa haver um grupo que seja “uma grande família amorosa”, como você colocou muito bem. Sempre digo (respondo) que somos um grupo que vai além do institucional, que não estuda apenas para cumprir a carga horário do mestrado ou do doutorado. Um grupo bakhtiniano estuda para tentar transformar o mundo e a vida. E não seria nada coerente de nossa parte se não começássemos a mudar a nossa própria relação enquanto grupo. Vivemos uma relação de amor e amizade com todas as intempéries próprias do humano que vive em um mundo degenerado pelo sistema capitalista. Mas não desistimos. Estamos a todo tempo dançando na corda bamba de sombrinha, como bem disse Elis Regina em sua brilhante interpretação de “O bêbado e a equilibrista”.

Assim como fez em sua carta, também abro um parêntese pra falar da relação orientadora/orientanda(o). Mas falarei especificamente da nossa relação. Tenho plena consciência de que não tenho nenhuma condição de seguir nesse curso de doutorado sem tê-la como meu “corrimão”. Me refiro ao corrimão com o sentido dado por Augusto Ponzio, na entrevista que lhe concedeu para a revista *Teias*, quando dialogavam com Hanna Arendt, que propõe um “pensar sem um corrimão” como um clamor à liberdade de pensamento. Logo no início da conversa, Ponzio pergunta: “Podemos passar sem alguns ‘corrimãos’ dos outros, dado que há alguém que quer nos ajudar enquanto descemos escadas íngremes, incompletas, que se erguem no vazio?” É com esse sentido que afirmo não ter condições de seguir com a pesquisa do doutorado sem ter você como meu ‘corrimão’. Sou muito feliz por ter me permitido entrar em sua vida desde o dia em que Katia e eu fomos recebidas por você, em sua sala, na UFF. Lembra? Gosto de contar essa história para recordar o começo desse grande encontro. Entrei com a Katia em sua sala, muito sem graça e com receio de levar um ‘não’ como resposta à proposta que iríamos lhe fazer. Estávamos no final do curso da pós⁸ e lhe propomos que nos

⁸ Pós-Graduação Lato Sensu em Alfabetização das crianças das classes populares, promovido pelo GRUPALFA, na Universidade Federal Fluminense (UFF).

orientasse na monografia que escreveríamos juntas sobre nosso trabalho com alfabetização no CIEP. Acho que também já contei a parte da história que trata do medo que tínhamos de te ligar para tirar uma dúvida. Na nossa visão, você era uma professora gigante que não poderia ser importunada com nossas besteiras. Imagina se, naquela ocasião, soubéssemos que você tinha sido orientanda do Leandro Konder e que entregou um trabalho porreta de final de disciplina, sem o ter procurado para tirar um fio de cabelo de dúvida? Aí mesmo é que não iríamos te ligar. Achávamos que você havia dado o seu telefone por educação. Ainda não sabíamos que sua generosidade é tão gigante quanto sua inteligência e sua potência de humano.

Falei tudo isso pra dizer que o respeito e o cuidado com você na nossa relação de orientação continuam o mesmo, apesar da nossa intimidade construída em uma relação de amizade e amor. Também gostaria que soubesse que em nenhum momento deixei de compreender o quanto é importante o seu grau de exigência para que não nos contentemos com uma palavra fraca, achando que com ela vamos mudar o mundo.

Você fala da impossibilidade de terminarmos o ano de dois mil e vinte com um encontro para brindarmos mais um ciclo de estudos (um brinde regado a muita comida e calor humano, como é de costume no nosso grupo). Mas veja o que saiu no limite de suas forças: a celebração com uma carta de amor que espera (co)respondências com a possibilidade de serem sementes dos textos que precisam nascer em dois mil e vinte e um. Quanta potência!!!! Teria jeito melhor de encerrar esse ano se não com a força de nossa escritura? Você fez jus ao que falou no início da carta: ressignificou o trágico e deu sua contrapalavra, transformando o mundo. Nossa vida não será mais a mesma depois dessas (co)respondências.

Assim como você, também desejo que o fluxo da cura de nossas doenças sociais, mentais e espirituais venha com a força da correnteza de um rio levando embora o nosso orgulho, nosso egoísmo, nossa covardia e tudo aquilo que nos apequena, como você mesma disse. Procurarei não esquecer da lição que aprendi com Bakhtin: o outro é mais importante, ele me concede a existência. Por isso é tudo pelo outro!

Quero destacar o meu desejo em especial pela cura de sua saúde física, que bem sabemos estar ligada às doenças sociais, mentais e espirituais que vimos sofrendo. Nesse momento, você acaba de passar por um procedimento cirúrgico e eu espero que sua recuperação seja rápida e satisfatória. Agora é seguir cuidando da alma!

Encerro essa carta com aquele recado que Leandro Konder lhe escreveu, ao ler um texto seu no curso de doutorado:

“Você tem qualidades poderosas. Uma delas é a de ter muito a dizer, que se transforma numa força incontrolável. Outra magnífica qualidade é a ousadia do pensamento acompanhada da prudência”.

Que mulher!!!! Que cabeça!!!! Que força!!!! Quero estar ao seu lado sempre! Conte comigo como amiga, orientanda, membro do Grupo Atos, tesoureira, corretora e o que mais estiver ao meu alcance.

Te amo muito!

Denise

13 SOCORRISTAS por Victor Batista Branco

"Faça como um velho marinheiro que durante o nevoeiro, leva o barco devagar...". Assim ressoava a canção de Paulinho da Viola nos ouvidos de Carlinhos que passeava pelos corredores da loja dentro do Shopping, pesquisando os melhores preços de lâmpadas Led, pois há semanas, o corredor de sua casa sentia a falta do menor feixe de luz para alumia-la.

A melodia da viola escorregava suave com a voz do sambista, consolando o coração de Carlinhos que ansiava encontrar a tal lâmpada o mais rápido possível, na pressa de voltar para casa antes da hora do rush no terminal rodoviário. Lembrou no meio do caminho, no entanto, que o seu dinheiro estava na poupança e, por isso, não poderia comprar no débito. Teria de passar no banco para resgatar o valor para a conta corrente. Seu celular estava descarregado, do contrário, poderia com praticidade realizar a operação.

Tentando resistir à murmuração, insistia nas canções de Paulinho da Viola, pois sentia o abraço de casa e até o gosto e a gelada temperatura da cerveja que o esperava. Saindo do shopping e descendo a rua à direita, teria de passar por uma praça antes de chegar no banco. Ao atravessar a rua do lado norte da praça, alcança a calçada de seu portão principal, passando por algumas barracas com seus penduricalhos e utilidades. Depois de virar à direita, fica há alguns metros de um pequeno ponto de ônibus que servia de ponto de embarque de algumas Kombis que transportavam o povo para uma comunidade próxima do centro da cidade.

Ao dar alguns passos, testemunha um moço desabar, caindo de costas e batendo com a cabeça no chão. Carlinhos correu para acudir o moço, uma jovem moça também. Ela vestia uma calça preta e uma blusa verde, tinha cabelo preto e liso. Outro rapaz de bermuda jeans e camiseta cinza também se aproximou e junto com Carlinhos levantou o moço que parecia desacordado.

Eram 16:30 de uma tarde ensolarada. A sorte do acidentado e daqueles que lhe prestavam socorro eram as árvores da praça que estendiam como braços os seus galhos, fazendo-lhes sombra e abrigo diante do calor que abatia

o mês de novembro. Outra árvore menor que residia naquela calçada também prestava alguma ajuda.

Enquanto isso, Carlinhos e o rapaz de camiseta cinza tentava manter o moço sentado. Agachada, a jovem moça perguntava pelo nome do acidentado. Os curiosos juntavam-se à cena, olhando de longe. Outra moça que trabalhava em frente à cena do acidente, atravessou também para prestar socorro. A primeira moça que já prestava socorro, afastou-se para ligar para a SAMU. Olhando para os curiosos, perguntava o número da ambulância. Uns diziam 190, outros 19 "alguma coisa", 17 "outra coisa", até ouvir uma voz informada, mandando ligar para o 192. Conseguindo falar com a atendente, não recebeu boas notícias. Foi informada de que ainda tentariam identificar alguma ambulância disponível para o socorro, como que dizendo "sem previsões".

A esta hora, os curiosos já formavam um cordão em torno do local do acidente, em diferentes e confusas camadas. O moço, com o corpo estirado no chão, já estava acordado e sentindo dor. Parecia algum problema do coração, imaginava Carlinhos. Isso o afligiu bastante.

Enquanto um pequeno caos se formava ao redor do acontecimento, um homem que se identificou como Chiquinho reconheceu o moço ao chão. Chamando-o pelo nome, tentava consolá-lo dizendo "Flávio, Flávio... Chiquinho tá aqui, fica tranquilo...", ao passo que esfregava o seu pulso com alguma força e energia. Aquilo não pareceu nada adequado para Carlinhos que a esta hora já tinha esquecido da lâmpada e da cerveja, procurando atenta e inquietamente por algum sinal de sirene.

O homem de camiseta cinza já havia desaparecido, quando os guardas municipais se aproximaram de Flávio. A moça de blusa verde agora acudia diretamente Flávio, colocando a mochila debaixo de sua cabeça, enquanto Chiquinho esfregava freneticamente os seus pulsos. A moça da loja da frente, vestida com um avental branco, agora ligava para a emergência. Dois guardas agacharam, enquanto um terceiro manteve-se de pé com os olhos arregalados. Todos os três eram homens fortes e grandes. Os guardas que acudiram Flávio não tiveram problema de virá-lo levemente para o lado.

Um dos guardas, porém, o mais velho e que demonstrava maior iniciativa, irritando-se com Chiquinho, ordenou-lhe que parasse de esfregar os pulsos de Flávio. Chiquinho se justificava que Flávio era seu vizinho, lá da comunidade. Questionando se Chiquinho, por acaso, era médico, o guarda ordenou-lhe que parasse mais uma vez, sem obter a resposta desejada. Diante da obstinação de Chiquinho, o guarda o afastou à força. Chiquinho não pôde diante de tamanha força bruta, embora praguejasse e reclamasse, reivindicando o direito de socorrer a vítima, pois afinal de contas, Flávio era seu conhecido, lá da comunidade. Mas, o guarda manteve-se firme na sua decisão, tentando aplicar os procedimentos corretos do socorro, embora sendo a atitude um tanto truculenta. Assistindo a cena de "luta", Carlinhos consentiu na atitude de afastar Chiquinho, embora sentisse compaixão do companheiro de socorro que assistia triste, junto ao poste, Flávio gemer ao chão.

A moça de avental branco assumiu certo protagonismo ao mostrar certa desenvoltura ao amparar e consolar Flávio no chão, enquanto perseverantemente ligava outra vez para a emergência. O tal guarda "truculento" olhou para os companheiros e disse que estava disposto a levar Flávio no carro da guarda, embora exigisse a companhia de algum civil em caso de ocorrer tragicamente o falecimento do acudido durante o trajeto para o hospital. Temia o óbito do acidentado e possíveis inconveniências jurídicas.

Sem obter quaisquer respostas, olhando impacientemente para a rua à espera da ambulância que não vinha, o guarda levanta determinado a levar o acidentado para o hospital mesmo correndo riscos judiciais. O guarda com os olhos arregalados, relatava com ar de perplexidade o caso de um policial na cidade vizinha que recebeu voz de prisão de um juiz por transportar uma pessoa na tentativa de prestar-lhe socorro. "Complicado... a gente tenta ajudar, mas se enrola...". Carlinhos ouviu curioso o relato, encenando certo ar de espanto, embora nem precisasse do esforço, por estar realmente abismado com todo o conjunto da obra.

O carro da guarda municipal agora encostava para levar Flávio que ainda gemia de dor no chão. E nada da ambulância, mesmo diante dos esforços da moça de avental branco, ao argumentar a urgência do caso para

a pessoa que a atendia ao telefone. Quando as portas da viatura se abriram e finalmente os guardas estavam prestes a carregar Flávio para dentro do carro, a moça de avental branco ouviu na ligação que a ambulância enfim fora enviada. Enfim, estava a caminho. Do outro lado, a voz orientava a moça que os guardas não retirassem Flávio do lugar, pois os médicos e os enfermeiros da SAMU estavam mais preparados para agir mais rápida e adequadamente *in locus*.

A informação lançou outro ar de hesitação e incerteza. Flávio permaneceu no chão, sentindo dor, gemendo e vertendo lágrimas. A esta hora, conhecidos da comunidade já estavam na cena e já haviam identificado Flávio. Uma das senhoras já tentava um tanto nervosa ligar para a esposa do acidentado, a fim de avisá-la do incidente. A moça de avental ofereceu-se para ligar, argumentando estar mais calma que a senhora que de fato tremia com o celular na mão.

Carlinhos a esta hora observava e reagia a algumas coisas comedidamente, tentando em vão, manter calmo o entorno do acontecimento envolvido em camadas e camadas de burburinhos aleatórios. Os curiosos circulavam e transitavam a certa distância a procura de informação, desferindo ora ou outra opiniões e palpites do que fazer.

De repente, um rapaz de blusa listrada e calça jeans, disse com veemência que levaria Flávio para o hospital na Kombi. O guarda "truculento" disse que ele teria de responsabilizar-se pelo ato. Sem pestanejar o rapaz disse que sim, pois Flávio era seu parente. Aproximando-se da calçada, o motorista da Kombi abriu a porta e correu para o volante. O guarda "truculento" correu para a viatura, pois iria na frente com a sirene ligada para abrir caminho. Os grandes guardas pegaram Flávio pelos braços e pelas pernas e o levaram para a Kombi que disparou na frente no fechar de suas portas, seguida da viatura da guarda que berrava a urgência do caso através de suas sirenes, brilhando a luz vermelha.

Na cena do acidente, uma jovem da comunidade recém-chegada, censurava o guarda "truculento", chamando-o de estúpido e babaca. Não entendia como alguém escolhia tal profissão que a seu ver deveria em primeiro lugar cuidar das pessoas, tratando-as com mais gentileza. A moça de calça

preta e blusa verde argumentava em defesa do guarda "truculento", relatando que desde os primeiros momentos do socorro ele deseja levar Flávio para o hospital o mais rapidamente, trazendo o carro da guarda para próximo da calçada. Só não o fez, porque a moça de avental branco que cuidava de ligar para a emergência, informou que uma ambulância estava a caminho e que a atendente advertiu que os guardas não levassem o acidentado para o hospital.

E a ambulância nada de aparecer. Carlinhos ainda aguardou dois ou três minutos no local do acidente, medindo os segundos embasbacado de tamanha demora. Já tinha ouvido falar que a SAMU não era nada eficiente, mas agora sentia na pele a ineficiência da saúde pública. Preocupava-se com Flávio e rezava por ele, segurando secretamente o seu terço, deslizava sutilmente uma cruz no peito, na ardente expectativa de um milagre, pois era o que Flávio precisava diante da demora da ambulância e do imbróglio do "leva" e "não leva". Pedia a Deus, por médicos e enfermeiros iluminados que olhassem para Flávio como Chiquinho, que o segurou pelas mãos antes de ser impedido pelo guarda.

Chiquinho não saiu da cena do acidente, mesmo depois da covarde luta contra o estúpido guarda que o levou para as grades da praça que nem papel. Carlinhos teve vontade de colocar as mãos nos ombros de Chiquinho que ali estava, mas reduziu-se a olhar nos olhos do corajoso socorrista como que a consolá-lo.

Quando atravessou a rua, descendo-a à direita e depois virando à primeira esquerda, ainda atentava aos sons da sirene que não dava ar de sua graça. Passando por um bar de esquina, nem lembrou da cerveja gelada à sua espera. Virou mais uma vez à direita e entrou no banco. Ao sacar o dinheiro para comprar a lâmpada e pagar a sua passagem, a brevidade da vida passou-lhe pelos olhos. Desejou retornar à praça para saber de Flávio, quem sabe alguém ali soubesse alguma novidade. Talvez os outros guardas. Mas, Carlinhos mal sabia que a esta hora já conversavam sobre futilidades ao pé da praça como se corpos ao chão fossem qualquer coisa, embora tal fato fosse tragicamente corriqueiro.

Saindo do banco e virando à direita e mais uma vez à direita, estava novamente em frente à praça, mas na calçada oposta. Entrou na lojinha de

elétricos e comprou a lâmpada mais barata. Saindo da lojinha, vira à direita e encontra para a sua surpresa uma ex-namorada que sem reconhecê-lo, passaria de largo se ele não a chamasse. Julgou-lhe envelhecida, mais séria e madura. "Sheila?!", chama Carlinhos, pegando a moça de surpresa enquanto deslizava o dedo no celular. "Tá me reconhecendo não? Carlinhos, Primo de Kátia!". "Eita, não te reconheci, tá diferente...", disse Sheila com riso amarelo e apressado. "Pois é...", disse Carlinhos, embaraçado e acometido repentinamente por uma força que o inclinava para frente.

Rindo, Sheila se despede e continua a sua caminhada na direção oposta de Carlinhos que atravessa para a calçada na esperança de obter alguma novidade. As coisas, no entanto, já haviam mais ou menos voltado ao normal. O ponto de embarque da Kombi agora enchia e aglomerava-se. As vozes não se ocupavam do acontecimento que minutos antes mobilizara a praça. A multidão se diluiu, o que se tinha agora eram pessoas difusas, umas encostadas às grades da praça, outras segurando os seus filhos no colo, algumas com compras nos braços, todas talvez aguardando o próximo transporte que as levaria para casa.

Carlinhos, enfim, aquietava-se, pelo menos era o que julgava. Tudo acontece tão rápido. Tudo passa. A morte eminente de um pobre era só mais um na estatística, pensava, coisa quase banal que servia no máximo para manchar a reputação dos administradores públicos que dariam algum jeito de arrefecer momentaneamente os ânimos. Pensava na fragilidade da vida e como Flávio havia repentinamente caído. Tudo tão rápido. Como estaria a esta hora a esposa e os filhos? E Flávio, como estaria agora?

Ao menos as pessoas próximas ao acidente não permaneceram indiferentes à queda de Flávio e logo o socorreram, mesmo dentro de suas limitações. Carlinhos estava entre os socorristas, a moça de blusa verde, o rapaz de camiseta cinza, a moça de avental branco e os guardas municipais também, mesmo o "truculento" que na sua falta de lida agiu com estupidez com Chiquinho que tentava segurar as mãos do conhecido ainda que fosse em seus minutos finais de vida.

Chiquinho não se afastou de Flávio mesmo depois de censurado e constrangido pela força bruta do "truculento" guarda. Mantivera-se em pé,

encostado no poste, bem próximo a Flávio, olhando com as suas dores, como se os gemidos do aflito fossem também seus.

14 O GRITO MUDO por Soraya Cristina Moraes

Tolice minha, pensar que encontraria algo diferente. Já tão calejada de presenciar a cena, no fundo do coração ainda trago um raiozinho de esperança.

Infelizmente, a cena se repete, a Libras não resolve, não alcança, não transmite.

A menina surda de 15 anos aflita, seu corpo pequeno, sua pele morena, seus traços marajoaras, era sua primeira vez, na prova que deveria transformar sua vida, mas o computador que deveria ajudar, não consegue reproduzir a mídia, e mesmo que pudesse, como ela entenderia? Ela não conhece a Libras...

Eu, na qualidade de intérprete, naquele momento me sinto impotente, como se todos os anos de estudo tivessem sido em vão, e penso: é mais um caso, entre tantos, de Língua de Sinais Emergentes.

Com mil desculpas dadas pela coordenação, outro computador é disponibilizado... falso engano, este também não presta.

A menina confusa, olha em volta, e com os olhos tenta entender o que acontece. No fundo ela sabe. Sabe que não escutar e não poder se comunicar lhe condena. Condenação dolorosa, pela incapacidade de expressar, que se atrela à impossibilidade de estudar.

Nesse momento, fico perdida, o tempo passa, o tempo voa, e como farei? Seus olhos procuram pelos meus, seus olhos gritam, um grito silencioso, um grito mudo...

Tento lhe acalmar, pois é muito difícil lhe explicar. Percebo que ela não sabe ler, ela não sabe nem seu nome assinar, para isso precisa de seu documento para copiar e, mesmo assim, o Ensino Médio conseguiu completar.

Seus olhos gritam, me buscam como se eu fosse sua única saída, como se naquele momento uma conexão estabelecida, fizesse meus ouvidos os seus.

Ela segue a marcar... segue a escolher... segue a folhear... mesmo sem saber o mínimo ler.

Um texto ela tem que escrever, mas como, sem isso saber fazer? Uma lágrima brota de seus olhos, não sei direito se ela sabe que por meio da escrita

precisa se expressar. Seus olhos gritam, gritam tão alto sem um ruído sequer externalizar que atingem os meus, que também teimam em junto chorar.

E agora, o que farei? Devo ajudar? Devo lhe enganar e me igualar aos inúmeros professores que ela teve na vida e que só fizeram lhe enganar, quando deveriam lhe ensinar?

Pelo vidro da janela, ela vê a noite chegar, ela olha para o escuro, já que as horas escritas no quadro, nada podem representar, pois aqueles números, ela não sabe decifrar.

Ela somente marca, aleatoriamente escolhe, olha a quantidade de páginas restantes e deve imaginar o quanto ainda vai demorar. E deve pensar se vai estar muito escuro quando ela a prova terminar e para sua casa, no bairro da Atalaia, ela tiver que retornar.

Domingo estarei novamente lá, espero que ela vá. Sei que é muito difícil responder o que quer que seja, contando somente com o adivinhar. Espero que não desista, espero que não pare de tentar, espero que um dia a cena mude, e que possamos olhar para trás e perceber que, mesmo com tanto sofrimento, valeu a pena lutar.

**15 AS ATIVIDADES DE LETRAMENTO E O DESENVOLVIMENTO
CULTURAL E PSICOLÓGICO DE JOVENS COM SÍNDROME DE DOWN por
ANTONIO SERGIO VASCONCELOS DARWICH⁹**

Introdução

Neste trabalho vamos analisar o papel das interações em pequenos grupos no desenvolvimento cultural e mudanças psicológicas em jovens com Síndrome de Down que não tenham frequentado escola. Estas mudanças psicológicas ocorrem num plano microscópico e são bem localizadas em atividades específicas, como uma brincadeira de faz-de-conta (ou brincadeiras de papéis), com jovens com Síndrome de Down não escolarizados.

Esta atividade fez parte da pesquisa do grupo AFIM (Afetividade, Inteligência e Moralidade) e foi coordenada pelo professor Sergio Darwich, entre os anos de 2014 e 2015. Participaram desta atividade alunos e alunas de Pedagogia, Letras e Biologia, seja na organização, nas observações, anotações como na abordagem na atividade propriamente dita. Nossa atividade de pesquisa, à época, girava em torno de aspectos psicológicos e sociais de jovens com Síndrome de Down que não frequentavam escola, mas eram atendidos pela APAE Moju.

O local destas atividades foi a APAE de Moju. Os sujeitos escolhidos para esta atividade foram: Daniele, 16 anos; Zé, 17 anos; Ed, 19 anos e Carlos, 22 anos.

O procedimento utilizado para observar estes jovens, numa atividade compartilhada, foi uma *brincadeira de faz-de-conta*, também denominada na literatura científica de *brincadeira de papéis*. O tema da brincadeira foi: Almoço em Família.

A situação dos jovens

Eram todos filhos de pequenos agricultores do município de Moju. Nenhum deles frequentou a escola e não foram alfabetizados. Sabíamos que eles não gostavam do ambiente escolar e que seus pais também não foram orientados para inseri-los na escola. Graças à APAE, encontraram um

⁹ Professor de Psicologia da Universidade do Estado do Pará (UEPA)

ambiente de convivência social e de aceitação afetiva tanto para eles como para suas famílias serem orientadas.

Os quatro jovens participavam tanto das festividades como de algumas atividades relacionadas a cuidados de saúde e socialização, na APAE. Todos, porém, eram tímidos e muito introvertidos. Dificilmente falavam de suas vidas, suas relações de amizade ou com a família. Tinham aversão à escola e não frequentavam outros lugares além da APAE e a igreja, esta última por imposição das famílias. Apesar disto, graças ao trabalho da APAE, alguns deles, em especial o Carlos, contribuía nas tarefas relacionadas à família. Carlos fazia pequenas compras, acompanhava os pais em tratamentos de saúde, entre outras situações. Como veremos a seguir, não tiveram dificuldades de se relacionarem com os estudantes da UEPA, nas atividades do nosso projeto. Até gostavam de estar entre nós.

Além da atividade de brincadeira, apresentada neste trabalho, o nosso grupo de trabalho organizou outras atividades em torno de literatura infanto-juvenil, jogos, brincadeiras e de socialização em situações posteriores a este trabalho.

A análise inicial desta atividade nos permitiu observar a relação entre alunos e um professor da UEPA/Moju com estes jovens com Síndrome de Down em diferentes atividades. Por meio destas atividades, observamos que uma conduta dependente das circunstâncias imediatas dá lugar a uma conduta emancipada das circunstâncias imediatas, graças às ações de signos, gestos significativos, imagens mentais, simbolismos e relações sociais relevantes. A conduta voluntária, como pudemos observar nas atividades observadas, é acompanhada por funções psicológicas tais como afetos, sentidos pessoais, imaginação, fantasias, memória, atenção voluntária, fala, pensamento, entre outras. Estas levam às generalizações das vivências interiores que podem abrir grandes possibilidades de alfabetização destes jovens. Acreditamos que estas atividades, típicas do período pré-escolar, como a narração de contos, desenho/pintura e brincadeiras de faz-de-conta (ou brincadeiras de papéis) podem criar as possibilidades de desenvolvimento cultural e psicológico (simbólico, intelectual e afetivo) para o aprendizado da escrita-leitura, tanto de sujeitos comuns e daqueles com síndrome de Down.

Por que escolhemos a brincadeira de papéis como atividade?

Trata-se de uma atividade inicial. Posteriormente, organizamos outras mais complexas como a leitura de contos infanto-juvenis seguida de representação teatral sobre o que haviam compreendido sobre o conto e jogos de regras.

A atividade de brincadeira nos permitiu estabelecer mais facilmente trocas sociais e comunicação verbal com eles. Também nos possibilitou conhecer melhor suas capacidades intelectuais, afetivas, morais e culturais. Ao final da atividade, eles demonstraram que estas capacidades, embora com muitas restrições, eram maiores do que a família e a APAE relataram para nós.

Breve Referencial Teórico

O desenvolvimento psicológico e cultural dos jovens que participaram destas atividades propostas por nosso grupo de trabalho é caracterizado pela peculiaridade, especificidade e diferenciação, em relação às crianças e jovens não portadores de síndrome de Down. É evidente, nestes jovens, dificuldades intelectuais acentuadas que, no entanto, podem ser compensadas por um processo de socialização e de desenvolvimento de outras funções psicológicas, como memória (principalmente a visual), imaginação, afetividade, moralidade e um desenvolvimento da fala oral que lhes permitem estabelecer trocas sociais significativas na família, na comunidade onde vivem, na APAE, entre outros espaços. Possuíam ainda um grau, maior do que nos foi relatado, de independência e autonomia, pois circulavam na cidade, realizavam compras, operações com dinheiro sem ajudas de terceiros.

Observamos, também, que as funções psicológicas mais fundamentais como fala, personalidade (ou Sistema Eu, que motiva a criança a responder às suas necessidades pessoais), Eu Social (que motiva o interesse e a participação social) estão presentes, mas de forma muito peculiar. Faltou-lhes o passo seguinte em direção à escolaridade, muito mais por limitações sociais como, por exemplo, a inexistência de escolas que respondessem às suas necessidades ou devido às limitações materiais da APAE, em Moju. Por outro lado, estes jovens encontraram dificuldades visíveis de desenvolverem neoformações afetivas como autoestima, o amor-próprio e a capacidade de

autojulgamento (VIGOTSKI, 1934/2000). Esta condição se deve, em parte, à síndrome. Porém, suas maiores dificuldades se devem ao isolamento social. Reconhecemos que não participar plenamente das organizações culturais, como a escola – com exceção da APAE e das famílias – é a principal causa do atraso cultural e psicológico destes jovens. Isto aconteceu, principalmente, em razão do preconceito, da falta de informação por parte da família, da sociedade e em consequência do abandono sofrido pela própria escola.

Nossa hipótese de trabalho é que por meio de atividades, como as brincadeiras de papéis, poderíamos desencadear um processo social que proporcionassem as trocas semióticas e, em consequência, a capacidade de regular a própria conduta e de regular as próprias funções psicológicas, como diálogo, imaginação, memória visual e auditiva, atenção voluntária, afetividade, moralidade e formas de pensamento, mesmo aquelas mais básicas. Nas atividades seguintes, iríamos proporcionar outras atividades mais complexas que incluiriam signos gráficos, como desenho e pintura.

Estas atividades, quando sistematizadas com intensidade e coerência durante o chamado período pré-escolar, promovem o letramento e, como consequência, preparam o indivíduo para a escolaridade formal, a começar para a leitura e escrita.

O mais fundamental é que os signos sociais, presentes nestas atividades culturais citadas acima, serão responsáveis pela humanização do sujeito. Em outras palavras, serão responsáveis pela socialização do indivíduo. Neste processo de socialização, os signos transferem para o indivíduo, parte da bagagem cultural inerente à sociedade onde este indivíduo vive e se relaciona com os outros. Neste processo de desenvolvimento, estes signos sociais serão a chave para, num primeiro momento, regular de fora a conduta do sujeito. Posteriormente, os signos irão regular a conduta do sujeito de dentro. Ou seja, esta passagem dos signos externos para os signos interiores transforma a conduta involuntária em conduta voluntária (autorregulada). Esta é a principal conquista da socialização da criança. Como diz Vigotski (1930/2007: “(...) o signo opera inicialmente na conduta infantil como um meio de relação social, como uma função intersíquica. Posteriormente se converte num meio pelo qual a criança controla sua conduta de modo que o signo simplesmente

transfere para o interior da personalidade a atitude social em relação ao sujeito” (p. 51).

Logo, o desenvolvimento da personalidade parte de um sistema involuntário, inconsciente e indiferenciado segundo o qual o sujeito não tem qualquer controle sobre sua conduta, sendo escravo das circunstâncias. Este sistema é governado por funções psicológicas elementares, de origem biológica, como percepção elementar, memória de reconhecimento, atenção elementar e ação. Portanto, o comportamento do indivíduo se reduzem a reações a estímulos externos (BOZHÓVICH, 1987; 2004; VYGOTSKI, 2006). A personalidade se desenvolve em direção a um sistema psicológico que possui uma função psíquica sem correlatos anteriores: a vontade, responsável pela já mencionada conduta voluntária ou autorregulada. Graças à vontade, o indivíduo se emancipa das circunstâncias imediatas e determina, também, sua conduta a partir de motivações interiores e históricas. Este sistema é governado por funções psicológicas superiores, de origem social, como já vimos também (BOZHÓVICH, 1987; VYGOTSKI, 2006; 2012).

As especificidades do desenvolvimento psicológico de sujeitos com Síndrome de Down.

Uma das maiores dificuldades do sujeito com Síndrome de Down é a mesma do sujeito normal: a passagem da conduta involuntária e inconsciente, de base natural, para a conduta voluntária, autorregulada, socializada, de origem social.

O psiquismo normal possui uma base afetiva e motivacional fluida e flexível que permite o desenvolvimento em direção à conduta voluntária e às abstrações. Porém, a criança com síndrome de Down sofre uma profunda alteração dos [...] impulsos volitivos básicos, primários e pela insuficiência intelectual (VYGOTSKI, 2012, p. 249). Em consequência, os traços psicológicos da criança com Síndrome de Down são, como assinala a literatura, a inércia na ação e a imobilidade dos afetos, o pensamento concreto e visual-direto e dificuldades de abstração, baixa atenção, déficits significativos na memória auditiva e na conduta volitiva; possui insuficiente diferenciação de sua personalidade e infantilismo geral (KLEINHANS E SILVA, 2006; FERREIRA; FERREIRA; OLIVEIRA, 2010; OLIVEIRA, 2007; OLIVEIRA,

2010; VYGOTSKI, 2012). Por outro lado, o sujeito com síndrome de Down é firme e enérgico quando busca um fim e sua capacidade de percepção também permanece ilesa (VIGOTSKI, 2012). Significa que nem todas as funções psicológicas são afetadas por igual. Portanto, as novas combinações interfuncionais (entre as funções psicológicas da consciência), equilibram as funções deficientes. Este processo peculiar é chamado de compensação (OLIVEIRA, 2007; VYGOTSKI, 2012). A base do processo de compensação das funções psicológica são os vínculos interfuncionais, os quais permitem [...] “que o desenvolvimento de uma função compense e substitua o de outra” (VYGOTSKI, 2012, p. 141). Logo, mesmo que a criança com síndrome de Down não desenvolva o pensamento abstrato, podemos observar em seu lugar, a manifestação ativa do gesto, da fala, da afetividade, da imaginação, da memória visual, exatamente como Vygotski (2012) explica a dinâmica criativa da personalidade: [...] o caráter de memorização direta, transforma-se num processo de combinação, imaginação, pensamento. (p.138).

Por outro lado, os meios auxiliares da cultura, como os signos sociais, presentes na fala, no desenho, nos gestos, na brincadeira, na escrita, exercem um papel decisivo, como já vimos, no desenvolvimento do sujeito com síndrome de Down (OLIVEIRA, 2007). Os signos sociais transformam a conduta involuntária em voluntária e conscientes. Consciência esta que se forma a partir de combinações específicas e peculiares das funções psicológicas superiores (conscientes). Estas funções psíquicas conduzem à [...] tese da coletividade como fator de desenvolvimento das funções psicológicas superiores da criança normal e anormal (VYGOTSKI, 2012). Portanto, o desenvolvimento incompleto das funções psicológicas superiores se deve, sobretudo, ao desenvolvimento cultural incompleto da criança mentalmente deficiente, à sua exclusão do ambiente cultural (VYGOTSKI, 2012, p. 144).
Apresentação de dados da brincadeira de papéis almoço em família.

Nesta brincadeira Almoço em Família, surgiram situações em que foi possível analisar as funções psicológicas presentes. Selecionamos o trecho abaixo para nossa análise.

P: -Quem cozinha na casa de vocês, quem faz a comida?

Zé: -Minha mãe.

P: -E na sua casa, Carlos? Quem faz a comida?

Carlos: -Minha mãe.
P: -Sua mãe, também?
Carlos: -É (faz sim com a cabeça).
P: -E Zé, na sua casa, quem é que cozinha, faz o almoço, a comida?
Zé: -Minha mãe.
P: -O que ela faz pro almoço?
Zé: -Arroz, peixe, jabá, açai...
P: -Você gosta mesmo de que?
Zé: -Açai e jabá. afeto
P: -E você Ed, quem cozinha na sua casa? Quem faz a comida, o almoço...?
Ed: -Mãe.
P: -Então, Carlos, quem é a sua família, fala aí quem são seus irmãos. Você tem irmãos?
Carlos: -Sim, tenho.
P: -Quantos irmãos você tem?
Carlos: -Seis. Número – signos sociais
P: -E você Zé, quantos irmãos você tem?
Zé: -Três. Numero – signos sociais
P: -Três? Eles almoçam com você?
Zé: -É.
P: -Quem mais almoça com você?
Carlos: -Meu pai. Regras sociais eu social moralidade
P: -Hum... e quem ajuda na cozinha, na casa de vocês.
Carlos levanta o dedo. Eu social
P: -Carlos, você ajuda em que?
Carlos: -Eu lavo louça, lavo prato, panela...
P: -Muito bom, legal... E você, Zé, ajuda sua mãe na cozinha?
Zé faz não com a cabeça.
Quando todos brincam de *Almoço de Família*, Carlos e Pesquisadoras dividem os pratos de comida entre os outros jovens. Ed, Zé e Carlos, cada um, pega um prato de plástico e suas colheres. Ed, enfim, anima-se a participar.
P: -Quem vai querer carne?
Carlos põe um pedaço de “bife” (de EVA) no seu prato. Ed também coloca um bife no seu prato e o mesmo faz Zé. A brincadeira, realmente, começa agora. Todos participam sem a interferência das estudantes/pesquisadoras. Carlos é o primeiro a começar a comer de faz-de-conta. Leva a colher de comida de brincadeira à boca e imita mastigação. Zé coloca a comida de brincadeira no seu prato de brincadeira, leva a colher à boca e imita a mastigação. Os rapazes, vez por outra, pegam os pratos de arroz e de salada, de carne e de feijão e imitam os gestos de se servir de comida. Carlos se serve de salada e tira um pouco de arroz, apanha a colher e mistura sua comida. Gira a colher em círculos, misturando a comida, sem falar e meticulosamente. Neste momento, quando não se exige falar (uso da linguagem), quando a brincadeira depende de gestos, há mais fruição, prazer e desembaraço.

Iniciamos nossa análise demonstrando, por meio de alguns poucos recortes sobre os dados apresentados, como algumas funções da consciência emergem por meio da atividade social e do diálogo.

Recorte 01: Como vimos acima, após a pergunta da aluna/pesquisadora: “- Quem cozinha na casa de vocês, quem faz a comida?” O jovem (Zé) responde: “-Minha mãe”.

Aqui vemos que a atividade começa a se deslocar do presente imediato para o histórico, para fora das circunstâncias imediatas. O jovem procura a resposta na sua memória e nos seus afetos.

Recorte 02: Depois temos o seguinte diálogo:

P: -O que ela faz pro almoço?

Zé: -Arroz, peixe, jabá, açai...

Comentário: Aqui temos aspectos da cultura regional, aspectos importantes da memória, da atenção, pois o jovem seleciona alguns alimentos na sua memória.

Recorte 03: P: -Você gosta mesmo de que?

Zé: -Açai e jabá.

Comentário: aqui observamos uma vez mais aspectos da memória, da afetividade e da atenção voluntária. São respostas que deslocam do imediato para a história do indivíduo e história social imediatas.

Recorte 04: P: -Quantos irmãos você tem?

Carlos: - Seis.

P: -E você Zé, quantos irmãos você tem?

Zé: -Três.

Comentário: Aqui os jovens, Carlos depois Zé, utilizam signos numéricos em suas respostas. Desta forma não só correspondem às necessidades surgidas no diálogo como orientam sua resposta por meio dos signos, como nas respostas anteriores.

Recorte 05: P: -Quem mais almoça com você?

Carlos: -Meu pai.

P: -Hum... e quem ajuda na cozinha, na casa de vocês.

Carlos levanta o dedo. Eu social

P: -Carlos, você ajuda em que?

Carlos: -Eu lavo louça, lavo prato, panela...

Nestes trechos acima, observamos, uma vez mais, a autorregulação por meio dos signos da memória, quando o jovem acrescenta a presença do pai à mesa de almoço. Outra função psicológica importante é o Eu Social. A presença desta função demonstra que participar e cooperar com seu próprio grupo social familiar passa a ser uma necessidade do indivíduo (Eu lavo louça, lavo prato, panela...). Demonstra também que este jovem anseia ser promovido à vida adulta. Ao contrário de outro jovem (Zé) que não possui estas necessidades (P: E você, Zé, ajuda sua mãe na cozinha? Zé faz não com a cabeça).

Recorte 06: Todos participam sem a interferência das estudantes/pesquisadoras. Carlos é o primeiro a começar a comer de faz-de-conta. Leva a colher de comida de brincadeira à boca e imita mastigação. Zé coloca a comida de brincadeira no seu prato de brincadeira, leva a colher à boca e imita a mastigação. Os rapazes, vez por outra, pegam os pratos de arroz e de salada, de carne e de feijão e imitam os gestos de se servir de comida.

Carlos se serve de salada e tira um pouco de arroz, apanha a colher e mistura sua comida. Gira a colher em círculos, misturando a comida, sem falar e meticulosamente. Neste momento, quando não se exige falar (uso da linguagem), quando a brincadeira depende de gestos, há mais fruição, prazer e desembaraço.

Neste trecho, observamos a ausência ou diminuição drástica de signos verbais e uma elevação na quantidade de signos gestuais, mais presentes nas brincadeiras de papéis. Estes gestos significativos representam uma situação social passada e, ao mesmo tempo, vivenciadas interiormente pelos jovens. Estes signos que presenciamos orientaram a conduta dos sujeitos de fora sob forma de signos sociais. Hoje, estes mesmos signos sociais orientam a conduta destes sujeitos a partir de sua consciência. E desta forma, constituem a autorregulação, a conduta voluntária. Este tipo de conduta emerge necessariamente das relações sociais e dos signos sociais.

Considerações finais

Na atividade planejada, a brincadeira de papéis cujo tema foi Almoço em Família, permite que se estabeleçam vínculos sociais relevantes e o diálogo entre sujeitos. Em consequência, emergem funções psicológicas da consciência em relação umas com as outras (imaginação, fala, afetos, memória visual, atenção voluntária, Eu Social, moralidade e a presença de signos sociais orientando a conduta dos sujeitos) que compensam as deficiências mencionadas anteriormente. Atividades culturais, como a analisada neste trabalho, abrem caminho para o comportamento voluntário e para o desenvolvimento da consciência como um todo, pois contribuem para que signos sociais passem a orientar a conduta do sujeito a partir de sua consciência. As atividades de letramento propostas criam mediações interfuncionais entre a idade pré-escolar e a escolar em sujeito com síndrome de Down que lhes permitem desenvolver funções da consciência necessária para as atividades de socialização e de alfabetização. Observamos, porém, que os sujeitos em questão não frequentaram a escola e não tiveram acesso a bens culturais importantes como a alfabetização e a convivência escolar. As consequências disto na atividade proposta se manifestam na timidez e na

forma lacônica e breve que respondem às questões dirigidas a eles. Só participam da brincadeira com maior desenvoltura quando esta traz para o centro os signos gestuais no lugar dos signos verbais. Portanto, o desenvolvimento incompleto da consciência se deve ao desenvolvimento cultural incompleto e, este último, à exclusão destes jovens do ambiente cultural (VIGOTSKI, 2012).

REFERÊNCIAS

BOZHÓVICH, L.I. Las etapas de Formación de la Personalidad en la ontogenesis. In: DAVIDOV, V.; SHUARE, M. (Orgs.). **La psicología evolutiva y pedagógica en la URSS** (antología). Moscú: Progreso, 1987.

BOZHÓVICH, L.I. Developmental Phases of Personality Formation. In **Childhood (I)**. Journal of Russian and East European Psychology, vol. 42, nº 4, July August 2004.

FERREIRA, D.R.S.A., FERREIRA W. A. & OLIVEIRA. M.S. **Pensamento e linguagem em crianças com síndrome de Down**: um estudo de caso da concepção das professoras. Ciências & Cognição. Vol 15 (2): agosto/2010.

KISHIMOTO, T. M. Brincar, letramento e infância. In: KISHIMOTO, T. M. & FORMOSINHO, J. O. (Orgs.). **Em busca da Pedagogia da Infância**. Porto Alegre: Penso, 2013.

LURIA, A. R. **Curso de psicologia geral**. Vol 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

OLIVEIRA, A.A.S. Descrição da fase inicial da escrita de crianças com síndrome de Down. Disponível em: UNESP, Marília, 2007 Acesso em: 15/12/2013 Notas sobre apropriação da escrita por crianças com Síndrome de Down. **Cadernos de Educação**. Pelotas (36), 2010, mai/ago.

SILVA, M.F.M.C. & KLEINHANS, A.C.S. Processos cognitivos e plasticidade cerebral na Síndrome de Down. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília, v.12, n.1, p Jan.-Abr A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. Disponível em: Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais. Rio de Janeiro, Nº 8, jun/2008, acesso em 15/12/2012.

VIGOTSKI, L.S . El problema de la edad. **Obras Escogidas**. Vol IV. Madrid: A. Machado Libros S. A. 2006.

VIGOTSKI, L.S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Editora Ática, 2009.

_____. Acerca de los procesos compensatórios en el desarrollo del niño mentalmente retrasado. In: **Obras Escogidas**. Vol V. Madrid: Visor Dis. S. A. 2012.

_____. El problema del retraso mental. In: **Obras Escogidas**. Vol V. Madrid: Visor Dis. S. A. 2012.

VYGOTSKI, L. S. & LURIA, A. R. **El instrumento y el signo em el desarrollo del niño**. Madrid. Colección Cultura y Conciencia, 1930/2007.

16 DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE ALTERIDADE por Simone de Jesus da Fonseca Loureiro; Lorena Bichoff Trescastro; Vania Maria Batista Sarmanho

RESUMO

Neste artigo, objetiva-se analisar dialogicamente as relações de alteridade na constituição da identidade de um aluno com Deficiência Intelectual (DI) que frequenta uma turma de Educação de Jovens e Adultos. Apoiar-se na seguinte questão norteadora: como o estudante com DI se constitui a partir da palavra do outro? Trata-se da análise de narrativas, mais especificamente, da identificação das relações básicas de alteridade: eu-para-mim; eu-para-o-outro e o outro-para-mim. Os resultados indicam que as relações eu-outro influencia significativamente na formação do sujeito, sendo pertinente a proposição de que ninguém está condenado a nascer, viver e morrer em uma identidade fixa e imutável.

Palavras-chave: Narrativas. Relações de Alteridade. Identidade. Dialogismo.

1 Introdução

Esse artigo tem como foco de análise a palavra – entendida aqui como enunciados, discursos, narrativas – em um movimento dialógico em que a percebe como um ato responsivo do pesquisador. Saber ouvir e reconstruir o contexto da narrativa é a tarefa daquele que opta pela Análise das narrativas do participante com Deficiência Intelectual (DI).

Dessa forma, o objetivo da pesquisa é analisar dialogicamente as relações de alteridade na constituição da identidade de um aluno do Atendimento Educacional Especializado (AEE) da Educação de Jovens e Adultos (EJA) com DI, o que exige uma análise minuciosa das narrativas em que a leitura, a releitura, a interpretação e a reconstrução do contexto são fundamentais, trazendo como questão norteadora: como o estudante com DI se constitui a partir da palavra do outro?

2 Estudo da Alteridade em Bakhtin

Bakhtin (2011) no texto **Apontamentos de 1970-1971**, contribui para o conceito de alteridade, quando apresenta três relações existentes no mundo: 1) relação entre os objetos; 2) a relação entre um sujeito e um objeto; e, 3) as relações entre sujeitos. No primeiro caso, elege como objetos fenômenos químicos, relações matemáticas, relações linguísticas etc. No segundo caso, a relação entre um sujeito humano e objetos, sendo que o objeto pode ser um

sujeito. No terceiro caso, as relações são exclusivamente entre sujeitos, sendo assim uma relação dialógica, responsiva, com construção de sentido dos enunciados.

O ser humano participa de todos os três tipos de relações, que nas ciências humanas assume a sua importância de acordo com cada tipo de investigação ou metodologia.

Desse modo, Bakhtin (2011) define a relação entre sujeitos, como sendo aquela que acontece em sua concretude, em que as pessoas têm um nome, têm sua integridade física e intelectual, em que há responsividade nos atos, bem como por ser uma relação de interação entre o eu e o outro, remete mais uma vez ao inacabamento, a abertura e a inconclusibilidade.

Sobral (2016), sobre a análise do texto **Apontamentos de 1970-1971**, destaca a importância da relação entre sujeitos em sua concretude e esclarece que o eu não se funde com o outro, que a individualidade na relação de alteridade não desaparece,

Em outros termos, reconhecer a própria situacionalidade não implica renunciar à individualidade, mas pelo contrário, em conquistá-la e firmá-la (responsabilizando-se por ela). Assim, o fato de o sujeito ser constituído pelos outros não implica na perda da individualidade, mas seu enriquecimento (SOBRAL, 2016, p. 180).

A ênfase para a questão de alteridade nos **Apontamentos de 1970-1971** aborda a imagem que temos de nós mesmos, quando questiona como o sujeito se vê, como os outros nos veem, bem como nós vemos os outros. Então, nesse movimento do eu, de como me vejo, de como o outro me vê e como eu vejo o outro vão se construindo as categorias de alteridade dadas pelas relações do eu-para-mim, o eu-para-o-outro e o outro-para-mim.

Quando o eu é constituído dessas três situações de alteridade, o eu-para-mim é quando minha autoconsciência cria uma concepção de mim mesmo; o eu-para-o-outro está na distinção da concepção que tenho em relação ao outro; e, o outro-para-mim é a concepção que o outro me atribui de forma mais imediata.

Nesse ponto, Bakhtin (2011) relaciona as formas de interação como elementos importantes para a construção da imagem que se vê do eu, como se o espelho tivesse vários ângulos, dependendo da posição que tenha uma

determinada imagem, sendo que na abordagem bakhtiniana a diferença ou distorção da imagem é o que refrata o sujeito, pois parte da interação entre o eu e outro o que torna o ser humano aberto o tempo inteiro a novas possibilidades de imagens que em suas combinações e disparidades refratam o sujeito constituído pela alteridade.

Sendo assim, acrescenta-se a visão de que existe uma fronteira entre as palavras, ou seja, o eu é um terreno diferente do outro, que ao cruzar este terreno por meio da palavra acontece uma tensão – entre o eu e outro –, pois ambos têm sua individualidade e diferenças, por isso que cada relação terá características próprias, podem ser conflituosas ou não, mas que deixam suas marcas tanto no eu como no outro. Dessa experiência única e irrepetível ambos saem sempre modificados, o eu não deixa de existir, mas agrega o que experimentou na luta dialógica.

3.1 Análise das Narrativas de um aluno com DI: Relações dialógicas no trabalho.

A narrativa de Gabriel é permeada por situações do ambiente de trabalho. As conversas ocorreram na escola, com o relato das relações que acontecem em uma rede de supermercado em que trabalha.

Ao iniciar a entrevista de vídeo gravada pelo celular, os pesquisadores notaram que o participante ficou preocupado com a autoimagem na gravação, não pela divulgação do vídeo, porque confiava que não ia ser disseminado, mas se preocupava com a sua imagem, com as palavras que ia dizer, como autor do discurso e o destinatário. (Diário de campo, 23 ago. 2018).

Pesquisadora (PE): Vamos conversar sobre a rede de supermercados, que amanhã vai ter uma greve geral, fala Gabriel.

Gabriel (GAB): Oi.

PE: Pode falar normal.

GAB: A gente não sabe vai ter essa greve geral na terça-feira, amanhã, a gente tá esperando uma proposta do supermercado “Apetitoso”, todos os embalador, funcionário. Eles querem fazer uma greve geral e a proposta eles quer tirar o *ticket* alimentação! E eu acho isso aí é errado, e nosso direito, né? Dos trabalhadores e eles quer demitir todos funcionário pra rua e isso aí é errado, porque isso aí, e a gente tem que pra rua e tomar nossos direito!

PE: E eles querem colocar o sábado e o domingo?

GAB: O sábado e o domingo de das oito às duas, de é... domingo, feriado das oito às quatorze e dia de semana a gente quer butar até das oito às dez da noite, será que eles vão conseguir esse direito? Essa lei trabalhista?

PE: Tomara que não! (Gravação em vídeo, 23 ago. 2018).

Nessa situação, explicitada pelo diário de campo, notou-se que a relação de alteridade estava no eu-para-mim. Essa alteridade se desdobra em dois momentos, o primeiro no eu-para-mim foi identificado quando “o participante ficou preocupado com a autoimagem” (Diário de campo, 23 ago. 2018), em que se viu na tela do celular, e o segundo no eu-para-o-outro, quando o participante revela seu posicionamento sobre um determinado assunto, no caso a greve dos supermercados. Então, o cuidado ao falar se torna maior do que uma simples conversa, porque o participante sabe que a sua ideia será transmitida pelo menos a uma outra pessoa que terá acesso ao que representa. Nesse processo, verifica-se que

Podemos tentar imaginar, a nossa própria imagem externa, perceber-nos de fora, traduzir-nos de linguagem da autossensação interna para a linguagem da expressividade externa: nem de longe isso é tão fácil, requer um esforço inusitado; essa dificuldade e esse esforço não se parecem em nada com aqueles que vivenciamos ao memorizarmos o rosto pouco conhecido e meio esquecido de outra pessoa; aqui não se trata da insuficiência da memória da nossa imagem externa mas de certa resistência de princípio que oferece a nossa imagem externa. Por meio da introspecção é fácil verificarmos que o resultado inicial dessa tentativa será o seguinte: minha imagem expressa começa, em tons vacilantes a definir-se ao lado de minha pessoa vivenciada por dentro, destaca-se apenas levemente da minha autossensação interna em um sentido adiante de mim e desvia-se um pouco para o lado, como um baixo-relevo, separa-se do plano de autossensação interna sem desligar-se plenamente dela (BAKHTIN, 2011, p. 28).

O participante se distancia da relação inicial do eu-para-mim e se desloca para a interação que predomina o eu-para-o-outro. A preocupação agora está na mensagem que o eu – o participante Gabriel – vai transmitir para o outro que verá o vídeo – mesmo que seja apenas os pesquisadores, pois “a produção do discurso vem da ação do sujeito em interação com ao menos outro sujeito, sendo o sujeito o mediador entre os sentidos socialmente possíveis [...] de acordo com as condições específicas da interação” (SOBRAL, 2009, p. 102).

Sobral (2009) esclarece que o sujeito enunciativo, que nesse caso é Gabriel, é um sujeito concreto não no sentido empírico estrito, mas como o sujeito do discurso, da narrativa. Desta forma, ele se preocupa com a sua autoimagem, que não simboliza o seu rosto propriamente dito, mas o que a sua fala irá representar para o outro. Esse processo para uma pessoa com DI

tem uma carga responsiva ainda maior, visto que historicamente sua voz foi silenciada, pois apenas os que leem e escrevem na maioria das vezes podem se manifestar socialmente. O autor ainda acrescenta que “o sujeito sempre se constitui no discurso como uma personagem de si mesmo, uma ‘máscara’, um ‘pape’ construído na situação em que se encontra” (SOBRAL, 2009, p. 96).

A partir disso, Gabriel incorpora o sujeito enunciativo, expondo em sua narrativa a interação entre o eu e o outro que tem como protagonistas o trabalhador e o empregador em circunstância de tensão, pois a iminência de uma greve nas redes de supermercados revela que o contrato de trabalho está ameaçado e esta situação não atinge apenas a Gabriel, mas a todos os funcionários, conforme revela o trecho: “Eles querem fazer uma greve geral é a proposta. Eles querem tirar o *ticket* alimentação! E eu acho isso aí é errado, e nosso direito, né?” (Gravação em vídeo, 23 ago. 2018). Nesse enunciado, o pronome “eles” se refere aos funcionários e à organização de uma greve geral, ou seja, não apenas do supermercado em que Gabriel trabalha, mas de vários supermercados; o segundo pronome “eles” remete aos donos de supermercado que ameaçam tirar o *ticket* alimentação dos seus funcionários. Nessa situação de retirada do benefício ocorre uma relação de opressão ao trabalhador, essa decisão irá repercutir na vida de todos os funcionários e conseqüentemente incide sobre as relações familiares.

Colocando no centro das relações os direitos trabalhistas, ou a classe trabalhadora, tem-se a opressão, com a predominância do outro-para-mim, sendo o outro o empregador, a classe patronal. Na reivindicação, o predomínio é do eu-para-o-outro, sendo o eu – a classe de trabalhadores, que em resposta a retirada de alguns benefícios passa a reivindicar por meio da greve a negociação com seus patrões para que não aconteça a perda.

Na relação de opressão percebe-se que Gabriel expõe que acha errado serem retirados os direitos dos trabalhadores. Remetendo as abordagens da deficiência: a pessoa com DI, pela abordagem médica, tem o seu déficit cognitivo como único elemento a ser considerado nas relações sociais, o que o limitaria a fazer conexões e julgamentos sobre a assimetria das relações entre patrões e empregados, mas a narrativa de Gabriel demonstra o inverso, contrariando os preceitos dessa abordagem.

O fato de Gabriel estar inserido no mercado de trabalho, também o situa na abordagem da deficiência do bem-estar social, que oportuniza que ele esteja inserido em discussões reais que propiciaram a ampliação de suas ideias e atitudes sobre os problemas sociais, sobretudo daqueles que estão trabalhando nas redes de supermercados. Então, a inserção de Gabriel no mercado de trabalho não reflete apenas no poder econômico que passou a adquirir, mas refrata sobre o modo como se vê e como atua com criticidade perante as relações entre empregador e empregado.

Destacou-se alguns trechos extraídos do relatório pedagógico do AEE, os quais se aproximam das características de Gabriel tendo um olhar diferenciado do laudo médico que apresentou uma identidade fechada e definitiva:

Gabriel é extrovertido, educado, interage bem com as pessoas, colegas, professores e funcionários. Acredito que o fato dele trabalhar, no supermercado, contribui para tal característica. Ele tem compromisso com os estudos, não gosta de perder aula.

A leitura é comprometida, lê palavras curtas, com sons mais simples. Ao longo do semestre trabalhamos a leitura a partir da consciência fonológica, quando o aluno foi estimulado a atentar para os sons que emitia e relacioná-los a determinada grafia, nessa atividade Gabriel era atencioso e esforçado. Quanto aos resultados positivos desta atividade, ele oscilava em alguns momentos apresentava avanços e outros não (RELATORIO DE AEE, 2015, p. 1).

Nessa abordagem já é possível perceber a interação entre a professora do AEE e o aluno Gabriel, considerando o estudante com uma percepção de totalidade, ou seja, não é apenas a condição orgânica que representa a pessoa com deficiência, mas a cadeia de suas interações sociais, isto é, a relevância do outro nesse processo. Por esta razão, ao ter acesso ao olhar da professora do AEE, pode-se qualificar como relação de alteridade biossocial, em que leva em consideração tanto os aspectos biológicos, como sociais para realizar o parecer pedagógico prevalecendo a relação o outro-para-mim.

Nesse caso, a relação que a professora estabelece com Gabriel não é de sujeito com objeto, mas uma relação entre sujeitos. Nessa perspectiva, a relação social é evidenciada como uma forma de transformação positiva quando afirma que “Gabriel é extrovertido, educado, interage bem com as pessoas, colegas, professores e funcionários. Acredito que o fato dele

trabalhar, no supermercado, contribui para tal característica” (Relatório de AEE, ano 2105, p. 3).

4 Considerações finais

Este artigo concebe-se o sujeito de pesquisa como pessoa que historicamente é construída por palavras alheias e palavras suas. A partir das narrativas do estudante com DI, foi possível estabelecer uma análise dialógica, em que as relações de alteridade foram sendo desveladas, caracterizadas e analisadas.

Retomando o objetivo geral que foi analisar dialogicamente as relações de alteridade na constituição dos alunos do AEE da EJA com DI, pode-se perceber que a relação eu-outro está tanto nas narrativas do aluno, como em outras vozes de quem falam sobre eles, como as contribuições do registro do diário de campo com as percepções da professora do AEE, dando subsídios para a análise dialógica.

Na resposta para a questão – como o estudante com DI se constitui a partir da palavra do outro? – percebemos que, o Gabriel se constitui a partir das relações do eu-para-mim, eu-para-outro e outro-para-mim, validando os princípios da teoria do círculo de Bakhtin, em que o ser humano está em constante transformação, e que portanto, nesse as características da pessoa com deficiência intelectual, supera aquelas supostamente apontadas pela medicina, mostrando que o pesquisado tem autonomia em construir seus pensamentos, sua trajetória de vida entre seus pares, bem como, pessoas relacionadas com seu vínculo de trabalho, e assim lutar por seus direitos, políticos, econômicos e social, desenvolvendo habilidades e competências a partir da relação com o outro. Então não é apenas como ele se vê, nem apenas como as pessoas o veem, mas sua imagem é uma construção da tensão entre os diálogos que experimenta no ato responsável de viver.

REFERÊNCIAS

Bakhtin, Mikhail Mikhailovitch. (2011). O autor e a personagem na atividade estética. *In*: Bakhtin, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes: p. 1-192.

Sobral, Adail. (2009). **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas, SP: Mercado das letras.

Sobral, Adail. (2016). Estética da criação Verbal. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto: p.165-187.

17 EU-OUTRO-NÓS: MULHER EM PROCESSO DE RECONHECIMENTO E TRANSFORMAÇÃO por Josane Daniela Freitas Pinto¹⁰

Quando me olho no espelho, não me vejo. Não me reconheço! As lutas diárias me fazem esquecer de mim, de quem sou. Exigem de mim perfeição. Não quero ser perfeita. Cansada, explorada, silenciada! Assim, vou vivendo? Não vivo, me arrasto nesta existência sem sentido, nesta sociedade doente de egoísmo e individualismo. Cansada, desiludida, violentada! A mulher de hoje não conhece mais sua imagem no espelho.

Quando me olho no espelho, vejo a mim? Não me reconheço! Enojada desta sociedade que exige de nós a perfeição. Somos tudo e nada ao mesmo tempo. Não há respeito, pudor, empatia. Nada. Assim, vou vivendo? Não vivo. É uma outra que vive no meu lugar. Não me reconheço. Não me vejo no espelho. Do meu olhar vejo um outro olhar. Talvez mais madura, mais experiente, quem sabe? Perfeição? Não, obrigada. Empatia? Sim, quero muito. Respeito? Sim e quero que ele esteja presente em todos os lugares.

De mim o outro, a outra e os outros me olham, mas não me veem. Eles não me reconhecem! De mim eles tiveram ajuda, apoio, palavra amiga. De mim, tiveram também o silêncio, a indiferença, o medo, a insegurança. Não me senti à vontade na presença dos outros. Julgada, mal falada, invejada, criticada. Não me reconheceram. Não viram meu reflexo no espelho. Não houve e não há respeito. Eu vi o outro, a outra, os outros? Não sei. Talvez sim.

Os outros me viram? Acho que não. Eles não veem tímidos, introvertidos. Este mundo definitivamente não é dos tímidos. Sempre querem nos mudar. Eles não me reconheceram, me ignoraram, me silenciaram! Ser mulher neste mundo não é fácil. Machistas, misóginos, até as mulheres também são. Nem sei o que dizer. Sei o que devo calar? Melhor gritar, melhor protestar, quem sabe? Vivemos com medo, medo de todos, de tudo. Do escuro, dos homens bêbados, nojentos, das religiosas fanáticas... dos estacionamentos escuros, desertos... Ser mulher não é fácil. Nunca foi! Os

¹⁰ Prof^a Dr^a do Curso de Letras Inglês-CCSE/UEPA. Coordenadora do Grupo de Estudos em Linguagens e Práticas Educativas da Amazônia.

outros nos querem submissas, caladas, rindo baixo, porque é pecado gargalhar.

E a revolução acontece? Sim. Eu-para-mim; eu-para outro e outro-para-mim. Tudo é possível. Tudo muda, tudo gira em uma verdadeira possibilidade de transformação. Quero no eu-para-mim me reconhecer, me olhar e ver que não sou perfeita, que posso errar e voltar atrás, que posso me amar, me consolar, me ajudar nesta travessia. Quero no eu-para-outro ver nele(a) a possibilidade de diálogo, discordar e ser respeitada e respeitar... Ah... seria bom o consenso no dissenso ou seria o dissenso no consenso? Tudo democraticamente conduzido. Eu quero ver no outro uma parte importante da minha mudança. No eu-para-outro, quero ver a presença da empatia, do respeito... Quero ver no outro o que me completa e o que difere de mim; quero ver a verdade; quero ver o riso libertário, completamente livre das amarras do preconceito; quero ver a alegria democrática de discordar sem ser agredida, sem ser ofendida, sem ser morta! Quero ver o amor no outro! Se este outro me odeia, me inveja, sem problema, vamos dialogar com outros e outros, vamos construir novos laços, novas trocas, novos amigos. No outro-para-mim, quero ter sem dúvida um espaço para falar sem medo de ser criticada, sem ser olhada com receio. Se sou diferente, e daí, somos todos diferentes, somos únicos, somos singulares. Quero ter o respeito e o carinho do outro que está sempre ao meu redor. Nem perto, nem distante, sempre aqui. Não sou mais eu apenas, somos eus e somos outros. “Dos meus olhos olham os olhos alheios” (BAKHTIN, 2020, p. 51). Eu-outro-nós em um ciclo dinâmico, inacabado!

REFERÊNCIA:

BAKHTIN, Mikhail. **O homem ao espelho**: apontamento dos anos 1940. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

18 CASO BETH: A DISCRIMINAÇÃO CONTRA NORDESTINOS por José Anchieta de Oliveira Bentes; Rita de Nazareth Souza Bentes; Huber Kline Guedes Lobato

RESUMO

Este ensaio tem o objetivo de discutir um possível conceito de alteridade centrado na concepção bakhtiniana. A materialidade são duas publicações nas redes sociais da empresária Beth a respeito dos votos dos nordestinos no candidato Lula nas eleições de 30 de outubro de 2022. Na primeira publicação, a empresária expressa seus posicionamentos xenofóbicos contra os nordestinos; na segunda, ela pede desculpas por esses posicionamentos, em razão da repercussão que a primeira postagem teve nas mídias sociais. O problema de pesquisa configurou-se assim: ocorre alteridade na primeira publicação de Beth em relação aos nordestinos? A tese que se defende é que ocorre algum grau de alteridades nas declarações de Beth, mostrando oscilações em seus discursos marcadamente preconceituosos e de classe. Palavras-chave: Alteridade; Xenofobia; Nordestinos.

1 REFLEXÕES INICIAIS

Vivemos no Brasil em tempo exacerbação de atitudes xenofóbicas, acentuadas pelo que se designou de ódio na política. O ensaio que elaboramos para esta Roda de conversa do GELPEA pretende discutir o conceito de alteridade centrado na concepção bakhtiniana e a partir desta, discutir a atitude preconceituosa contra nordestinos.

Procuramos neste ensaio discutir um caso específico, que designamos de Caso Beth, com o objetivo de discutir o conceito de alteridade. Começamos afirmando, provisoriamente, que alteridade é: respeitar o outro, apreender com o outro, ver a dignidade existente no outro, aceitar o outro como ele é, na sua diferença. Vamos verificar lendo em uma rede social, o Facebook do dia 30/11/2022 de Beth, na sua primeira postagem, que não respeita, não aprende, nem apreende, não vê dignidade, não aceita os nordestinos, com atributos fortes como passa-fome, miseráveis, pobres, desgraçados, pedintes. Desse posicionamento, a tendência mais comum seria a de que não existe nada de alteridade nessa sua postagem. Será mesmo? O que diz Bakhtin? Qual a concepção bakhtiniana de alteridade? É este o nosso problema: a partir do ponto de vista bakhtiniano, não existiria nenhuma alteridade no primeiro discurso de Beth em relação aos nordestinos? Vamos conversar sobre isso, primeiramente conjecturando sobre o caso e depois chegando a algumas

conclusões, provocando o debate, estabelecendo a polêmica e aguardando outras posições.

2 CONJECTURANDO O CASO BETH

Vamos iniciar essa conjectura, colocando três perguntas que podem não ser respondidas em sua totalidade, mas que dão um caminho metodológico para pesquisa. As perguntas: 1) quem são os outros? 2) como o outro é representado? e; 3) quais as categorias de alteridades? Já fica mais ou menos claro que há várias possibilidades de percepção do outro, que vai desde a famosa frase de efeito de que “é preciso nos colocarmos no lugar do outro”, passando pela possibilidade de darmos a vida ou dedicarmos cada momento de nossas vidas ao outro – com intenções religiosas – ou em uma situação oposta, tratando o outro como inferior, subjugado, até a possibilidade de colocar o outro como ser responsivo.

É nessa última perspectiva que nos identificamos, colocando o filósofo russo Mikhail Bakhtin como representante, que pretendia a criação de uma ciência que centrasse seus estudos no outro, designada por heterociência ou metalinguística, tendo como objeto de estudo os enunciados concretos, que seriam analisados em sua totalidade, e em particular “os diferentes tipos e graus de alteridade da palavra alheia e as diferentes formas de relação com ela (estilização, paródia, polêmica, etc.), os diversos meios de sua exclusão da vida do discurso” (BAKHTIN, 2017, p. 23).

Vamos, em breves palavras, apresentar a perspectiva bakhtiniana, citando esses três ensaios desse autor. No primeiro ensaio **Reformulação do livro sobre Dostoiévski**, escrito nos anos de 1961 a 1962, temos um posicionamento de Bakhtin: “Eu não posso passar sem o outro, não posso me tornar eu mesmo sem o outro; eu devo encontrar a mim mesmo no outro, encontrar o outro em mim (no reflexo recíproco, na percepção recíproca) (BAKHTIN, 2003, p. 342), implicando que o eu necessita do outro para se constituir. Tudo certo até aqui, ocorre que em nosso segundo ensaio escolhido, nos **Fragmentos dos anos 1970-1971**, ele afirmou que as relações estabelecidas entre duas pessoas ou entre duas consciências podem ser de “verdades, influências mútuas, [de] aprendizagem, [de] amor, [de] ódio, [de] mentira, [de] amizade, [de] respeito, [de] reverência, [de] confiança, [de]

desconfiança, etc.” (BAKHTIN, 2017, p. 30), o que nos faz afirmar que também ocorre alteridade quando o outro nos petrifica, nos controla ou até mesmo quando aceitamos ser controlados.

E em nosso terceiro ensaio escolhido, o **Para uma filosofia do ato responsável**, escrito entre 1919 e 1921, Bakhtin estabelece três categorias de alteridade: 1ª) o "eu-para-mim" – que é a relação que o “eu” vai se construindo, vai se vendo, se sentindo no mundo; 2ª) o "eu-para-o-outro" – que ocorre quando o “eu” evoca um posicionamento em relação ao outro; e 3ª) "o-outro-para-mim" – que ocorre quando o “outro” se posiciona em relação ao “eu”.

Isso nos deixa intrigados. Vamos admitir como nossa tese que há algum grau de alteridade em toda relação, mesmo nas relações colonialistas, patriarcais. Vamos admitir também que mesmo em uma relação monológica ou xenofóbica, como o caso que vamos tratar, ela ocorre.

Tendo em vista essa perspectiva, vamos passar para as postagens dos dias 30 e 31 de outubro de 2022, após a divulgação do resultado das eleições que elegeu Luiz Inácio Lula da Silva Presidente do Brasil. O posicionamento de Beth – este é um nome fictício que atribuímos à empresária – foi o seguinte:

Parabéns **bando de passa-fome do Nordeste**. Agora não venham aqui para o Sudeste vender suas redes não, amores. Continuem aí nas cidades de vocês, não venham para cá não, **bando de miseráveis, pobres ******* da casa do *****. Continuem no Nordeste de vocês. **Bando de cabeça chata do *******. Continuem aí onde vocês estão, está bom? Fiquem aí. Não venham para cá, não. Não venham para o Sudeste vender as redes de vocês, não. Bando de pobres *****. **Passa-fome**. Vai depender de Bolsa Família para o resto da vida. Vocês gostam sabe de quê? De esmola. Vocês não gostam de carteira de trabalho. Vocês não gostam de trabalhar, não, **desgraça**. Final do ano eu vou para o Nordeste passar férias e sabe quem é que vai me atender? Vocês, numa mesa de bar. Entenderam, amores? Sabe quem é que vai esmolar quando eu passar com o meu carro? Vocês, seu **bando de *******. Vocês que vão esmolar nas praias que eu vou sair do Sudeste para curtir. Sabem por quê? Porque vocês merecem. Vocês merecem pedir esmola, como sempre. Está bom? Nós vamos sair daqui, vamos curtir como turistas e vocês como **pedintes** (Beth, Empresária, Brasil, 30/10/2022, ênfase adicionada).

O texto autoral de Beth em áudio e vídeo estabelece a polêmica. Há uma série de textos em resposta, para logo em seguida ocorrer um outro movimento de Beth, o da “desculpa”, em suas redes sociais, desta vez escrita, em razão da repercussão negativa do seu vídeo nas diversas redes sociais. O texto é o seguinte:

Beth Gente, ontem eu bebi o dia todo, fiquei com raiva, falei mil idiotices, ofendi, briguei até com meu marido, lógico o que falei ã se faz, errei feio, a cachaça passa e as consequências vem, então... já me desculpei morei minha infância toda na Bahia, tenho familiares lá, errei. Ñ quis ofender, ã sou de botar culpa em cachaça, passei dos limites (Pedido de esculpas de Beth - Foto: reprodução das redes sociais, 31/10/2022).

As crenças de Beth, ou seja, as repostas para as perguntas 1) Quem são os outros? e 2) Como o outro é representado? A representação dos nordestinos que votaram em Lula é extremamente negativa: bando de miseráveis, passa-fome, pobres, vendedores de redes, dependentes do bolsa-família, que gostam de esmola, que não gostam de trabalhar, que podem ser resumidos na qualificação de a “desgraça” da sociedade brasileira. Não gostam de trabalhar, mas contraditoriamente são atendentes de mesa de bar. Vivem para servir os turistas, incluindo Beth, que planeja ir ao Nordeste nas férias, para se divertir e ser atendida pelos seus “servos” nas mesas de bar.

Esse ponto de vista de Beth é o do Capitalismo: ela por ser empresária é a que pode usufruir do conforto, das férias. Ela supostamente é a que “resiste”, é a mais “forte”, que sempre é recompensada pelos seus “méritos”, pela sua vontade, pelo seu suposto “sacrifício”. A suposição é que por serem fracos, pobres, pedintes deveriam votar no candidato de direita, Bolsonaro, para sair dessa situação de pedinte, de miserável. Por ter votado em Lula vão permanecer no estado em que se encontram.

Tais posicionamentos em relação aos nordestinos são extremamente xenofóbicos. Percebendo a repercussão, a empresária resolveu se retratar, na sua segunda postagem, atribuindo à “cachaça” a responsabilidade pelo dito ofensivo contra os nordestinos, com o argumento de que passou a infância na Bahia. Achamos: primeiro, dificilmente a empresária bebe cachaça, talvez a escolha desse vocábulo seja para impressionar seus leitores imediatos, colocando toda a culpa pelos seus atos na cachaça. O segundo argumento é de que tem familiares que ainda residem no Nordeste, portanto não é preconceituosa.

A polêmica que estabelece a alteridade é entre a posição de Beth e de um destinatário bem amplo, um supradestinatário, os nordestinos. Assim,

temos: a primeira falante, a Beth autora dos dois enunciados; o segundo, os destinatários, que são os votantes bolsonaristas que provavelmente compartilham do pensamento que os nordestinos são responsáveis pela derrota de Bolsonaro; e terceiro, os supradestinatários que são os que foram ofendidos, que vai acarretar a necessidade de um pedido de desculpas, por parte da primeira enunciadora. O supradestinatário é o terceiro elemento, que “é o elemento constitutivo do enunciado total, que numa análise mais profunda pode ser nele descoberto” (BAKHTIN, 2016, p. 105).

Para Beth, votar em Lula representa permanecer no estado atual de miséria e pobreza; em oposição, podemos deduzir que os nordestinos votaram em Lula na esperança de ter sua vida melhorada, já que com o governo atual, só ocorreu piora, como mostram os dados oficiais.

Essas duas posições podem ser resumidas no quadro 1 a seguir:

Quadro 1: posicionamentos alteritários

Beth	Nordestinos
<ul style="list-style-type: none"> • Ofende. • Ameaça. • Decreta a situação de miserabilidade para o resto da vida, pelo fato de votarem em Lula. • bebe “cachaça”. • Fanatismo. Ofende em nome do seu “mito”. • Defende sua classe, sua família. • Odeia pobre, nordestino. Miogenia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Votam em Lula na esperança de uma vida melhor • Trabalham, mas não são reconhecidos. • Lutam contra a xenofobia, o racismo, o extermínio, o preconceito. • Mantêm uma lealdade com negros, mulheres, LGBTQIA+, nordestinos, indígenas, empobrecidos que vivem no Nordeste.

Fonte: elaboração própria dos autores (2022).

Em resposta a terceira pergunta: quais as categorias de alteridades ocorrem na primeira e na segunda postagem. Acharmos que predomina a de "eu-para-o-outro". A personagem – o eu da empresária Beth – destila ódio aos nordestinos – a quem se destina as mensagens xenofóbicas. Os leitores poderiam argumentar que ocorre um evidente egoísmo – um “eu-para-mim” – manifesto em defender uma posição de classe, da qual representa Beth, mas, afirmamos que esta ocorre com toda certeza, mas não predomina.

Ela destila seu ódio aos nordestinos por achar que estes elegeram Lula e que supostamente o Sudeste, onde ela mora, elegeu Bolsonaro. Tal argumento da empresária não é completo, pois na verdade, conforme os números da eleição, foi a recuperação de votos no Sudeste que deu a vitória a

Lula, sendo esta a principal explicação. A concentração da maioria dos eleitores está nessa região Sudeste e não no Nordeste, nos termos que:

Lula perdeu no Sudeste por 45,7%, contra 54,3% de Bolsonaro — diferença de 8,6 pontos percentuais. À primeira vista, pode parecer uma derrota, mas o resultado representa um enorme avanço do PT. São 7,8 milhões de votos a mais do que o partido obteve no segundo turno das eleições 2018. Isso quer dizer que, de cada dez novos votos que o PT conquistou em 2022, seis foram no Sudeste (ROSSI, 2022, p. 1).

Conforme os dados de Rossi, Lula ganhou a eleição, principalmente, pelos votos que obteve no Sudeste e o Nordeste e parte do Norte consolidaram sua vantagem final. Tal informação vai contra o ponto de vista de Beth que influenciada provavelmente pela mídia e grupos bolsonaristas, ataca o Nordeste, sem fundamento nos dados das eleições. Mas, acreditamos, que de fato seu ódio é em razão de acreditar que os pobres do nordeste são a escória da sociedade, a partir do termo que utiliza: “desgraça”. Em todo caso, mantemos nossa posição de que a personagem Beth agiu em razão de uma atitude responsiva dos Nordestinos, portanto de alteridade: proporcionaram que Lula ganhassem em todos os Estados do Nordeste e isso consolidasse sua vitória no Brasil.

A personagem, no seu segundo texto tenta se retratar, em grande parte culpando a “cachaça” como argumento pela sua atitude misógina. Chega a se contradizer em determinado ponto: “ñ sou de botar culpa em cachaça, passei dos limites” e argumenta que pelo fato de ter morado na Bahia, não era sua intenção ofender a região. De fato, achamos que a questão não é só de espaço territorial, pois possui familiares morando no Nordeste, a questão é de classe social e é racista contra pessoas que não são de sua classe social, fazendo uma escolha de classe, votar na extrema direita.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos, no escopo deste ensaio, analisar as duas declarações de Beth em relação aos nordestinos no contexto do resultado das eleições de 2022. Nosso problema de pesquisa é de questionar a existência de alteridades em suas declarações marcadamente misóginas. Defendemos que mesmo com

ofensas misóginas – com mais força na primeira publicação de vídeo nas redes sociais, de ódio da classe que representa contra pessoas pobres que residem no Nordeste brasileiro –, há algum grau de alteridade, pequeno, uma vez que a relação, do nosso ponto de vista, pode ser não apenas de respeito ou de solidariedade para com o outro, mas também pode servir para subjugar, controlar, em atitudes monológicas de exclusão. E o segundo argumento nosso é que os posicionamentos de Beth ocorrem em razão de uma resposta dos nordestinos à política de ódio e de exclusão do governo de extrema direita, posicionamento que ocorre na cadeia discursiva.

O acontecimento estudado obteve certa repercussão na mídia, indicando a explicitação de um ponto de vista de setores de extrema direita da sociedade, indicando uma forte tendência de um discurso de ódio, no caso, contra Nordestinos. Achamos que conseguimos provar, com base nos números do resultado das eleições presidenciais, que o ponto de vista de Beth é incorreto: não foram só os Nordestinos que elegeram Lula, já que a votação obtida no Sudeste foi a que proporcionalmente fez aumentar a votação de Lula, em relação às eleições passadas.

A posição de Beth, que colocamos no "eu-para-o-outro", a nosso ver, salienta certas características discursivas que devem ser combatidas: a misoginia, que certamente é passível de prisão. E que não se pode atribuir a culpa para tal ato a “cachaça” e mais, seus pedidos de desculpas não são suficientes para provocar o esquecimento dos seus atos. Sua atitude deve ser punida como forma de garantir o respeito ao outro e para a construção de novos ordenamentos, mais justos, democráticos e pluralistas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Fragmentos dos anos 1970-1971. In: BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: editora 34. 2017, p. 21-56.

BAKHTIN, Mikhail. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas um experimento de análise filosófica. In: BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas a edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 71-107.

BAKHTIN, Mikhail. Reformulação do livro sobre Dostoiévski. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 337-357.

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores. 2010.

PINHEIRO, Ricardo. Polícia investiga empresária do ES que xingou nordestinos após resultado da eleição: 'Bando de passa-fome'. **O globo** Rio de Janeiro, 01/11/2022. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/11/com-piscina-ao-fundo-empresaria-do-es-xinga-nordestinos-apos-resultado-das-eleicoes-bando-de-passa-fome-video.ghtml>>. Acesso em 20 nov. 2022.

ROSSI, Amanda. Avanço no Sudeste e menor votação no Nordeste: como Lula ganhou. **Notícias UOL**, São Paulo, 31.10.2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/31/vitoria-lula-2022-destaques-por-regiao.htm>>. Acesso em 21 nov. 2022.

**19 ALTERIDADE E AMOROSIDADE NO CENÁRIO EDUCACIONAL
BRASILEIRO NO PERÍODO DE 2020 A 2022: REFLEXÕES EM FOCO por
Rita de Nazareth Souza Bentes¹¹; Maryella Ostende Bulcão da
Natividade Ganzer¹²**

Neste texto, nós refletimos acerca da atual conjuntura educacional brasileira em um cenário quase pós-pandêmico¹³ e de perspectivas futuras de esperança, alteridade e amorosidade para a educação nacional.

Como sabemos, a educação é direito de todos e é um dever do Estado garantir o acesso e a permanência de crianças e jovens, na idade apropriada, na escola, como preconizam a LDB 9394/96 e a Constituição de 88. Além dessas Leis, ainda contamos com o Plano Nacional de Educação e demais Planos na esfera Estadual e Municipal que amparam os direitos dos estudantes, dos professores e o desenvolvimento da escola pública com qualidade.

Vale ressaltar que para esse desenvolvimento da educação brasileira havia incentivos e, ainda mais, a previsão de recursos do governo Federal estimados entre os anos de 2010 a 2021. Porém, em 2016 com a destituição da então presidente eleita do País Dilma Rousseff, os prováveis recursos foram vetados por seu sucessor tornando inalcançável atingir metas importantíssimas para o desenvolvimento da educação nacional.

O que não contávamos ainda era com a chegada de uma pandemia de 2020 a 2022 que geraria uma enorme crise não somente no setor da saúde, mas também no educacional. Com a chegada da Covid-19 no Brasil muitas escolas foram levadas a fechar suas portas e a trabalhar com o método não presencial de seus docentes a seus discentes. Essa nova forma de ensino, o ensino remoto, em um momento tão único no mundo, levou a educação brasileira a passar por severas desigualdades entre os alunos de escolas

¹¹ Docente do Curso de Letras Libras, da Universidade do Estado do Pará – UEPA/CCSE/DLLT

¹² Técnica da Secretaria Municipal de Benevides - SEMED

¹³ O diretor geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, disse nesta quarta-feira que o fim da pandemia de Covid-19 pode estar próximo. Segundo a agência de saúde da ONU, o número de mortes semanais relatadas caiu para o menor nível desde março de 2020.

públicas e privadas. Estas desigualdades, segundo especialistas, podem levar anos até serem superadas. Neste sentido, voltamos a frisar que, se não fossem os vetos aos investimentos voltados para saúde e educação e diversas manobras do atual governo federal em tentar mascarar e negar os efeitos da pandemia, o Brasil certamente teria passado, com menos transtornos, pela crise do coronavírus.

Para melhor ilustrarmos esse momento pandêmico usaremos as charges de Lézio Júnior (Figura 01), João Bosco (Figura 02) e Nando Motta (Figura 03). No entanto, antes de iniciarmos as análises das charges, apresentamos um breve resumo dos perfis dos chargistas.

Lézio Júnior cursou Comunicação Social jornalismo e atua como ilustrador e cartunista. Já ilustrou diversas revistas, jornais e livros. Seus trabalhos foram publicados na Folha de S. Paulo, O Estadão, O Pasquim21, revista Veja, revista Rolling Stone Brasil, revista Recreio, Época, Playboy, IstoÉ entre outras.

João Bosco é natural de Belém/PA, é chargista, ilustrador e caricaturista de O Liberal desde 1988. Premiado nacional e internacionalmente, J. Bosco é autor de seis livros de humor e publica esporadicamente em livros didáticos de editoras pelo Brasil. É um apaixonado por futebol e, aos finais de semana, não larga os gramados.

Nando Motta não é apenas cartunista e ilustrador, ele é músico, ator e militante ferrenho na luta de uma sociedade melhor e por dias mais dignos e justos a todos, e por esses ideais singulares, ele conservou sua energia em produzir charges e cartuns voltados a essa militância pela humanidade.

Segue a análise das imagens:

Figura 01: Charge de Lézio Júnior



Fonte: SALA DE RECURSO REVISTA. O ano de 2020 e a educação no Brasil.

De acordo com a Figura 01- Charge de Lézio Júnior, podemos observar que o tema central abordado pelo autor, é o ensino remoto vivido pelos estudantes no período intenso da pandemia. A ilustração nos convida a uma reflexão às desigualdades sociais entre os alunos. É possível perceber que o estudante da esquerda está dotado de ferramentas que o auxiliam em seu ensino e favorecem sua aprendizagem. Isso também nos faz refletir que este mesmo estudante tem uma família mais estabilizada e com condições financeiras de oferecer-lhe suporte que provavelmente acordou cedo, tomou café, organizou seu material, ligou seu computador e acessou a aula com sua internet de qualidade.

Já o estudante da direita usando roupas visivelmente simples, tentando cumprir com o distanciamento social ao tentar realizar suas atividades em casa remete-nos aos alunos mais pobres da sociedade. Estudantes, que muitas vezes, os pais estão desempregados e não dispõem de recurso financeiro principalmente para a alimentação e nem para a aquisição de equipamento eletrônico e acesso à internet que possam auxiliar no desenvolvimento escolar. Podemos ainda refletir sobre esse estudante, se o mesmo é filho único ou se possui outros irmãos, também em idade escolar, e que também precisam das ferramentas (celular, computador e internet), para estudar, o que nos leva a pensar que não haverá equipamento para uso de todos na realização das atividades escolares, visto que, todos necessitariam de uma ferramenta própria para o estudo, no mesmo período de tempo.

Figura 02: Charge de João Bosco



Fonte: jboscocartuns.blogspot.com. Volta às aulas pandemia. 10 de agosto de 2020

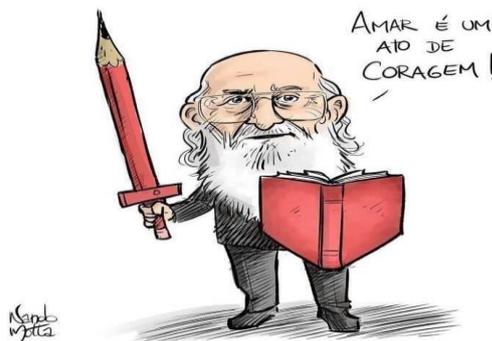
A figura 02 - Charge de João Bosco, nos traz uma reflexão de que a exigência pelo Ministério da Educação/MEC do retorno às aulas ainda expressava uma omissão no que se refere à educação básica nacional nesse

período de pandemia. O chargista dialoga com a sociedade, mostrando o perigo que os estudantes passavam para chegar à escola. Na figura 02 é visível a representação da ponte e da Covid-19 como elementos de ameaça, um esforço que estes eram submetidos entre o caminho da casa até a escola para não desistirem, considerando que muitos voltaram obrigados por não terem ferramentas (celular, computador e Internet) adequadas ao ensino, outros ficaram em casa no ensino remoto e uma parte foi à escola porque aceitava a ideia de que era apenas uma gripezinha, representada no estudante vestido com o uniforme brasileiro e sem usar a máscara corretamente.

Essas, entre tantas outras situações, fazem-nos refletir, enquanto educadores, sobre questões face a tantas desigualdades, conseqüentemente a falta de alteridade e amorosidade no ensino. Por que alunos de uma escola pública não podem ter as mesmas ferramentas tecnológicas de ensino que os alunos de uma escola privada? O que fazer para diminuir essas diferenças que geraram prejuízos aos alunos menos favorecidos? Prejuízo que pode levar anos para serem recuperados.

O que precisamos agora é de políticas públicas de qualidade, mais humanizadas e que não deixem à margem uma grande parcela dos estudantes. Precisamos de políticas com alteridade, que incluam e não excluam alunos. Alteridade, segundo Bakhtin, em sua obra *Para uma filosofia do ato responsável* – escrita em 1924, caracteriza-se como uma não autossuficiência da identidade do indivíduo uma vez que o “eu” não possui existência isolada: há sempre a dependência do outro para a constituição do “eu”, que é incompleto, que vive sempre na fronteira do “eu-outro”, que necessita de convívio, de reciprocidade” (BAKHTIN, 1924 *apud* BENTES; HAYASHI, 2016, p. 855).

Precisamos de um governante que dê esperança aos alunos e à educação brasileira. Precisamos de um governante que usa o conhecimento, o amor, a esperança e a diversidade como suas principais armas contra um governo fascista* e excludente.

Figura 03: Charge de Nando Motta

Fonte: Brasil247.com. Viva Paulo Freire. 19 de setembro de 2020

Para finalizarmos estas reflexões temos a figura 03, também de Nando Motta. Nesta imagem o autor aborda como tema principal o amor pela educação, tomando como base a imagem acima de Paulo Freire. Observamos que este usa um livro e um lápis como ferramenta de uma possível batalha. Observamos ainda, ênfase nas escrituras de que “amar é um ato de coragem” remetendo-nos a uma reflexão de que quem ama está suscetível a correr riscos, está na luta constante por uma educação de qualidade para todos.

Este enunciado leva-nos a pensar sobre os desafios que muitos docentes enfrentam diante das dificuldades (ainda em um cenário de pandemia), em prol de uma educação com mais qualidade e com esperança em um futuro melhor. Ainda usando as escrituras de Freire como referência, em seu livro *Pedagogia da Esperança*, “a esperança precisa de prática para tornar-se concretude histórica, é por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã.” (FREIRE, 1992, p 5). Ou seja, a prática da esperança, nas ações do dia-a-dia do docente no ambiente escolar, é o incentivo para a mudança, de um país melhor, de um mundo melhor.

Assim, o povo brasileiro tem esperança em um governo de amor e compromisso às causas educacionais. O país precisa de pessoas comprometidas com a educação pois uma nação educada é uma nação com perspectivas de futuro, de desenvolvimento, de transformação.

REFERÊNCIAS

<https://www.who.int/pt/home/search?indexCatalogue=genericsearchindex1&searchQuery=diretor%20geral%20da%20oms&wordsMode=AnyWord>
<https://obarquinhocultural.com/2021/02/04/nando-motta-projeta-seus-ideais-em-prol-a-humanidade-e-a-democracia/>
<https://leziojunior3.wixsite.com/portifolio>

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BENTES, José; HAYASHI, Maria. **Normalidade, diversidade e alteridade na história do Instituto Nacional de Surdos**, Revista Brasileira de Educação. V. 21 n. 67. Out.dezembro. 2016.

<https://www.politize.com.br/fascismo/>

20 RELAÇÕES DIALÓGICAS NA TIRINHA: ORAÇÕES COM O FUTURO DO VERBO VIVER por Dinair Barbosa de Freitas

“O enunciado é pleno de *tonalidades dialógicas*[...]M. Bakhtin (2003).

Neste texto, reflito sobre a tirinha do “Quino” com as personagens Mafalda e Susanita, de 2009 presente no livro didático do 6º Conquista: solução educacional, mobilizando o conceito teórico relações dialógicas (BAKHTIN, 2003).

Bakhtin (2003), apresenta o dialogismo como um princípio constitutivo da linguagem e condição do sentido do discurso. Assim, ao se pensar no sentido, deve-se considerar que um discurso não é individual porque se constrói entre pelo menos dois interlocutores sociais, como um diálogo entre discursos que mantem relações com outros discursos (BAKHTIN, 2003).

Entender o dialogismo, então, é perceber essas relações entre os discursos, considerando que um responde a um outro numa cadeia verbal ininterrupta. No dialogismo, o texto como um tecido de muitas vozes, ou de muitos textos ou discursos, que se entrecruzam, se completam, respondem uns aos outros ou polemizam entre si no interior do texto (BAKHTIN, 2003).

Para isso, selecionei a tirinha publicada no livro didático “Conquista: solução educacional” do 6º ano, editora volume 4, edição atualizada de 2022, usado numa escola privada em Belém, PA. Ela é uma crítica ao ensino de língua portuguesa em nossas escolas, por meio do confronto entre duas práticas realizadas nas salas de aula. Uma prática focada na forma cujo objeto é uma língua morta, sem interlocutores, sem possibilidades de responsividade e, uma outra, que trabalha com a língua real, com falantes reais, responsivos.

No quadrinho, as relações dialógicas podem ser vistas por meio de diferentes recursos linguístico-discursivos. Todavia, para esta reflexão, destaco os tempos imbrincados: passado, presente do momento vivido das personagens na tirinha e futuro. Segue a tirinha:

Figura 1:



Fonte: FANTI, Mara *et. al.* **Conquista: solução educacional:** ensino fundamental do 6º ano.

No texto, aparecem os tempos do passado *versus* futuro marcados linguisticamente, enquanto o presente deve ser percebido na narrativa dos personagens. Passado: “lição”, “composição” e, o futuro: “para amanhã”, “Vamos ver”, “futuro”. O tempo passado é refletido e refratado nas palavras: “lição”, “composição”, o presente pelo momento dos personagens conversando sobre a composição a ser feita e, o futuro constitui-se a partir do ato no qual a Mafalda pergunta à Susanita “Afinal que lição a gente tem para amanhã?”

Podemos, à luz de Bakhtin, pensar que ao fazer isso, há uma crítica do Quino no enlace passado/presente no momento das ações das personagens, constituindo, então, a perspectiva do futuro. O discurso reflete uma prática de ensino do passado pelo uso do léxico “lição”, “composição” que não é só do passado, mas refrata no presente, porque, agora no presente da tirinha, se faz uma composição (passado) sobre “o mundo do futuro”(presente) - a memória do futuro.

No momento das ações das personagens, é possível dizer que não existe uma prática do presente, uma vez que passado e presente estão mesclados. Nessa direção, contribui a ironia construída na linguagem: “orações com o futuro do verbo viver” que pode ser interpretada como desejo de que haja uma vida para os alunos, isto é, um ensino no qual se possa trabalhar com a “língua viva” de sujeitos, opondo os discursos do ensino da forma - não vida *versus* ensino da língua real - vida. A perspectiva de mudança, sair do pequeno tempo, que oprime, engessa fica para um futuro “composição sobre o mundo do futuro”.

Ainda, o ensino de língua portuguesa tem como um dos conteúdos, a construção do futuro do presente por meio do morfema “rei” “rá”-viverei/viverás conjugado. No entanto, no uso da língua por nós brasileiros, inclusive na escrita, o uso mais comum para sinalizar o futuro é da perífrase como “vou ver”. Novamente, o jogo na linguagem, passado “viverei” *versus* presente “vou viver”, configurando a interpretação de que a mudança somente no futuro.

Na tirinha, existe a preocupação com o ensino do português, destacada no embate entre o passado e o presente presos no pequeno tempo, opressor, engessado. Mas, o Quino, deixa vislumbrar a esperança, a espera por um ensino de língua-viva na fala da Mafalda, último quadrinho ao perguntar “Orações ou preces”?

A título de fechamento, considero que na tirinha, os discursos estão situados temporalmente em confronto, 2009 e 2022. Esses discursos denunciam as práticas de ensino, apresentado como de uma língua viva, já que se escreve sobre o “mundo do futuro”, pode-se dizer que ainda é o “mesmo” do passado. Todavia, a memória do futuro, sinaliza a esperança com a expectativa de mudança do tempo que oprime para um tempo no qual “trazer algumas orações com o futuro do verbo viver” seja de fato viver.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **A estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre Literatura, Cultura e Ciências Humanas**. Org. e Trad., Posfácio e Notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.

FANTI, Mara *et. al.* **Conquista: solução educacional**: ensino fundamental do 6º ano. 2ª ed. Atual. Curitiba: Cia. Bras. De Educação e Sistemas de Ensino, 2022.

21 ENTRE O CONCURSO E OS INSTRUMENTOS DIDÁTICOS: UMA ANÁLISE por Tiago Sousa dos Santos

Introdução

Visando diminuir a distância entre o concurso público e a prática profissional, a presente partilha tem por objetivo realizar uma análise comparativa entre os dois objetos: o concurso da Secretaria do Estado de Educação, realizado nos anos de 2006, 2008 e 2018 - e o que denomino de três instrumentos didáticos (BENTES, 2007 *apud* SCHNEWULY, 2010) públicos que coletei: prova, planejamento e planos de aula desses anos.

Na análise de dados, meu olhar sobre os concursos e os instrumentos didáticos não foi daquele que analisa quantas questões foram aplicadas e que apenas o critica. Antes, preferi o olhar daquele que perguntaria: “para o futuro professor da Seduc, esse conhecimento seria indispensável?”. Como todo aprendiz de pesquisador, realizei uma pesquisa de levantamento e observei uma ausência de estudos como eu farei.

Se há uma ausência, então vamos logo às perguntas que quero compreender:

i) Os objetivos didáticos, extraídos a partir da elaboração de cada pergunta da banca do concurso, privilegiam uma concepção interacional/perspectiva acional de línguas? Por quê? Quais são as escolhas mais comuns da banca?

ii) Os objetivos do professor, ao elaborar determinado instrumento didático, estão em consonância com a concepção interacional de língua/perspectiva acional da banca examinadora? Por quê? Quais são os mais e menos escolhidos?

iii) O que a análise entre esses dois instrumentos revela, isto é, é possível relacionar as questões com os instrumentos analisados? Como é revelada a consciência (BAKHTIN, 2017) entre eles? Por quê? O que a análise revela?

Como foco mais na compreensão, enquadro a pesquisa como qualitativa, próxima do cruzamento entre os métodos mistos e estudo de caso. A hipótese da pesquisa é de que há relação, sim, inclusive porque

Não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado (BAKHTIN, 2020, p. 26).

Os primeiros dados já analisados já ecoam algumas vezes que considero interessantes, do ponto de vista de Bakhtin e didático.

2 Estudo dos casos

Escolhemos três dados e os denominamos de pérolas, que simbolizam o burilamento dos dados: Pérola, Ametista e Quatzo-rosa. Vamos analisar cada uma delas.

2.1 Caso 1: Pérola

A primeira professora escolhida, a Pérola, parece preferir, no seu instrumento coletado (a temida prova), questões de significação, de compreensão global, de letra de canção e de charge. O que se revela interessante, no entanto, é o dialogismo não estar presente na primeira camada porque os objetivos dela, como professora de língua, não eram exatamente esses. No entanto, como tudo em educação não se pensa de forma acabada, a posteriori encontramos outras relações que acreditamos serem bem mais relacionadas com uma perspectiva do Outro que está para além do linguístico, mas, como não podemos colocar o carro na frente dos bois para que a vaca vá para o brejo, vale se focar primeiramente no linguístico para, depois, no crítico. É por isso que vamos primeiro relacionar os objetivos didáticos de Pérola. Vamos ver só o que encontramos no texto 03 de sua prova:

Dado 1: Prova de Pérola

Texto 03



04) No texto 03 percebe-se que: (1,0)

- a) a charge tende a criticar o governo, e isto pode ser visto na letra da música;
- b) a charge mostra uma crítica que pode ser vista no tom irônico e na imagem como um todo.
- c) por ser uma charge tende a criticar o governo;
- d) a charge nem sempre tende a criticar;

e) há uma falta de senso já que o sol nasce pra todos, todos os dias.

Fonte: Pérola (2016).

E lá, na prova da SEDUC, que vozes são ecoadas nessa prática profissional desse evento de letramento que foi um dos mais importantes da vida de Pérola? Vamos ver a questão 33, possível de ser acessada [aqui](#).

Se extrairmos os objetivos didáticos da prova do concurso e da questão, há uma relação dialógica entre os dois: eles querem analisar a relação entre texto e imagem, necessários à compreensão global do texto. A questão chega, inclusive, a destacar isso, de forma explícita. Me pergunto se a docente não foi aquela que se lembrou inconscientemente do concurso.

Se os objetivos parecem ser muito bem interligados, quanto ao linguístico, imagine o quanto à formação cidadã, que é um objetivo que parece que Pérola conquista a posteriori, ainda mais quando relacionamos a questão com o comando da prova discursiva da SEDUC, que requeria que o candidato relacione texto e imagem e pensasse em uma formação cidadã ou, usando as próprias palavras da prova, a SEDUC requer que o candidato tenha domínio da escrita quanto à “A leitura das diferentes linguagens como fundamento da educação voltada para a cidadania plena”.

Atribuo um grande destaque a relação entre o linguístico e a enunciação não está sozinho na prática dos professores Secretaria, mas muitas vezes se associa ao conhecimento de outras disciplinas, como a Educação e a Psicologia. No discurso do enunciado da prova, há uma fala implícita do PCN (1997) de que devemos educar para promover a cidadania.

Burilada a Pérola, vamos à Ametista.

2.2 Ametista

Ametista, outra professora da SEDUC, é o caso de uma docente que realizou a prova em 2008, em um concurso organizado pela Fundação de Amparo e Desenvolvimento à Pesquisa (FADESP), cujas questões, embora não façam o que está previsto em 1), fogem um pouco ao gramatiquês e ao objetivo anterior de requerer um professor super-analista na língua. São 50 questões, sem nenhuma folha de redação. Se, por um lado, parece que o objetivo de atender a maioria dos professores parece ser bem atendido; por outro, há a impressão de que a organizadora quer se livrar de algumas críticas para

resolver o problema do concurso para docentes, por exemplo, a ausência de estudos de casos e/ou a elaboração de gêneros próprios da escola

As questões são teóricas e, na maioria das vezes, pautadas em conhecimentos comuns a todos professores de língua portuguesa. No entanto, acredita-se que, além de conhecimentos comuns (saber sobre), faltou cobrar mais o *como fazer* com que essas concepções ocorram em aula.

Comparando o instrumento didático com a prova da SEDUC, há muito mais semelhanças que diferenças. Ele escolhe gêneros de diferentes três ordens diferentes (narrar, instruir e argumentar), mas, uma análise inicial de seu plano de trabalho docente, aponta que ele não sabe relacionar o ensino do gênero com o ensino da gramática, como se faltasse um salto, de modo muito parecido como o concurso o fez.

Ametista segue inclusive a BNCC. No entanto, a posteriori, traz conteúdos que pouco combinam com o que foi cobrado inicialmente – focando-se apenas no gramatical e não sabendo fazer o “upgrade” entre o enunciativo, o linguístico e o gramatical. Isso é visível na seção de leitura de leis e regulamentos de seu plano de trabalho docente. Em vez de se focar em atividades de paráfrases, do que pode ou não pode, de como as leis são criadas, do contexto de produção; a ênfase está na fluência de leitura, no uso da crase e no uso da regência dessas leis. O problema, mais uma vez, não está no estudo gramatical desses regimentos, mas como isso é feito – uma análise gramatical do próprio texto:

Dado 2: Plano de ensino de Ametista

ESTRUTURANTE	LP	APRENDIZAGEM	CONHECIMENTO	METODOLÓGICO(S)	
LINGUAGEM E SUAS FORMAS COMUNICATIVAS	<p>1. Os diferentes aspectos e propósitos expressados pelas Linguagens.</p> <p>2. A Interação nas diferentes formas Comunicativas.</p>	<p>1.1 Compreender que o contexto social, além de contribuir para o seu processo de letramento e o desenvolvimento comunicacional, é o espaço de interação e atuação social.</p> <p>2.1 Identificar e analisar os elementos linguísticos e não linguísticos presentes nos textos nos diversos contextos sociais fazendo uso dos mesmos na elaboração de textos diversos</p>	<p>(EF69LP24) Discutir casos, reais ou simulações, submetidos a juízo, que envolvam (supostos) desrespeitos a artigos, do ECA.</p> <p>(EF08LP04) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais.</p> <p>(EF08LP13) Inferir efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos de coesão sequencial: conjunções e articuladores textuais.</p>	<p>Leitura e/ou escrita:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Regulamento - Estatuto - Produção de regulamento. <p>Oralidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fluência na leitura oral - Discussões sobre o ECA. <p>Análise Linguística/ Semiótica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Regência Verbal e Nominal. - Transitividade; - Preposição - Crase - Recursos coesivos. 	<p>- Aulas expositivas e dialogadas com leituras, compreensão, análise e interpretação de diversidades de gêneros textuais em diversos tipos de linguagens.</p> <p>- Produção escrita e análises linguísticas de acordo com o contexto dos gêneros, pesquisas com o uso de tecnologia, sequenciais de atividades produtivas e acompanhadas com temas que contemplem a realidade do educando na prática social.</p> <p>- O processo avaliativo ocorrerá de forma contínua e acompanhada realizada a partir da observação, do interesse, participação, oralidade, desenvolvimento das atividades propostas no caderno;</p> <p>- Produção escrita e exposição;</p> <p>- Avaliações objetivas e subjetivas e</p> <p>- Simulados.</p>

Fonte: Santos (2022).

As atividades de leitura que o professor propõe não se focam na interação entre a fluência e a compreensão do texto e analisam uma certa inconsistência. Será necessária a fluência nos textos legislativos? Ou é melhor a compreensão? Aliás, em que momento, na vida, lemos leis em voz alta? É de se salientar que nem sempre a leitura se foca apenas no aspecto linguístico, mas na interação. As leis surgem para serem compreendidas.

Essa constatação, ademais, vai de encontro às questões de leitura e ao ensino básico do português do concurso. Se analisar as questões 48^a) e 39^a), observa-se que a segunda trata que a leitura é o objetivo básico do ensino do português, que deve ser feito apenas “basta, para transitar pelo mundo da escrita, ter consciência dos fenômenos enunciativos, refletir sobre os aspectos discursivos do funcionamento da linguagem e conhecer a tipologia textual” (FADESP, 2008, p. 10). Apenas dizer o que *deve ser feito*, no entanto, não fará com que o docente saiba o que fazer, como já dito.

Cabe analisar a última pedra preciosa:

2.3 Quartzo rosa

A última pedra, quartzo rosa, é uma professora que foi classificada na Seduc no seu último concurso, em 2018, cuja prova pode ser consultada [aqui](#). As questões deste certame, diferentemente dos outros, trazem estudos de caso e procedimentos didático-pedagógicos que os professores poderiam fazer em classe, sem contar com o tema da prova subjetiva “Escola, um espaço de

interação e integração para todos”, que não foi considerado fácil, ainda mais mediante o número de questões (50).

O instrumento escolhido para analisar quartzo rosa foram os seus planos de aula, construídos diariamente por ela, com vários gêneros, como árvore genealógica, fotografia, dentre outros. Constato uma confusão no seu planejamento entre os objetivos linguísticos com os psicológicos, como pode se ver a seguir:

Dado 3: Plano de ensino de Quartzo-rosa

Metas para a vida
Objetivo geral: - Escrever metas para a vida.
Objetivos específicos: - Estabelecer objetivos de vida; - Produzir metas a partir de uma estrutura linguística; - Analisar a produção de metas; - Afixá-las em um quadro.
Procedimentos: 1) O professor explica o que são metas; 2) Alunos produzem metas; 3) Professor dá <i>feedback</i> ; 4) Alunos fixam em um quadro; 5) Alunos expõem com os professores.
Tempo: 3 aulas.

Fonte: Quartzo-Rosa (2022).

Neste pré-planejamento, constatamos que há uma concepção interacional de língua, conforme está presente no concurso e defendida pelos documentos oficiais de ensino de língua (BNCC, 2018; PCN, 1997). Quartzo-rosa parece seguir fielmente os conteúdos presentes no concurso. Falta, entretanto, definir um conteúdo da gramática normativa válido para a escrita de metas. Percebo, então, que esse docente, embora à frente na sua concepção de língua, não trabalha, nesta aula, com gramática, o que é recomendado por todos os documentos oficiais de ensino de língua.

Saliento que, embora haja uma mudança pragmática no ensino de língua, ainda falta, na literatura, sugestões que demonstrem como ensinar gramática normativa nas novas teorias. As poucas teorias já existentes são, em sua maioria, antigas. Kleiman (2006), em oficina de gramática, é uma delas. No entanto, percebo que ela se foca mais no ensino da nomenclatura a se focar, por exemplo, no ensino do ponto-e-vírgula nas metas.

Se, por um lado, parece ser impossível gramaticalmente recobrir todos os usos de linguagem; por outro, essa parece ser uma orientação que deve os documentos sugerem. Para isso, é necessário que o professor de língua seja um super-usuário da língua portuguesa, como foi cobrado nos outros concursos. Há, portanto, uma inter-relação.

3 Conclusões

Esta comunicação visou analisar as relações entre dois outros: o concurso público e os instrumentos didáticos selecionados. Nos dois, encontramos muito mais semelhanças que diferenças. Muitas vezes, o instrumento analisado de atuação profissional, revelava como foi seu concurso, o que demonstra que os certames deveriam avaliar “o grau de adequação entre a prova do concurso e a expectativa do empregador quanto à qualidade profissional” (DESCARDECI, 1992).

Sumarizado os dados, vamos responder às perguntas de pesquisa. Quanto à i), a concepção interacional está mais presente terceiro concurso. De todos os objetivos, o ensino gramatical, sob suas diversas facetas (normatização do uso certo, análise gramatical e uso nomenclatural) está mais presente no primeiro. No segundo, a gramática tradicional foi substituída pela linguística. Uma reorganização maior falta no terceiro, no entanto, apesar de estar mais próximo do que queríamos.

Quanto ao ii), todos estão em uma concepção interacional de língua, mas, muitas vezes, essa concepção aparece “torta”, “capenga”. Parece, às vezes, que os três se juntam, mas constatamos que a concepção interacional se segue de outras maneiras. Em todos eles, aliás, a literatura também merece ser trabalhada nesses concursos. Ela (sempre) pede passagem.

Quanto iii), já fizemos uma grande análise de dados sobre, tanto que nos focamos nele.

Os concursos, de nosso ponto de vista, deveriam ser construídos da seguinte forma: 1) Teoria; 2) Implicações das teorias para o ensino/aprendizagem na prática (um certo aplicacionismo); 3) Teorias didáticas; 3.1) Análise de instrumentos didáticos autênticos (apostilas, provas, planejamentos, apresentações nos datashows, livros de literatura – ex: como o professor pode trabalhar a humanização em Objeto Quase?),

trabalhados pelo professor e relacionados às teorias com as didáticas. Aqui podem ter estudos simulados e de casos reais que ocorreram na Secretaria, com estudo de caso e 3.2) Propostas de refações desses instrumentos e de que o docente faria se estivesse no lugar do outro. Um terço deve ser destinado à língua. Outro terço à literatura e outro à inter-relação entre os dois.

O modelo da última prova SEDUC é o melhor dos três, mas talvez falta uma melhor organização, pois há questões em que não há nenhuma relação, como a da teoria da comunicação e da ortografia adequada, dispostas sem que haja uma preocupação didática. Não basta apenas espalhar aleatoriamente as questões, deve-se também saber dispô-las, de acordo com o objetivo da banca, que deve ser sempre pautada na prática profissional do candidato. Para os outros, aconselha-se os gêneros do cotidiano, que devem ser inclusive adotados nas provas da Secretaria.

Há um avanço, mas ainda há retrocessos que precisam ser reescritos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **O homem ao espelho**: apontamentos dos anos 1940. Pedro & João Editores: São Paulo, 2020.

BAKHTIN, M. Fragmentos dos anos 1970-1971. In: BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: editora 34. 2017, p. 21-56.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC: Brasília, 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. MEC/SEF: Brasília, 1998.

DESCARDECI, Maria Alice Andrade de Souza. **O concurso público: um evento de letramento em exame**. 1992. 105 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

KLEIMAN, A. **Oficina de gramática**. São Paulo: Pontes, 2006.

SOUZA-BENTES, Rita de Nazareth. A recepção do gênero romance na escola: práticas de leitura e formas do trabalho docente. 2007. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

22 PRONUNCIAR MUNDOS PARA CRIAR E RECRIAR DIÁLOGOS OUTROS**por Antônia Zelina Negrão de Oliveira¹⁴; Rita de Cássia Almeida Silva¹⁵**

Pronunciar mundos na visão de Freire, representa dialogar, tornar visível e dizível todos os mundos existentes e possíveis; pronunciar mundos na concepção bakhtiniana (BAKHTIN, 2010), significa dizer o eu e o outro nas possibilidades dialógicas, nas inter-relações, nas diferenças; pronunciar mundos em nossos espaços reais, do hoje, do agora, da contemporaneidade, requer criar e recriar diálogos outros, sobretudo com aqueles que tentamos por vezes e muitas vezes, apagar histórica e culturalmente; pronunciar mundos é ouvir, compreender e viver o que os povos indígenas têm a nos ensinar a partir das epistemologias e das filosofias ancestrais. Pronunciar mundos a partir da desconstrução do que se impõe como filosofia eurocentrada, e trazer para o diálogo filosofias outras, como nos provoca Raul Fornet-Betancourt, ao trabalhar com a filosofia intercultural no sentido de *desfilosofar a filosofia* e nos lembrar que a filosofia “é uma potencialidade humana, está ligada ao *quehacer* e por isso se dá a partir de uma pluralidade de formas de pensar e de fazer em todas as culturas humanas” (2009. p .639). A preocupação em entender a relação eu-outro é ato comum aos três teóricos. Fornet-Betancourt expressa sua visão ao pensar essa relação a partir da América Latina, da filosofia e da interculturalidade:

A Interculturalidade é uma qualidade que pode ser desenvolvida por qualquer pessoa ou cultura a partir de uma práxis de vida em que se cultive precisamente a relação com o outro de uma maneira envolvente, não limitada a comunicação racional, mas que se deixe “afetar”, “tocar”, “impressionar” pelo outro, no trato diário de nossa vida cotidiana (FORNET-BETANCOURT, 2009. p .640).

Repensar o mundo a partir de uma filosofia que tenha raízes na realidade que vivenciamos, significa quebrar a lógica hegemônica que nos oprime por não respeitar a diversidade de mundos e formas de existência,

¹⁴ Professora da Universidade do Estado do Pará. Dra. na área de Letras. Atua na formação de professores indígenas (Graduação e Mestrado) e não indígenas (Graduação e Mestrado). Atua no Núcleo de Formação Indígena (NUFI). Integra os grupos institucionais de pesquisa GELPEA e GEIA.

¹⁵ Professora da Universidade do Estado do Pará. Mestre em Teoria Literária. Atua no Núcleo de Formação Indígena (NUFI) e no curso de Letras Libras (CCSE-DLLT-UEPA). Integra os grupos institucionais de pesquisa GELPEA e GEIA

que existiam antes da colonização e que continuam existindo, resistindo e construindo formas outras de interagir e mostrar sua riqueza em termos de possibilidades para buscar novos caminhos de diálogos que respeitem as alteridades que nos constituem enquanto grupo humano, interdependente e extremamente dependente da Natureza que nos cerca. Assim, ouçamos e aprendamos com Krenak, Guajajara, Baniwa, Wapichana, Kopenawa e Graúna os outros mundos possíveis:

Imagem 1: Ailton Krenak



“O povo indígena tem um jeito de pensar, um jeito de viver, tem condições fundamentais para a sua existência, pela manifestação da sua tradição, da sua vida, da sua cultura, que não coloca em risco, nem nunca colocaram a existência sequer dos animais que vivem ao redor das terras indígenas, quanto mais de outros seres humanos” (KRENAK, 1987 – Discurso na Assembleia Constituinte)

Ailton Krenak | foto: Guito Moreto/ Agência O Globo. Disponível em: [Ailton Krenak - uma fonte de sabedoria | Templo Cultural Delfos \(elfikurten.com.br\)](#)

Compreender as formas outras de pensar e de viver dos povos indígenas aponta para nós, não indígenas, perspectivas plurais e nos constitui como novos seres na alteridade humana sob a ótica freireana. O dizer de Krenak promove a constituição do sujeito coletivo, tão presente entre os indígenas, mais ainda, a importância da dimensão ética que se materializa na relação entre o *eu* e o *tu*.

Imagem 2: Sônia Guajajara



“É muito importante falar da diversidade de povos que existem hoje no Brasil, que resistiram à invasão, à colonização, à ditadura militar. E estão aí presentes hoje, resistindo contra o fascismo, inclusive. Falar dos 305 povos que estão espalhados em todos os estados da federação brasileira. [...] É preciso respeitar os diferentes modos de vida, é preciso respeitar as especificidades e valorizar essas diferenças [...]” (Sônia Guajajara – 26 de setembro de 2022 – por Pina Sollero e Caio Faiad)

Disponível em: [Sônia Guajajara – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#)

O falar da diversidade expresso por uma mulher, liderança indígena, implica em um falar que promove um mundo que tem se constituído na resistência e na reexistência, dessa forma, manifesta a responsabilidade política do eu e do outro na constituição de um espaço mais humano e amoroso.

Imagem 3: Gersem Baniwa



“A cultura colonial não aceita que até hoje não há sinais de superação dos povos originários. O indígena é considerado um ser inassimilável pela cultura dominante. Aquele que não adere, que não se entrega. Por isso, indesejável. Nesse sentido que o modo de vida dos indígenas, se não servir como alternativa, ao menos é outra forma de viver. [...] Para falar em educação intercultural, de fato, é preciso reconhecer sociedades interculturais, no plural

(Gersem Baniwa – III Congresso Internacional Formação em Educação Intercultural e Práticas de Descolonização na América Latina – UFG – 26/07/2017).

Disponível em: [Conheça o primeiro professor indígena do curso de antropologia da UnB | Metrôpoles \(metropoles.com\)](https://www.metropoles.com.br/conheca-o-primeiro-professor-indigena-do-curso-de-antropologia-da-unb/)

Lutar pelo reconhecimento e pelo direito às diferenças, à diversidade de formas de existir, de viver, não somente sobreviver, é o que nos fala Gersen Baniwa. A preocupação em buscar formas plurais de educação, de interculturalidade, pautadas por práticas decoloniais deve ser considerada por todos, indígenas e não indígenas.

Imagem 4: Joênia Wapichana



“Acho que esse é o ano da coerência e do compromisso: não basta dizer que apoia os povos indígenas se você vota a favor de projeto que os massacra e tira seus direitos” (Joênia Wapichana - 10 de março de 2022 – Laura Scofield). Disponível em: [Joenia Wapichana: “Tudo que Bolsonaro sonhou explorar em terras indígenas está no PL 191” - Agência Pública \(apublica.org\)](https://www.apublica.org/pt-br/brasil/2022/03/10/joenia-wapichana-tudo-que-bolsonaro-sonhou-explorar-em-terras-indigenas-esta-no-pl-191/)

Foto: Cleia Viana/Câmara dos Deputados.

Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/joenia-wapichana-tudo-que-bolsonaro-sonhou-explorar-em-terras-indigenas-esta-no-pl-191/>.

As políticas públicas não podem desconsiderar nenhum ser humano e nenhuma forma de vida. O direito à terra é garantia de vida aos povos indígenas e a grande parte da biodiversidade que compõem seus espaços de vivência. Governantes não podem se achar no direito de governar escolhendo os grupos a quem irão defender. A Democracia exige respeito por tudo e por todos que compõem uma Nação, e o respeito às alteridades que devem coabitar com amorosidade e dignidade todos os espaços do País.

Imagem 5: Davi Kopenawa



"Sou o doutor honoris da floresta que eu nasci e cresci. Fiquei muito contente, muito alegre, junto com a floresta que está viva e em pé. Ser doutor honoris é o resultado da minha luta" (Kopenawa – in: Davi Kopenawa é o primeiro indígena a receber título de Doutor Honoris Causa pela UFRR (andes.org.br).

"[...] Por isso quero mandar minhas palavras para longe. Elas vêm dos espíritos que me acompanham, não são imitações de peles de imagens que olhei. Estão bem fundo em mim [...]. Se as escutarem com atenção, talvez os

brancos parem de achar que somos estúpidos" (A queda do céu: palavras de um xamã yanomami, de Davi Kopenawa e Bruce Albert. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 1ª edição, p.75).

Disponível em: Davi Kopenawa é o primeiro indígena a receber título de Doutor Honoris Causa pela UFRR (andes.org.br)

Respeitar e aprender os cuidados com a terra é um ato de amorosidade que os povos indígenas podem compartilhar com os outros povos da Terra. Repensar nossas formas de ocupar e entender o mundo, e trazer para o diálogo "filosofias outras", no dizer de Raul Fornet-Betancourt, é um dos caminhos a percorrer para a equidade de direitos e de deveres para com a Natureza que todos os grupos humanos precisam ter, se quisermos continuar tendo um mundo para habitar.

Imagem 6: Graça Graúna



Graça Graúna | foto: Íris Cruz / Tribuna de Minas.

Disponível em:

<https://tribunademinas.com.br/colunas/sala-de-leitura/06-08-2019/graca-grauna-ao-escrever-dou-conta-da-ancestralidade-do-caminho-de-volta-do-meu-lugar-no-mundo.html>

“Acredito, com todas as forças do meu ser, que os caminhos de Ameríndia são caminhos de resistência. Por esse caminho, encontro parentes indígenas, amigos, guerreiros e tantas outras pessoas que buscam um lugar no mundo e lutam por dias melhores. Nesse caminho, percebo que as utopias não se perderam, isto é, elas se materializam toda vez que as pessoas lutam contra o preconceito, entre outras formas de violência; lutam pelo direito de construir seu próprio relato, sua literatura (em prosa ou em verso, oral ou escrita, como quer a nossa literatura indígena). Esses caminhos também se revelam

nos sonhos que não se sonha só, como sugere Quixote/Cervantes. São sagrados os caminhos que revelam a sabedoria indígena e xamânica a nos alertar sobre a importância de amar e respeitar a nossa mãe terra. Nesta perspectiva, também diria o líder e escritor Ailton Krenak: amar e respeitar nosso avô: o rio”. (Graúna, 06/08/2019 – in: <https://tribunademinas.com.br/colunas/sala-de-leitura/06-08-2019/graca-grauna-ao-escrever-dou-conta-da-ancestralidade-do-caminho-de-volta-do-meu-lugar-no-mundo.html>)

A presença de indígenas em espaços outros que não em suas terras e, ainda assim, buscando manter, reacender suas ancestralidades, é uma lição de perseverança, de não deixar de sonhar com um mundo mais inclusivo, que se abra para todas as culturas e que aprenda a interculturalizar as relações. A fala e os escritos de Graça Graúna, nome escolhido por Maria das Graças Ferreira para se apresentar ao mundo e se reapropriar de suas raízes indígenas, remetem a toda a luta por reconhecimento que os povos do Brasil e das Américas enfrentam desde os primórdios da colonização. É um movimento de “reterritorialização simbólica”.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

FORNET-BETANCOURT, Raúl. La Filosofía Intercultural. In.: DUSSEL, Enrique; MENDIETA, Eduardo; BOHÓRQUEZ, Carmen (Ed.). **El pensamiento filosófico latino americano, del caribe y “latino” (1300 – 2000)**: Histórias, corrientes, temas y filósofos. Centro de Cooperación Regional para la Educación de Adultos em América Latina y el Caribe. 2009. Ciudad de México. p .639-646. (Filosofía).

23 RESENHA DE LIVRO: JUN, A HISTÓRIA REAL DE UM MÚSICO

AUTISTA por Maria Eduarda Aleixo Soares¹⁶

Considerações iniciais

Antes de começar a discorrer sobre o livro em si, gostaria de fazer algumas considerações iniciais do porquê eu escolhi falar a respeito desse objeto. Primeiro porque já havia lido outro trabalho da autora, a obra em questão foi “A Espera” (2021), que me trouxe várias reflexões sobre o que nos faz ser humanos.

Pouco tempo depois disso, tive a oportunidade de participar do Concurso de Vídeo-Resenhas de Literatura Coreana 2022, organizado pela agência ARA Cultural e pela editora Pipoca e Nanquim em parceria com o Instituto Coreano de Tradução Literária (LTI Korea), e a obra escolhida para ser resenhada foi justamente *Jun*. Ao contrário de muitos colegas, não li *Jun* de uma vez só, não porque não foi interessante, pelo contrário, porque fiz muitas reflexões quando li apenas poucas páginas. E demandou tempo para digerir tantos apontamentos.

Ainda assim, continuei a leitura, de maneira mais lenta, mas a pergunta que eu me fazia a cada página virada era “O que eu, como futura educadora, estou fazendo para contribuir com a mudança que quero ver no mundo? O que eu, como irmã, como filha, estou fazendo para melhorar minhas relações?”. E esse tipo de questionamento perdurou até o final da leitura da incrível e sensível obra que é *Jun*.

1 A autora, Keum Suk Gendry-Kim

Kim-Suk Gendry-Kim é uma escritora e quadrinhista sul-coreana, que começou a publicar seus trabalhos no mercado de quadrinhos na França, entre 2012 e 2015. Entre muitas de suas obras, Keum Suk ganhou grande reconhecimento pela popularidade que alcançou o seu quadrinho intitulado *Grana* (쟁), pelo o qual ela recebeu prêmios como o *Krause Essay* do *The New York Times*, sendo esta a primeira obra traduzida para o português. Após o

¹⁶ Graduanda de Letras-Inglês pela UEPA. E-mail: maria.easoares@aluno.uepa.br

sucesso de *Grana e A Espera* no Brasil, não demorou muito para que fosse traduzida a obra mais recente de Keum Suk, o livro de quadrinhos *Jun*, que é baseado na história real de uma pessoa cuja autora conheceu em 2010, quando iniciou as aulas de *pansori* - gênero musical tradicional coreano -.

Em suas notas finais, Keum Suk conta que decidiu escrever sobre a história de Jun e sua família porque ela queria levar uma mensagem de empatia para famílias em situações parecidas, para que o livro servisse, de certa forma, como uma maneira de encorajamento na jornada de luta dessas famílias. Essa é uma das marcas de Keum Suk, o jeito pelo qual ela transpassa tanta sensibilidade por meio dos traços de seus desenhos e pelas mensagens verbais que os acompanham. E é nessa sensibilidade transposta em *Jun* que me baseio para escrever essa resenha.

2 Jun

Se para você sons como o de metrô e de ventilador são apenas barulho, pois saiba que existem pessoas que interpretam esses sons como lindas melodias. Esse é o caso de Jun, um dos personagens principais personagens, e reporto a Jun como um dos protagonistas porque a história é, em sua inteireza, narrada pela sua irmã, a Yunseon.

Já no prólogo, somos apresentados a uma cena de troca muito afetiva entre os irmãos Jun e Yunseon, na qual a irmã está arrancando fios de cabelos brancos de seu irmão pois ele tem um concerto para apresentar. No final há uma imagem de fotografias de todos os membros da família: Jun, mãe, pai e Yunseon, respectivamente.

Figura1:



Fonte: GENDRY-KIM, 2022, p. 6

Os primeiros capítulos retratam a descoberta da neuro divergência de Jun e como isso afeta a família, que passa por uma longa jornada de aceitação, e até certo tempo tenta achar jeitos de “curar” o Jun.

Figura 2:



Fonte: GENDRY-KIM, 2022, p.57

No segundo momento, após os pais de Jun aceitarem que sim, ele é diferente e buscarem jeitos de ajudá-lo a se comunicar com o mundo, acontece a introdução do Jun à sociedade, quando ele começa a frequentar a escola. Consequentemente, a família começa a sentir também, direta e dolorosamente os preconceitos enfrentados a partir de então, desde diretores a professoras de escola.

Figura 3:



Fonte: GENDRY-KIM, 2022, p. 86

Em meio a tantos acontecimentos, turbulências, preconceitos diretamente relacionados ao Jun, há outra pessoa na família que se sente triste e muitas vezes deixada de lado: a Yunseon. Aqui faço questão de trazer a voz da dor de Yunseon, pois assim como Jun, ela também só é uma criança. Criança essa que precisa de tanta atenção, carinho e cuidado quanto seu irmão.

Figura 4:



Fonte: GENDRY-KIM, 2022, p. 118

Após um salto no tempo, quando Jun e Yunseon já estão mais crescidos, acontece o encontro do Jun com o *pansori* e isso representa uma divisão na história, porque até então o Jun ainda não falava e é por meio do *pansori* que ele começa a falar e a se expressar artisticamente, aprimorando suas habilidades musicais. Desse ponto em diante, Jun aprende a tocar vários instrumentos e começa a compor também, como a sua série "*Fantasia do metrô*" ou a canção sobre o ventilador, "*o vento bebê*".

Figura 5:



Fonte: GENDRY-KIM, 2022, p. 141

Nos capítulos seguintes, quando os irmãos já estão na faixa dos 20 e poucos anos, a Yunseon questiona os pais por que, mesmo depois de tantos anos, eles continuam superprotegendo o Jun. Ela argumenta que o Jun pode fazer muito mais coisas sozinho do que os pais pensam. E isso se prova depois, quando o Jun consegue ir a aula de música sozinho e no final a mãe admite que deveria confiar mais na capacidade de seu filho.

Figura 6:



Fonte: GENDRY-KIM, 2022, p. 182

Durante toda essa trajetória, há duas cenas que me marcaram muito porque elas se contrastam muito bem. A primeira se passa na estação do metrô e o Jun, que até então não falava, começa a fazer barulhos e isso atrai os olhares das pessoas. A Yunseon relata que a forma com que as pessoas encararam a família, principalmente o Jun, fez com que elas parecessem uma multidão de monstros.

Figura 7:



Fonte: GENDRY-KIM, 2022, p. 60

A outra cena é quando o Jun chama atenção na rua novamente, mas dessa vez, não por ele ser autista, e sim pela beleza das emoções que ele expressa por meio do *pansori*.

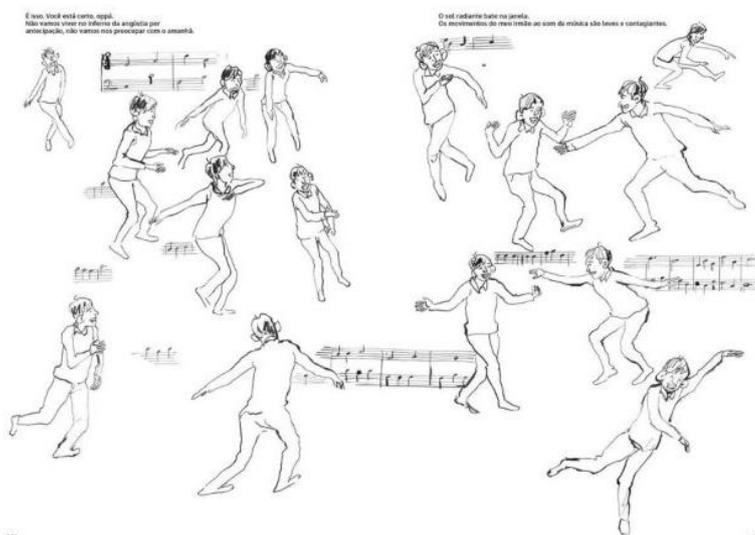
Figura 8:



Fonte: GENDRY-KIM, 2022, p. 130

Apesar dos altos e baixos enfrentados por Jun e sua família, a mensagem que prevalece é a do amor, a da esperança de um mundo melhor, com pessoas melhores que não apontem o diferente como ruim, apenas com *diferente*. O último capítulo encerra com uma cena de Jun dançando, feliz, como se não houvesse amanhã.

Figura 9:



Fonte: GENDRY-KIM, 2022, p. 252-253

3 Considerações finais

Início minhas últimas considerações com essa frase de uma professora que se considera bakhtiniana: “A alteridade não é uma opção. Para Bakhtin, é o princípio constituidor da humanidade [...] É sempre ‘pelo menos dois’, na vida, no conhecimento, na arte” (BENTES; LOBATO, 2020, p. 241).

Acredito que em *Jun*, Keum Suk consegue nos fazer refletir sobre nossas atitudes, sobre nosso papel na sociedade, enquanto filhos, educadores, amigos, cidadãos e em como estamos praticando nossos diálogos, nosso afeto. Keum Suk intitula a seção contendo suas notas finais como “Parecidos, mas um pouco diferentes: a beleza está na diferença” e nele ela conta um pouco como conheceu Jun (a pessoa que inspirou a história do livro), e como, mesmo no jantar em comemoração ao lançamento do livro, a autora presenciou uma cena de preconceito dos funcionários do restaurante no qual ela foi com Jun e seus pais.

Além disso, a autora faz críticas aos governantes que por muitas vezes contribuem para o apagamento e silenciamento das pluralidades, em qualquer esfera, seja educacional ou não. Por fim, Keum Suk deixa a seguinte mensagem “[...] Já não somos todos nós um pouco diferentes uns dos outros? Há outra beleza nessa diferença. Que possamos todos abrir nossos corações e identificá-la. E isso eu digo também para mim mesma”.

Termino aqui recomendando essa obra a todos e todos que estejam minimamente dispostos a expandir suas concepções de amor, de família, de respeito às diferenças, enfim, suas capacidades de dialogar da melhor maneira possível consigo mesmo e, conseqüentemente, com os outros, com o mundo.

REFERÊNCIAS

BENTES, José Anchieta de Oliveira; LOBATO, Huber Kline Guedes. Alteridade e Diálogo em Mikhail Bakhtin e o círculo: Entrevista com Marisol Barenco de Mello. **Periferia**, v. 12, n. 1, p. 230-247, jan./abr. 2020.

GENDRY-KIM, Keum Suk. **Jun**. Tradução de Yun Jung Im. São Paulo: Pipoca e Nanquim, 2022.

24 MOSQUEIRO: ILHA DE ENCANTOS ENTRE ALTERIDADE E AMOROSIDADE por Dilma Costa Nogueira Dias; Fábio Câmara da Conceição; Maria Catarina Wanzeler Carvalho

INTRODUÇÃO

Rememorar as narrativas de vida sobre as vivências de educadores(as) e moradora da Ilha de Mosqueiro, Distrito de Belém, no Estado do Pará, por meio de memórias é relevante. Sendo assim, este estudo apresenta uma diversidade de relatos que se ressignificam por meio de experiências dialógicas. Faremos uma incursão, a partir das narrativas de vida que se entrelaçam em vista da Alteridade e da Amorosidade, na perspectiva bakhtiniana.

Abordaremos as narrativas de vida em Bakhtin, a partir de memórias afetivas referentes as relações dialógicas entre os educadores(as) – Dilma, Fábio e Catarina -, bem como dialogar sobre as vivências com posicionamento de pertencimento ao território (D. Querida). Discutiremos o assunto com base nos pontos de vista dos falantes tendo em vista a Ilha de Mosqueiro como referência para o diálogo de saberes.

As narrativas de vida de educadores(as) e moradora são diálogos com base na alteridade e amorosidade na perspectiva bakhtiniana, na qual proporciona uma diversidade de saberes que revelam os encantos e narrativas sobre vivências na Ilha de Mosqueiro, Belém.

A ILHA ENCANTADA

Vamos conhecer a Ilha de Encantos? Mosqueiro é um distrito administrativo do município de Belém.

é uma ilha fluvial localizada na costa oriental do rio Pará, no braço sul do rio Amazonas, em frente à baía do Guajará. Possui uma área de aproximadamente 212 km² e está localizada a 70 km de distância do centro da capital Belém. A melhor maneira de visitar a ilha é ir de carro. Possui 17 km de praias de água doce com movimento de maré. O nome Mosqueiro é originário da antiga prática do moqueio do peixe pelos indígenas tupinambás que habitavam a ilha (BELÉM, 2022).

Mosqueiro é uma ilha de encantos, lá podemos apreciar a natureza a partir dos igarapés, das praias, degustar a exótica e incrível culinária paraense, nos divertimos ao som de músicas regionais, além de conhecermos

mulheres e povos centenários que tem muito a contribuir com seus saberes populares. E para iniciarmos o artigo dos encantos de Mosqueiro podemos ouvir a música “Ilha do Amor”, de Mahrco Monteiro.

Na música a “Ilha do Amor”, do cantor Mahrco Monteiro

Bate a brisa na cidade
Largo tudo na metade e vou te ver
Você é meu alguém que eu amo
Menina cor de café
Tô querendo cafuné
tô querendo te dizer
Que eu não vivo sem o teu amor
Você é minha vida

Vamos juntos neste verão curtir
O carnaval da ilha
Mosqueiro vai arder quando você passar
E eu quero ver você quebrar

Quebra, requebra, requebra, requebra
requebra, requebra menina
Que eu quero ver você mexendo de prazer

Quebra, requebra, requebra, requebra
requebra, requebra menina
Que eu quero ver
Você quebrar, você mexer meu coração

Ô ô ô ô ô ô
Eô eô eô eô
Mosqueiro é a ilha do amor
Ô ô ô ô ô ô
Eô eô eô eô
Hum hum

ENTRELAÇAMENTO DE AFETOS

Na trajetória da vida temos o presente de conhecemos “Gente”, nas suas diversas personalidades e pontos de vista. E temos o privilégio de anunciarmos que conhecemos Dona Querida, quilombola, centenária que no seu âmbito familiar e na comunidade em que vive tem como finalidade discutir acerca da decolonialidade do ser e do saber, a partir da visão de mundo dessa mulher.

Ela mora no Sucurijuquara, na ilha de Mosqueiro (Belém-PA) que é um

O território quilombola de Sucurijuquara é o único na jurisdição do município de Belém. Está localizado ao Norte da Ilha de Mosqueiro, entre o bairro de Carananduba e a Baía do Sol, com produção de mandioca, criação de suínos, peixe, galinha caipira e hortaliças. A população residente é de 689 indivíduos, sendo 143 crianças; 67 adolescentes (40 meninas e 27 meninos); 45 jovens, 351 adultos e 83

idosos. A cobertura vacinal contra a Covid-19 atingiu 90% da população (BELÉM, 2021).

A visão de mundo de Dona Querida é aceita em sua comunidade como contribuição em diversas esperas tais como: a educação do currículo da escola quilombola, entre outros. E sua vivência vai para além, seu saber centenário, sua leitura da mata, em sua infância nos encantou profundamente. Seus relatos sobre as festas nos fizeram viajar para as nossas infâncias.

E nesse entrelaçamento de afetos que rememoramos um tempo incrível em que curtimos nos divertimos em vários momentos do ano como Carnaval, mas também nas férias. Mosqueiro por ser próximo de Belém, a ilha é ponto de refúgio, de acolhimento, de amor e de diversão.

Para Bakhtin (2010) a alteridade se relaciona com a pluralidade das vozes e a partir disso se entende que

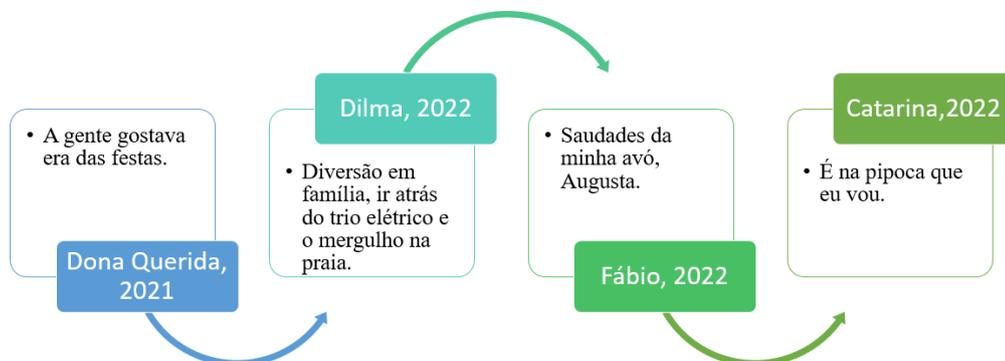
é impossível alguém defender sua posição sem correlacioná-la a outras posições, o que faz nos refletir sobre o processo de construção da identidade do sujeito, cujos pensamentos, opiniões, visões de mundo, consciência etc. se constituem e se elaboram a partir de relações dialógicas e valorativas com outros sujeitos, opiniões e dizeres. A alteridade é o fundamento da identidade. Eu apenas existo a partir do outro. Tudo tem que ser encarado a partir de suas relações (GEGe, 2019, p. 13).

Entendemos que as relações são formas diferenciadas de nos envolvermos com sujeitos sociais tendo como primícias que eu existo a partir do outro, e que a partir do outro ampliamos olhares, discussões e podemos transformar realidades.

Segundo Geraldi (2010, p. 52) nos desdobramentos de olhares

temos distintas histórias de relações com os outros – cujos “excedentes de visão” buscamos em nossos processos de constituição – vamos construindo nossas consciências com diferentes palavras que internalizamos e que funcionam como contrapalavras na construção dos sentidos do que vivemos, vemos, ouvimos, lemos. São estas histórias que nos fazem únicos e irrepetíveis.

E nesse universo de histórias que nos faz seres únicos e irrepetíveis rememoramos com muito a amor e afeto de nossas vivências em Mosqueiro e entrelaçamos com as falas de Dona Querida, conforme quadro 1 – Alteridades e Amorosidades, na ilha de Encantos.

Quadro 1: Alteridades e Amorosidades, na ilha de Encantos

Fonte: Pesquisador(as), 2022.

E nesse encontro de alteridades entre Dona Querida e educadores percebemos o gosto pelas festas, pela diversão em família, entre colegas, mas também a saudade da avó, da família, do tempo já vivido, das festas curtidas.

E nesse universo de memórias, afetos e amorosidades lembramos de músicas que remetem a esses momentos de saudades, e a trilha musical podemos ver no quadro 2 – memórias de musicais, da Ilha de Encantos.

Quadro 2: Memórias musicais, da Ilha de Encantos

Memórias	Músicas
Catarina	<ul style="list-style-type: none"> • Mimar você (Timbalada); • Água Mineral (Timbalada); • É bom demais (Araketu); • É o Bicho (Ricardo Chaves); • Haja Amor (Luiz Caldas);
Dilma	<ul style="list-style-type: none"> • Dia dos Namorados (Asa de Águia); • Milla (Netinho); • Filhos da Fruta (Fruta Quente); • Alô paixão (Banda Eva); • Pau que nasce torto (É o Tchan); • Dança do Vampiro (Asa de Águia); • Toneladas de desejo (Timbalada)
Fábio	<ul style="list-style-type: none"> • Voa, voa (Cláudia Leite); • Eva (Ivete Sangalo); • Faraó (Margareth Menezes); • Diga que valeu (Chiclete com banana);

Fonte: Pesquisador(as), 2022.

Essas músicas e muitas outras, nos transportam para um universo nostálgico em que recordamos com saudades da nossa infância, da nossa adolescência e é magnífico rememorar esses momentos, essas alteridades que foram acessadas por conta da escuta amorosa com a Dona Querida.

Como afirma Bakhtin que:

Somente um amor desinteressado segundo o princípio “não o amo porque é bonito, mas é bonito porque o amo”, somente uma atenção amorosamente interessada, pode desenvolver uma força muito intensa para abraçar e manter a diversidade concreta do existir, sem empobrecê-lo e sem esquematizá-lo [...]. O desamor e a indiferença nunca geram forças suficientes para nos deter e nos demorarmos sobre o objeto, de modo que fique fixado e esculpido cada mínimo detalhe e cada particularidade sua. Somente o amor pode ser esteticamente produtivo, somente em correlação com quem se ama é possível a plenitude da diversidade (2020, p. 128-129).

Essas músicas e muitas outras, nos transportam para um universo nostálgico em que recordamos com saudades da nossa infância, da nossa adolescência e é magnífico rememorar esses momentos, essas alteridades que foram acessadas por conta da escuta amorosa com a Dona Querida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo emana afetos, encantamentos, alteridades e amores. É sempre maravilhoso ser atravessada por falas essenciais como as de Dona Querida que nos atravessaram de uma tal maneira que podemos compartilharmos afetos e amores vividos nessa ilha tão incrível, que é Mosqueiro.

Hoje esse tempo, não é o tempo cronológico, mas os tempos que se cruzam e entrelaçam construindo um cronotopo-tempo-espaco de lembranças do passado que traz uma compreensão do passado com o presente em um contexto e espaço diferente que permite tecer uma reflexão minha no outro que nos proporciona mudanças de atitudes e concepções.

A memória com narrativa da Dona Querida traz outro sentido para esse carnaval que vivenciamos. E essa memória do passado carregado de saudades e lembranças maravilhosas que me emociona. E convidamos, você leitor, para embarcar de carona na ilha de encantos, sim, a ilha de afetos que é Mosqueiro.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Prefácio a edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p. 21-34.

BELÉM, Prefeitura Municipal de. Agência Belém. Matriarca quilombola guarda saberes populares da floresta e rico antepassado cultural e familiar. Disponível em: <<http://agenciabelem.com.br/Noticia/219091/matriarca-quilombola-guarda-saberespopulares-da-floresta-e-rico-antepassado-cultural-e-familiar>>. Acesso em: 07 abr. 2022.

BELÉM, Mosqueiro. Disponível em: < <http://www.belem.pa.gov.br/ver-belem/detalhe.php?p=233&i=1>> Acesso em: Acesso em: 22 de novembro de 2022.

GEGe. **Palavras e contrapalavras**: glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 112p.

GERALDI, João Wanderley. Ancoragens. Estudos bakhtinianos. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

LETRAS, MONTEIRO, Mahrco. **Ilha do Amor**. Disponível em: < <https://www.letras.mus.br/mahrco-monteiro/1047436/>> Acesso em: Acesso em: 22 de novembro de 2022.

25 O ESPELHO DO HOMEM por Lais Silva Fagundes

O espelho do Homem ao Espelho só alcança uma parte limitada de outros. Essa limitação é, em parte, feita pelo eu, visto que o eu tem poder de escolha sobre quais são os outros que o cercam e quais outros serão considerados relevantes para esse ato de se olhar através do outro. Existem outros que, apesar de conviver com o eu, não são e nunca serão selecionados pelo eu, talvez pelo desconforto que o eu possa sentir ao se sentir observado pelo olhar desse outro em específico.

É o que tem acontecido no país nesses últimos anos numa esfera sociopolítica. Vários eus se cercaram de vários outros que se encontram em esferas socioeconômicas muito semelhantes e que possuem visões sociopolíticas quase sempre alinhadas. Muito se fala sobre isso no que diz respeito ao partidarismo político, principalmente devido ao processo eleitoral ocorrido nesse ano, porém o partidarismo político é só uma parte conclusiva do que foram se construindo durante anos de notícias falsas, alienação religiosa e parental, e manipulação trabalhista.

No país, nos últimos seis anos, essa seleção do outros que serão considerados pelo eu nos processos individuais de alteridade durante os últimos seis anos têm sido pautada principalmente por alinhamento sociopolítico: me enxergo no espelho através dos olhos daqueles que pensam como eu e que não apenas agem como eu, mas também concordam comigo numa esfera política, assim, eu me (re)valido e me (re)afirmo.

Apesar de, em termos práticos, ser impossível o eu selecionar “todos” como outros válidos no processo de alteridade, é também muito improvável que essa autoavaliação seja feita de forma que não cause reflexões incômodas a partir de visões contrárias à visão do eu.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **O homem ao espelho**. Apontamentos dos anos 1940. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 110p.

26 A ALTERIDADE PARA BAKHTIN por Emilly Mendes da Silva

A alteridade para Bakhtin é a maneira de relacionar-se com o outro por meio do diálogo. Essa relação entre eu-outro é baseada na alteridade para o crítico literário, pois, todo “eu” se constitui por um “outro”, já que, na constituição de um discurso independente existem milhares de outros discursos, e não somente na fala, ou na escrita, mas também em ideologias e maneiras de interação. Tudo que imaginamos fazer de maneira independente na sua essência encontra dependência no outro.

Bakhtin (1940) afirma que até mesmo quando olhamos ao espelho, nosso reflexo vem a nós por meio do outro, por mais que ele não esteja ali, o que vemos é o reflexo de ideologias, valores, parâmetros que os outros têm de nós. Sem o outro, nós seríamos invisíveis. Opacos. Sem as relações dialógicas ficamos sem vida. Por isso, considerar uma relação de alteridade é tão importante, tanto para nos enxergarmos quanto para enxergarmos o outro.

A identidade do “eu” para Bakhtin (1940), também é constituída pelo outro, por isso levar em conta a posição e o caráter do outro é essencial. A posição amorosa com o outro nos faz perceber e levar em conta suas ideologias, discursos e suas interações. Se agíssemos sempre de maneira amorosa, nunca iríamos ser capazes de mortificar ou reificar a identidade do outro. Perceberíamos sempre que no outro nos encontramos, e por isso, não podemos torná-lo uma “coisa”.

“[...] o cruzamento e a interseção de duas consciências, de dois pontos de vista, de duas avaliações em cada elemento da consciência e do discurso, em suma, a interferência de vozes no interior do átomo” (BAKHTIN, 2008, p. 242). Ou seja, naturalmente o outro já existe, e tem influência sobre nós, não existe possibilidade de nos desvincularmos dele. Segundo Maingueneau, “um discurso não vem ao mundo numa inocente solitude, mas constrói-se através de um já-dito em relação ao qual ele toma posição” (1987, p. 39), com isso, tudo que dizemos, fazemos e até mesmo pensamos, nunca foi só nosso, mas naturalmente veio do outro.

Por isso, viver tentando mortificar o outro é como um suicídio, pois, ao matarmos ele, também nos matamos. Sem as relações dialógicas é impossível

nos enxergarmos, ouvirmos ou nos percebermos, visto que, quando os olhos dos outros se fecham nos tornamos invisíveis, já que não temos mais ninguém para nos refletir.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **O homem ao espelho**. Apontamentos dos anos 1940. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 110p.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1987.

27 ALTERIDADE E AMOROSIDADE NO CONTEXTO DA PANDEMIA: AS FERRAMENTAS DIGITAIS E REDES SOCIAIS COMO UM AFASTAMENTO OU NÃO NA RELAÇÃO COM O OUTRO? por Anna Paula de Souza Peres de Alcântara; Juliana Filgueiras Silva; Rita de Nazareth Souza Bentes

A pandemia de COVID-19 é uma mazela que deixou todos surpresos e com ela veio uma imensidão de sentidos inconstantes, isto é, no que tange à relação e diálogo entre as pessoas. Em linhas gerais, o que a quarentena externou, em um todo, foi praticamente como o ser humano é, propriamente dito e como cada indivíduo observou seu próprio comportamento – seja consigo, ou com o outro – e como essa autoanálise corroborou para que cada um enxergasse o outro, ou a si mesmo, ou proeminentemente a relação eu-outro-nós com mais afeto e empatia.

É perceptível que a pandemia foi ou é como “Janus” no que diz respeito às relações eu-para-mim, eu-para-o-outro e o outro-para-mim, com base nos escritos entre 1919 e 1921, temos texto:

É esta arquitetônica do mundo real do ato que a filosofia moral deve descrever, não como um esquema abstrato, mas como o plano concreto do mundo do ato unitário singular, os momentos concretos fundamentais da sua construção e da sua disposição recíproca. Estes momentos fundamentais são: eu-para-mim, o outro-para-mim e eu-para-o-outro; [...] Todos os valores e as relações espaço-temporais e de conteúdo-sentido tendem a estes momentos emotivo-volitivos centrais: eu, o outro, e eu-para-o-outro (BAKHTIN, 2017 p. 114-115).

Logo, entende-se que: a) o "eu-para-mim" – que é a relação que o “eu” vai se construindo, vai se vendo, se sentindo no mundo; b) o "eu-para-o-outro" – que ocorre quando o “eu” evoca um posicionamento em relação ao outro; e c) "o-outro-para-mim" – que ocorre quando o “outro” se posiciona em relação ao “eu”.

Muitas pessoas precisaram de um isolamento para, de fato, se conectarem ou reconectarem com o outro, com os pais, filhos e até mesmo consigo. Entretanto, o que mais foi noticiado durante esse período, além do número crescente de vítimas do vírus, foi que o índice de separação entre casais aumentou, o feminicídio ficou cada vez mais evidente, bem como a violência contra a mulher, que é um alerta o qual é uma pauta abordada há bastante tempo, fora o número considerável de pessoas que descobriram que

já tinham e adquiriram algum transtorno psicológico nesse período e, assim que possível, procuraram ajuda de um profissional de psicologia.

Mas o que realmente correlaciona esses pontos com perda da alteridade e amorosidade? Não é complicado notar que a falta do diálogo entre as pessoas sempre existiu, porém, os indivíduos se deram conta deste fato recentemente, com a pandemia, e muitas vezes, depois de perder ou quase perder alguém que amava muito.

Durante o ápice da pandemia, as pessoas foram “forçadas” a dialogar com seus familiares e amigos em um período no qual o afastamento foi preenchido pela presença cada vez maior da tecnologia. Com isso, as famílias precisaram aprender a conviver, a se entender e a respeitar uns aos outros. Outrossim, por que precisou de uma calamidade para que as pessoas percebessem que a falta de comunicação não é algo recente?

Com o avanço da tecnologia, a sociedade começou a enxergar que a utilização de ferramentas de comunicação como celular, *tablet*, ou computador e principalmente a internet e as várias redes sociais que são usadas no terceiro decênio do século XXI, fosse um estopim para justificar a falta de responsabilidade afetiva com o outro. No contexto da sala de aula também é um exemplo vivo de que a relação eu-outro-nós foi ceifada aos poucos, tendo em vista o fato das aulas serem online e com isso, a relação entre estudante e docente e até mesmo entre colegas de turma foi difícil de ser estabilizada.

A luz do exposto, à medida que as mídias sociais ajudaram nas aulas, home office e outros cenários, as mesmas também contribuíram para o afastamento das pessoas, ou seja, deixando mais aparente a falta de dialogicidade, amorosidade, empatia e respeito com os outros. E com isso, a ação de alteridade precisa ser resiliente, para que de novo, o diálogo e o amor na relação eu-outro-nós sejam recuperados aos poucos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores. 2010.

**28 A PALAVRA “MAL-DITA” DE VON RICHTHOFEN: UMA ANÁLISE
DIALÓGICA DA ENTREVISTA DE SUZANE AO FANTÁSTICO EM 2006 por**

Ana Vitória Dias Lima¹⁷

RESUMO

Tendo em vista que as ideias do Círculo de Bakhtin fomentam o estudo da linguagem no que tange a atividade social e interacional por meio da qual a língua é posta em funcionamento por um enunciador, o presente trabalho visa pontuar as estratégias de respostas utilizadas por Suzane Von Richthofen sob orientação de seus advogados e tutores na entrevista ao Fantástico em 2006 com base em conceitos desenvolvidos pelo Círculo Bakhtiniano. Para alcançar tal meta, a transcrição da entrevista foi feita, junto aos recortes de vídeo para melhor ilustração do trabalho. Outrossim, foi registrado o contexto em que ocorrem na relação pergunta/resposta. Por fim, observou-se que há fortes evidências de que o discurso de Suzane pode ser explorado por estudos da linguagem, a destacar a noção de responsividade – abordadas por Bakhtin e seu Círculo – para fazer de seu discurso um álibi frente à opinião pública, visando direcionar a significação linguística para obter efeitos ideológicos favoráveis.

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin. Relações Dialógicas. Linguística.

Introdução

Para Bakhtin a língua deve ser considerada “em sua integridade concreta e viva” (BAKHTIN, 1997 [1929], p. 181). Isso destaca a natureza dialógica da linguagem, ou seja, os discursos relacionados uns aos outros, construindo assim, a ideia de enunciado concreto. Não é à toa que todo enunciado torna-se responsivo, isto é, no sentido de que o receptor tem uma compreensão ativa da mensagem transmitida pelo transmissor ao se pronunciar. A partir disso, buscou-se verificar como o pressuposto responsivo do enunciado verifica-se em um enunciado particular: a se tratar da entrevista concedida ao programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão, em 2006, pela suspeita do assassinato dos pais, Suzane Von Richthofen.

Sem dúvidas, a responsividade é inerente a todo enunciado na fala de suspeitos, haja vista que estão respondendo acusações presumidas da opinião pública, da lei e da imprensa. Diante dessa ótica, este trabalho tem como objetivo geral identificar estratégias de responsividade utilizadas por Suzane

¹⁷ Discente da Universidade do Estado do Pará (UEPA)

Von Richthofen na entrevista, com base em conceitos desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin.

Alicerce Teórico

Segundo o Círculo de Bakhtin a noção de axiologia é usada para designar o universo de produtos do espírito humano, ou seja, para que o universo englobe as manifestações superestruturais como arte, política e ciência. Não é à toa que, por vezes, confunde-se ideologia e axiologia e devido a isso é fulcral ressaltar que para o Grupo, a significação dos enunciados possui uma dimensão avaliativa. Logo, todo enunciado é ideológico, conforme ressalta Faraco (2003).

Na concepção de linguagem que parte das práticas sociais os signos são intrinsecamente sociais e resultam da permutação social entre os indivíduos sociais. Daí se explica a necessidade de estudar os signos não os considerando isoladamente, mas situados nos processos de interação nos quais adquiriram significação. Essa capacidade do signo diz respeito às diferentes valorações possíveis de serem atribuídas a fatos sociais dentro de grupos sociais, justamente por serem tais grupos constituídos de sujeitos individuais, com experiências diversas e contraditórias.

A pluralidade da natureza humana conduz Bakhtin a conceder ao signo uma natureza com múltiplos sentidos, ou seja, o mesmo signo pode possuir diversos significados a depender do ato social da enunciação que lhe é atribuído. Devido a isso, para o Círculo, a linguagem deve ser observada em sua concretude, nos atos e fatos protagonizados pelos sujeitos sociais. Nesse ínterim, cada enunciado é “um elo da corrente ininterrupta da comunicação sociocultural” (FARACO, 2003).

Nas palavras de Faraco (2003), “todo dizer é, assim, parte integrante de uma discussão cultural (axiológica) em grande escala: ele responde ao já-dito, refuta, confirma, antecipa respostas, objeções potenciais, procura apoio, etc.” A partir disso, compreende-se que são três as dimensões da dialogicidade que permeia as vozes sociais. A primeira delas refere-se ao que todo dizer se deve orientar para o já dito; a segunda diz respeito ao fato de todo dizer presumir um receptor e para ele se oriente; a terceira dimensão é aquela segundo a qual

todo dizer é intrinsecamente dialogizado, ou seja, é constituído de múltiplas vozes sociais.

Diante do exposto, compreende-se, portanto, que para o Círculo Bakhtiniano a linguagem deve ser analisada a partir de suas práticas sociais. Ou seja, justifica-se a partir da seção seguinte em que um fato que chocou o país anos atrás foi analisado sob a ótica da teoria de Bakhtin.

A Palavra “Mal-dita” de Von Richthofen

É válido ressaltar que a concretude da linguagem é intrínseca à concepção Bakhtiniana sobre o enunciado. Diante disso, compreende-se que o enunciado, por ser eminentemente responsivo, não está envolto às respostas no sentido usual, mas sim a réplica presente nos discursos. Isto é, por ser proferido por sujeitos singulares e diversos, em tons diferentes a partir da locução enunciativa do sujeito enunciadador.

Nesse viés, o presente estudo visa analisar os movimentos responsivos dos enunciados proferidos durante a entrevista de Suzane Von Richthofen ao programa televisivo Fantástico. Tratando-se, assim, daquilo a que as autoridades policiais, os canais de comunicação e a opinião pública denominaram: Caso Richthofen.

Em 31 de outubro de 2002 o caso Suzane Richthofen repercutiu em todo país. O interesse público pelo caso tomou dimensões gigantescas ao ponto da possibilidade de transmissão do julgamento ao vivo na TV aberta. Diversas emissoras de televisão, rádio e fotógrafos foram autorizados a divulgar sons e imagens dos momentos iniciais e finais. Após investigação, o assassinato horrendo do casal Manfred e Marísia foi esclarecido: Suzane, Daniel e Cristian então criaram um plano para simular um latrocínio e assassinar o casal Richthofen, assim os três poderiam dividir a herança de Suzane. Ela e Daniel foram condenados a 39 anos e 6 meses de prisão, enquanto Cristian Cravinhos foi condenado a 38 anos e 6 meses de reclusão.

A entrevista disponível no Youtube tem duração de aproximadamente 5 minutos e foi dividida em três momentos. A repórter responsável pela entrevista foi Fabiana Godoy, que entrevistou Suzane em abril de 2006, que na época estava em liberdade condicional. Assim, consideram-se para este

estudo as informações dadas pelo apresentador do Programa ao chamar a matéria:

O que será que tem a dizer, hoje, **a menina bem nascida que é acusada de ter participado da morte dos pais** em outubro de 2002 em São Paulo? O que ela tentou dizer? E **o que ela tentou esconder?** E o que os advogados esperavam dessa entrevista? É o que você vai ver agora.

A chamada deixa evidente a posição enunciativa do Programa: considera o envolvimento de Suzane como uma possibilidade ao afirmar que ela foi apenas acusada. Contudo, com o fechamento da chamada, o Programa possibilita que o telespectador tenha autonomia para julgar a sinceridade de Suzane diante das câmeras e por trás delas.

A partir disso, a entrevista inicia-se com a introdução da repórter afirmando que furar o bloqueio em torno de Suzane Von Richthofen não foi fácil e desde a sua saída em 2006, ela conta com o apoio do tutor e amigo da família, cujo aparenta ser uma figura paterna diante das câmeras no teatro de Suzane. No primeiro contato entre a entrevistadora e Suzane, tem-se a sequência mostrada em (1):

De mãos dadas com o protetor, fala sobre a relação com o ex-namorado Daniel Cravinhos:

Suzane: **Eu me arrependo muito!**

Repórter: Você acha que se você não tivesse conhecido o Daniel nada disso teria acontecido?

Suzane: Não, nada disso... nada disso... (**gesticulando com a cabeça negativamente enquanto olha para seu tutor**)

Repórter: **Ela diz ter sido manipulada** pelo ex-namorado.

Suzane: Ele sempre **me obrigava** a usar muita droga, muita droga... **Ele mandava** eu usar cada vez mais e mais drogas. **Isso foi acabando comigo porque ele dizia “se você me ama, usa! Se você me ama, faz isso... e eu ia...”**

Diversos aspectos suscitam um posicionamento neste primeiro trecho fragmentado da entrevista. Quando a repórter faz o questionamento sobre o sentimento de Suzane no que concerne a significação de “arrependimento”, o valor ideológico empregado pela repórter diverge do de Suzane. Essa divergência incita a distinção tema/significação defendida pelo Círculo, haja vista que se o signo valorativo fosse um só, repetível, não haveria essa possibilidade de significação do termo arrependimento.

Enquanto que para a repórter, o arrependimento remete ao crime cometido, para Suzane, o arrependimento remete ao contato com o ex-

namorado, que ela acusa de tê-la induzido a se envolver nesse contexto criminoso. A partir disso, compreende-se que cada locutor - Repórter ou Suzane - significa a palavra de acordo com os acentos de valor que atribuem, a partir da sua perspectiva enunciativa no roteiro que circunda o crime.

Considerações Finais

Portanto, observou-se que o trabalho em questão objetivou discutir alguns tópicos embaixadores desenvolvidos pelo Círculo Bakhtiniano, em especial o do enunciado de valores inerentes ao dizer e da relevância do receptor daquilo que está sendo transmitido. Além disso, é válido pontuar que dependendo da posição enunciativa do sujeito, os acentos de valor atribuídos a ele variam. Isso pôde ser visto nos fragmentos das respostas dadas por Suzane em entrevista dada ao Fantástico, tendo em vista que durante a reportagem ela não foca em responder às perguntas feitas, mas sim, às vozes sociais que ecoavam sobre o Caso que imputam a ela a responsabilidade pela morte dos pais.

Então, os fragmentos das falas de Von Richthofen na entrevista dada ao Fantástico em 2006 ilustram evidências de que o discurso de sujeitos em condição de suspeição pode ser explorado por estudos da linguagem. Especialmente, a noção de responsividade trazida por Bakhtin e seu Círculo que se demonstrou especialmente relacionada a enunciados de sujeitos suspeitos; para fazer de seu discurso um alibi frente à opinião pública condenatória, o sujeito em suspeição parece direcionar a significação linguística para alcançar efeitos ideológicos positivos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso (1952-1953). In.: **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277-326

_____. O problema do texto (1959-1961). In.: **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 327-358

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski** (1929). 2. ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. 276p.

_____. O discurso no romance. In.: **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance (1934-1935)**. Trad. Bernadini et al. 4. ed. São Paulo: Unesp, 1998. p.71-210

_____. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance (1975)**. Trad. Bernadini et al. 4. ed. São Paulo: Unesp, 1998. 439p.

BAKHTIN, M.;VOLOCHINOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem** (1929). Trad. Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995. 196p.

DIAS, L. F. . Significação e forma lingüística na visão de Bakhtin. In: Beth Brait. (Org.). **Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido**. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 1997, v. , p. 105-113.

FARACO, C. A.. **Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. 1. ed. Curitiba: Criar Edições, 2003. v. 1. 136 p.

29 AS RELAÇÕES DE ALTERIDADE NA CHARGE: DA LÍNGUA AO PROJETO ENUNCIATIVO DO AUTOR por Fábio Augusto Teixeira Rodrigues; Angélica Bittencourt Galiza; Ronielson Santos das Mercês

PALAVRAS INICIAIS

Este texto tem por objetivo analisar as relações de alteridade presentes nas marcas da língua em uma charge, um gênero discursivo que também circula na esfera digital; e como elas podem refratar o posicionamento enunciativo de um autor. Nesse caso, o enunciado foi compartilhado na rede social *Instagram*, especificamente no período pós-eleição, em que ocorrem diversas manifestações de caráter antidemocráticas por parte de um grupo político favorável ao atual governo em exercício.

A charge em questão é de autoria do chargista Duke, ele também desenvolve trabalhos como cartunista e ilustrador. Com o nome de Eduardo dos Reis Evangelista, formado em belas artes, pela universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, com pós-graduação em cinema e animação pela mesma instituição. Um aspecto a ser destacado na trajetória do artista, foi a conquista do prêmio Vladimir Herzog, no ano de 2020, na categoria de prêmio Vladimir Herzog continuado, juntamente com outros chargistas.

Já falando da charge que será analisada neste texto, ela foi publicada no dia 04 de novembro, logo após o resultado do segundo turno das eleições, em uma página própria para divulgar suas charges no *Instagram*.

A seguir, a charge mencionada, considerada o *corpus* deste breve ensaio.



Fonte: [instagram.com](https://www.instagram.com) (2022).

METODOLOGIA

No que tange aos procedimentos de análise, trata-se de uma pesquisa baseada na Análise Dialógica do Discurso - ADD, termo designado pela pesquisadora Beth Brait, subsidiada pelo arcabouço teórico-metodológico de Mikhail Bakhtin, um autor russo. Sobre a ADD, este é um procedimento analítico que compreende os sujeitos historicamente situados (BRAIT, 2016).

Com relação a análise, está dividida em 3 etapas: a) as interações discursivas e suas relações com as condições concretas; b) as formas dos enunciados, logo, o gênero discursivo; e c) análise das marcas da língua.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para efeitos de análise, em um primeiro momento, faz-se necessário alçar uma lupa na materialidade a ser analisada, neste caso, a charge, de assinatura do chargista Duke.



Fonte: instagram.com (2022).

Sobre o conteúdo da charge, ela traz à tona dois momentos distintos vivenciado no governo do presidente Jair Bolsonaro: o primeiro, localizado do lado esquerdo, é a pandemia da covid-19, um momento crítico da humanidade, que apenas no Brasil, matou mais de 600.000 pessoas. Além disso, esse período também foi marcado pela péssima condução da pandemia no país, por parte do atual chefe do executivo. Ele, em diversos momentos, verbalizou declarações delicadas, dentre elas, destacamos as que

questionavam a relevância do isolamento social, uma prática utilizada no mundo todo para reduzir os números de infectados. Sendo essas declarações foram assimiladas por parte de seus apoiadores ou simpatizantes.

Já no lado direito da charge, há um outro momento, o do pós-eleição para a presidência do país, em específico, o segundo turno, ocorrido em 30 de outubro de 2022; quando o presidente em exercício foi derrotado, nas urnas, pelo ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, candidato do partido dos trabalhadores.

Diante da derrota no pleito, muitos apoiadores e simpatizantes de Bolsonaro mostraram insatisfação, seja na realização de manifestações antidemocráticas, seja em diversas falas, baseadas em uma suposta fraude. Outro ponto a ser ressaltado é indumentária, pois é um traço característico dos apoiadores do presidente Bolsonaro o uso de camisas do Brasil, em especial, as de cores verde e amarela. Por isso, o autor da charge retrata o sujeito que verbaliza usando uma camisa amarela, pois demarca um eleitor bolsonarista.

Já sobre o gênero discursivo charge, trata-se de um enunciado do campo jornalístico, seja de esfera virtual, seja de esfera impressa; e que dissemina o posicionamento de um grupo editorial. Concernente ao conteúdo charge, uma marca fundamental é a ironia, pois é um gênero destinado a expressar uma crítica velada. Além de sempre estar em diálogo com os fatos ocorrentes na vida, tendo em vista que os acontecimentos do dia-dia são o foco principal de um chargista, profissional que elabora charges.

Com relação a estrutura composicional do gênero, observamos o caráter verbo-visual, visto que é um enunciado caracterizado pela mescla da linguagem verbal e não verbal, no caso, de imagens. Na imagem em análise, há a representação em 2 momentos distintos, sendo ele caracterizado com a mesma indumentária, a camisa do Brasil, e a mesma expressão de insatisfação, além de alguns enunciados verbais. Já no âmbito do estilo, há o emprego de formas verbais similares propositalmente, pois o objetivo do chargista é fazer um jogo com as palavras, a fim de produzir a ironia como um efeito de sentido no interlocutor-leitor.

Podemos observar como o verbo “parar” é utilizado como um recurso expressivo, isto é, dotado de sentido, visto que é uma forma verbal usada em dois contextos de insatisfação dos apoiadores e simpatizantes do bolsonarismo: a pandemia, quando muitos argumentavam em prol da economia para refutar e desobedecer às orientações da Organização Mundial da Saúde – OMS, que naquele momento, apontava o isolamento social como uma prática essencial para o combate a proliferação do vírus.

Também é importante ser observado as exclamações após o verbo em “parar”, outro elemento expressivo, usado pelo chargista, para reforçar a desaprovação do grupo representado pelo sujeito presente na charge. Já o outro momento, retrata quando o presidente Bolsonaro foi derrotado, nas urnas, o que suscitou uma série de atos, antidemocráticos, em algumas regiões do país. Algumas áreas tiveram partes das rodovias interditadas como uma forma de demonstrar a não aceitação com o resultado das eleições. Sendo esses 2 momentos os que constituem o conteúdo temático da charge. Nesse contexto, há o uso do verbo supracitado para reforçar o bloqueio que causou alguns tumultos, algumas cidades e rodovias do país, como uma forma simbólica de responder as instituições, no caso, o Tribunal Superior Eleitoral – TSE, em especial, a figura do seu presidente, o ministro Alexandre de Moraes.

Com isso, podemos observar como nos 2 enunciados: “a economia não pode parar!!!” e no “vamos parar tudo!!!”, há a utilização do verbo parar refratando efeitos de sentidos diferentes, porém, similares, uma vez que nas duas situações, o grupo bolsonarista utiliza para estimular o caos, no primeiro caso: evitar que as pessoas fiquem em casa e, assim, desobedecer às orientações da OMS. Já no segundo, novamente para produzir o caos, que está relacionado com as manifestações inconstitucionais. Ambos para expressar uma não aceitação que, em consonância com a estrutura verbo-visual do gênero charge, estão na língua e no aspecto visual, no desenho que compõe o enunciado.

A forma linguística é permeada de uma ideologia, isto é, não é apenas uma forma da língua, mas um recurso estilístico, usado pelos bolsonaristas, e colocado na charge para mostrar como há uma intencionalidade, logo, uma

autoria, que nesse caso, é coletiva e demarca o posicionamento de um grupo. Conforme Bakhtin (2016), a língua não está restrita a formas linguísticas, pois há também o uso de formas verbais como elementos expressivos para acentuar a intencionalidade do projeto discursivo do autor, que nesse caso, é o chargista.

Ele, Duke, usa 2 enunciados elaborados pelo mesmo grupo, sendo que há uma forma da língua, o verbo em análise, para mostrar, como o discurso bolsonarista está pautado por um efeito de sentido da desordem, sendo que tanto na pandemia, como na derrota do pleito, o discurso, implícito nos 2 momentos, é um só: a imposição, o que traz a memória da ditadura militar, período histórico tão evocado pelo Bolsonaro, líder deste grupo. Isso exemplifica a língua expressiva, mencionada por Bakhtin (2016), pois o verbo “parar” está dialogizado por uma ideologia autoritária, que faz uso do verbo para mobilizar o caos.

CONSIDERAÇÕES INCONCLUSAS

Com o objetivo analisar as relações de alteridade presentes nas marcas da língua em uma charge, um gênero discursivo que também circula na esfera digital; e como elas podem refratar o posicionamento enunciativo de um autor. Chegamos a algumas conclusões: i) o gênero discursivo como um elemento para a crítica social; ii) a língua na sua forma verbo-ideológica; iii) as marcas da língua como um elemento expressivo a disposição do autor-chargista; iv) o aparecimento de um discurso autoritário camuflado por enunciados do cotidiano e v) a alteridade pautada em uma intolerância diante do outro diferente, no caso, o contrário politicamente.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Os Gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Ed.34, 2016.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: outros conceitos chave**. 2. Ed. 2º reimpressão. São Paulo: contexto, 2016.

30 ANÁLISE DO DISCURSO A PARTIR DA PERSPECTIVA BAKHTINIANA DE ALTERIDADE E AMOROSIDADE¹⁸ por Paulo Everton Fernandes da Silva¹⁹; Paloma Ferreira Fernandes²⁰

Resumo

Neste trabalho pretende-se discutir os conceitos bakhtinianos de alteridade (2017) e amorosidade (2020) e seus desdobramentos no processo de análise a partir das relações dialógicas, mais especificamente no discurso proferido por Eliziane Santos Neves, empresária de Cariacica que postou um vídeo em suas redes sociais xingando nordestinos pela forte representatividade de votos direcionados à Lula nas eleições presidenciais de 31 de agosto de 2022. A pesquisa é de abordagem qualitativa baseada na análise do *corpus*, relacionada aos conceitos acima mencionados. Os resultados revelam posturas unilateralizadas nutridas por enunciados com baixo nível de alteridade e amorosidade, além disso, expõem características do discurso xenofóbico e elitista. Por meio de xingamentos e palavras agressivas criam-se tensões e confrontos nas relações dialógicas.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Alteridade; Amorosidade; Dialogismo; Eu; Outro.

Introdução

A palavra alteridade significa “estado ou qualidade do que é outro, distinto, diferente”²¹, em sua raiz etimológica o termo deriva do latim *alteritas* que pode significar literalmente “ser do outro”, do francês *alterité*, com o sentido de “mudança”, em suma, o termo é cunhado tendo em vista aspectos ético-morais a partir das relações sociais, ou seja, a alteridade pretende contemplar a perspectiva do “outro” fugindo de uma abordagem exclusivista, excludente e egoísta, centralizada no “eu”. A própria definição do termo aponta para desdobramentos das relações sociais, isto é, para uma reflexão crítica que envolve as relações humanas, entender e aceitar o “outro” como um ser

¹⁸ Prof^a Orientadora do artigo. Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo/USP (2020). Mestre em Letras: Linguística pela Universidade Federal do Pará - UFPA (2007); especialista em Avaliação - UNB (1999). Especialista em Linguística Aplicada UFPA (1994); Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Pará (1992). Professora da Universidade do Estado do Pará, membro do Grupo de Pesquisa Diálogo e GELPEA. E-mail: sueli.silva@uepa.br.

¹⁹ Possui graduação no curso de Bacharelado em Teologia pela Faculdade Kurios (FAK) - Maranguape-CE (2017). Pós-Graduando em Interpretação Bíblica pelo Seminário Batista Livre (SBL). Graduando no curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Monitor bolsista em Análise do Discurso no Curso de Letras-Língua Portuguesa (UEPA). E-mail: pauloevertonf.d.s@gmail.com.

²⁰ Graduanda no curso de Licenciatura em pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: paloma.fernandes@iced.ufpa.br.

²¹ Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara

diferente do “eu” é o grande desafio proposto pelo pensamento alteritário. O termo latino compreende a relação do “eu” para o “outro” e não do “eu” para “mim” como é comum no monologismo, já o termo francês designa uma área de confrontos, ou seja, nem sempre as opiniões e atitudes do “outro” serão as mesmas do “eu”, daí o significado do “diferente”, do “distinto”, da “mudança”.

Em síntese, o conceito de alteridade é amplamente discutido, não são poucos os autores que o abordam, dentre eles poderíamos citar, por exemplo Paulo Freire (1987), Martin Buber (1978) e Frantz Fanon (2008). Já o termo amorosidade, a nível de conhecimento popular, significa “particularidade ou característica do que é amoroso; qualidade da pessoa que expressa ou sente amor.”²². Ainda que o conceito recaia sobre pressupostos para a alteridade, a definição ainda é limitada, pois restringe o conceito de amor ao mero sentimento afetivo. Porém, neste texto pretende-se abordar os conceitos de alteridade e amorosidade e seus desdobramentos no processo de análise a partir da perspectiva de Mikhail Bakhtin (2017) e (2020), somando-se a isso uma breve análise discursiva da fala de Eliziane Santos Neves, empresária de Cariacica que postou um vídeo em suas redes sociais xingando nordestinos pela forte representatividade de votos direcionados à Lula nas eleições presidenciais do dia 31 de agosto de 2022. Sendo assim, a Análise do Discurso tem por finalidade identificar as intencionalidades, as ideologias e as formações discursivas dos sujeitos e dos vários tipos de enunciados, considerando as condições de produção de cada discurso. Com relação ao tipo de pesquisa adotado, optou-se pelo método qualitativo, pois segundo Minayo (2014, p. 57) “as abordagens qualitativas se conformam melhor a investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análises de discursos e de documentos.”. Quanto aos objetivos, decidiu-se pela pesquisa exploratória, pois se pretende analisar, por meio da investigação científica, o tema e/ou o problema da pesquisa. Relacionado aos procedimentos técnicos, elegeu-se o tipo bibliográfico, seguido de análise, pois utilizou-se fontes impressas e digitais para analisar o *corpus*. Em primeiro lugar, definimos alteridade e

²² <https://www.dicio.com.br/amorosidade/>, acesso em 14/11/2022.

amorosidade em Bakhtin e posteriormente, traçamos uma breve análise discursiva sobre a publicação da empresária. Por fim, transpomos o debate e reflexões resultantes das proposições de Bakhtin sobre as relações dialógicas e seus confrontos para as circunstâncias contemporâneas.

1 Alteridade em Bakhtin

Em primeiro lugar, define-se alteridade em Bakhtin: “A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo.” (BAKHTIN, 2017, p. 30). Nos termos bakhtinianos a alteridade ocupa um lugar privilegiado, pois estabelece uma relação de dependência desse “outro dialógico”. Para Bakhtin, o “eu” não possui finalidade em si mesmo, porém o seu existir, sua atuação, seus pensamentos, suas falas, seus discursos, seus ditos, seus não-ditos, isto é, toda a existência do sujeito só passa a significar na relação “eu” para o “outro”, ou seja, a partir do “outro”. Quando Bakhtin afirma que só passa a ser consciente através dos outros, descreve, uma relação de interdependência dos sujeitos, a partir disso, o autor afirma que a existência do sujeito passa a ter significado, em outras palavras, o sujeito vive em função do “outro” e para o “outro”.

Ainda segundo Bakhtin (2017, p. 29-30): “Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha mãe, etc.), com a sua entonação, em sua tonalidade valorativo-emocional.”. Esse tipo de proposição é extremamente significativa, pois compreende necessariamente uma relação de alteridade. O nível de alteridade nas palavras de Bakhtin é constitutivo da relação “eu” para o “outro” e não do “eu” para “mim”, a interdependência dos sujeitos fica evidente pela construção do “eu” a partir do “outro”, nesse sentido, os discursos do “eu”, são, na verdade, discursos dos “outros”, em outras palavras, o sujeito passa a ser “construído” pelo “outro”. Isso não significa ausência de originalidade, ao contrário, mesmo o sujeito “construído” pelo “outro”, isto é, em função do “outro”, a partir do momento que se apropria de um discurso manifesta certo grau de subjetividade e dialogicidade. Em síntese, o sujeito passa a ser um construto de muitos “outros”.

A fim de exemplificar as relações de alteridade, Bakhtin ainda descreve tipos de relações, a saber:

1) Relações entre objetos: entre coisas, entre fenômenos físicos, fenômenos químicos; relações causais, relações matemáticas, lógicas, relações linguísticas, etc. 2) Relações entre o sujeito e o objeto. 3) Relações entre sujeitos – relações pessoais, relações personalistas: relações dialógicas entre enunciados, relações éticas, etc. (BAKHTIN, 2017, p. 30).

Nesse sentido, a relação entre objetos é caracterizada pelo aspecto inanimado, ou seja, não existe volição, não existe vontade, não existe liberdade em termos bakhtinianos, os objetos são desprovidos de dialogicidade. Já as relações entre sujeito e objeto qualificam-se pela supremacia da voz do “eu” em detrimento da voz do outro, isto é, relações entre sujeito e objeto são fortemente caracterizadas pela unilateralidade, pela homogeneidade, rigidamente hierarquizada e extremamente séria. Aqui nascem as relações unilateralizadas/monofônicas fascistas, racistas, neonazistas, etc. Por fim, as relações entre sujeitos são libertadoras, não violentas, heterogêneas e prezam pelo dialogismo, não significam convergência de ideias, pois os sujeitos possuem singularidades, mas compreende o respeito às vozes, aos corpos, às opiniões conflitantes, etc, ou seja, apesar das diferenças é nas relações entre sujeitos que se encontram as reais possibilidades de alteridade.

2 Amorosidade em Bakhtin

O tema amor em Bakhtin não pode ser reduzido ao mero sentimento, possui significado maior e mais abrangente. “O amor não fala do objeto na sua ausência, mas fala dele com ele mesmo”, afirma Bakhtin (2020, p. 43). A partir da proposição do autor percebe-se uma distância entre a definição de amor, com base na definição popular do termo, e a sua própria abordagem do conceito. O amor para Bakhtin está restrito à relação entre sujeitos, não uma relação do “eu” para “mim”, onde o “outro” é “coisificado”, isto é, tomado com uma “coisa”, um “objeto”. Em outras palavras, o conceito bakhtiniano de amor gravita em torno da dialogicidade e da alteridade. O fato de o amor não falar do objeto na sua ausência denuncia uma postura não só afetiva como também respeitosa, cuidadosa, libertadora, flexível, compreensível, tolerante, etc., tanto é verdade que Bakhtin continua: “A palavra-violência pressupõe um

objeto ausente e mudo, que não escuta e não responde, não se dirige a ele, nem exige o seu consenso, é uma palavra em ausência” (2020, p. 43). Em contraste com o amor, a palavra-violência é autoritária, ou seja, não se importa com o “outro”, ao contrário, despersonaliza o “outro”, coisifica o “outro”, mortifica o “outro”.

Tal conceito é denominado de amorosidade. Conforme Bakhtin (2020, p. 47), “O amor por si mesmo, a pena de si mesmo, a autoadmiração, são complexos específicos devido a sua composição. Todos os elementos espirituais do amor a si e da autoavaliação (com exceção da autopreservação etc.) são uma usurpação do lugar do outro, do ponto de vista do outro.”. As palavras de Bakhtin acerca do amor impõem a necessidade de reflexão. Nesse trecho, o autor analisa o aspecto egocêntrico do amor, o amor voltado para si, ou seja, o amor para o “eu”, o “eu” para “mim”. Dito isso, Bakhtin apresenta as implicações, o “outro” é usurpado, em outros termos, o amor para si e a autoadmiração são características de uma perspectiva centralizada na relação “eu” para “mim”, o que implica na redução, no silenciamento e na mortificação do sujeito dialógico.

Ainda sobre o conceito de amorosidade, Bakhtin afirma: “Não sou eu que avalio positivamente a mim mesmo do exterior, mas exijo isso do outro, eu tomo seu ponto de vista. Eu sempre estou sentado em duas cadeiras. Construo minha imagem (como consciência de mim) ao mesmo tempo de dentro de mim e do ponto de vista do outro” (2020, p. 47), aqui, fica muito clara a sincronia estabelecida entre alteridade e amorosidade. A avaliação do “eu” da perspectiva do “outro” costuma divergir da autoavaliação, costuma-se usar uma espécie de juízo de valor distorcido nas relações centralizadas no “eu”, por isso, o amor por si mesmo, nos termos bakhtinianos, configura-se na usurpação do “outro”. Quando Bakhtin afirma que está sentado em duas cadeiras, significa dizer que, do seu ponto de vista, o sujeito é um construto a partir das relações dialógicas, em outras palavras, o sujeito é constituído para e a partir do “outro” dialógico. Em suma, o conceito de amorosidade em Bakhtin apresenta níveis altos de alteridade.

3 Análise discursiva

Conforme Minayo (2014, p. 57) “O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam.”. A partir das palavras da autora, constata-se a importância e utilidade com que a pesquisa qualitativa é apresentada no universo das ciências sociais. Em contraste com isso, é correto afirmar que, referente ao meio científico-acadêmico, a Análise de Discurso limita-se ao campo da linguística e das ciências sociais, sendo assim, o presente trabalho apropriou-se da metodologia qualitativa tendo em vista a sua aderência aos objetivos pretendidos. Portanto, o intuito nevrálgico do presente trabalho limita-se em realizar uma breve análise discursiva da fala de Eliziane Santos.

No dia 31 de outubro de 2022, a empresária Eliziane Santos Neves se pronunciou de forma contundente em suas redes sociais contra pessoas da região do Nordeste por terem apoiado significativamente o candidato à presidência da República Luiz Inácio Lula da Silva, sua fala foi transcrita pelo Portal eletrônico O Povo²³. Segue a transcrição:

Parabéns bando de passa-fome do Nordeste. Agora não venham aqui para o Sudeste vender suas redes não, amores. Continuem aí nas cidades de vocês, não venham para cá, não, bando de miseráveis, pobres fodidos da casa do caralho. Continuem no Nordeste de vocês. Bando de cabeça chata do caralho. Continuem aí onde vocês estão, está bom? Fiquem aí. Não venham para cá, não. Não venham para o Sudeste vender as redes de vocês, não. Bando de pobres fodido. Passa-fome. Vai depender de Bolsa Família para o resto da vida. Vocês gostam sabe de quê? De esmola. Vocês não gostam de carteira de trabalho. Vocês não gostam de trabalhar, não, desgraça, final do ano eu vou para o Nordeste passar férias e sabe quem é que vai me atender? Vocês, numa mesa de bar. Entenderam, amores? Sabe quem é que vai esmolar quando eu passar com o meu carro? Vocês, seu bando de fodido. Vocês que vão esmolar nas praias que eu vou sair do Sudeste para curtir. Sabem por quê? Porque vocês merecem. Vocês merecem pedir esmola, como sempre. Está bom? Nós vamos sair daqui, vamos curtir como turistas e vocês como pedintes. (LOPEZ, 2022).

Para uma análise discursiva da fala da empresária, tomemos as palavras de Bakhtin (2017, p. 26): “Não pode haver enunciado isolado. Ele

²³ <https://www.opovo.com.br/eleicoes-2022/2022/11/02/empresaria-ataca-nordestinos-em-video-apos-derrota-de-bolsonaro-bando-de-passa-fome.html>, acesso em 05/11/2022.

sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado”, segundo Bakhtin, os enunciados são construídos a partir de muitos outros enunciados, ou seja, de certa forma os discursos não apresentam aspectos de originalidade, mas são repetições, interdiscursos, discursos atravessados que criam ideologias e determinam as formações discursivas dos sujeitos. O fato de não ser o “primeiro” nem o “último” faz do enunciado um conjunto de discursos atravessados que norteiam as práticas e pensamentos dos sujeitos. Assim, para se analisar os aspectos básicos da discursividade da fala de Eliziane é necessário que se faça uma abordagem das condições de produção, bem como das valorações que determinaram/determinam sua formação discursiva e ideológica²⁴.

Para uma tentativa de análise das condições de produção, recorreremos ao próprio discurso. Eliziane deixa muito clara a distinção entre os sujeitos do discurso aos quais se refere quando diz: “...*bando de passa-fome do Nordeste. Agora não venham aqui para o Sudeste*”, a empresária estabelece uma separação entre o Nordeste e o Sudeste, é bom que se diga que tal separação é carregada por uma ideologia elitista, pois historicamente, os nordestinos sempre sofreram preconceitos e discriminações por parte dos sudestinos, uma vez que nutriam – e ainda nutrem – a centralidade das relações de poder em âmbito nacional. O enunciado proferido pela empresária é marcado pelo elitismo ideológico que, a partir de sua fala, fica muito claro. Quando ela diz: “*não venham aqui para o Sudeste vender suas redes não*”, além de marcar a distinção (Nordeste e Sudeste), estabelece a desigualdade social como um fator de orgulho, o ato de “vender redes”, soa como um trabalho medíocre, de menor valor, além de enfatizar de forma desprezível a pobreza. Ao longo do discurso, expressa sua repulsa e ódio pelos pobres. Em resumo, o enunciado da empresária é marcado pela desigualdade social e pela ideologia elitista, isto é, o ponto de vista defendido é o de quem tem capital econômico elevado em detrimento de uma classe pobre trabalhadora. Dito isso, passemos à análise.

²⁴ O conceito de formação discursiva e formação ideológica é oriundo de Michel Pêcheux (1993), não está na base conceitual de Bakhtin, foi utilizado neste trabalho apenas com o intuito de demonstrar o diálogo e interação entre as teorias.

O primeiro conceito Bakhtiniano, fruto dos desdobramentos de análise que contemplam a alteridade e amorosidade, presente no discurso de Eliziane é o conceito do riso, não o riso festivo, mas o riso satírico. Segundo Bakhtin (2017) esse tipo de riso é “o riso fechado da sátira, meramente negativo”, ou seja, é o oposto do riso da festividade, da igualdade, da liberdade, pois é exclusivamente agressivo, excludente e caracteriza-se pela ironia. Em confronto com o riso da sátira, o riso festivo aproxima os sujeitos a ponto de também estabelecer a relação entre os sujeitos, isto é, o “eu” para o “outro”, já o riso satírico preza pela relação do “eu” para “mim”, ou seja, esse tipo de riso se constitui nas relações de coisificação do “outro”, uma relação opressora, segregadora e mortificadora. As palavras que Eliziane utiliza que evocam tal conceito são, respectivamente, “Parabéns” e “Amores”. A palavra “parabéns” é formada por outras duas palavras, a saber “para”, que indica “propósito” ou “em direção” e “bem”, que indica “qualidade do que é bom” ou “felicitações”, em outras palavras, “parabéns” significa literalmente “em direção do bem”. Trata-se, então, de ironia.

O riso satírico presente no discurso de Eliziane qualifica-se pelo uso de uma palavra que significa “felicitações”, mas que é utilizada num contexto de fala agressivo e mortificador. Tanto é assim, que após os “parabéns” Eliziane continua: “bando de passa-fome do Nordeste”, aqui temos o conceito bakhtiniano de palavra-violência²⁵, que desumaniza o homem. A segunda palavra utilizada é “Amores”. “Amores pode significar: 1) sentimento que induz a aproximar, a proteger ou a conservar a pessoa pela qual se sente afeição ou atração; grande afeição ou afinidade forte por outra pessoa; 2) sentimento intenso de atração entre duas pessoas; 3) ligação afetiva com outrem, incluindo geralmente também uma ligação de caráter sexual; 4) disposição dos afetos para querer ou fazer o bem a algo ou alguém²⁶., em suma, a palavra “Amores” define-se como sinônimo de alteridade, porém, quando utilizada por

²⁵ Em “O homem ao espelho: apontamentos dos anos 1940”, Bakhtin apresenta o conceito de palavra-violência. Segundo o autor a palavra-violência é oposta ao amor e a alteridade, pois minimiza, coisifica e mortifica o outro dialógico, em outras palavras a palavra-violência é a palavra em ausência. (BALHTIN, 2020).

²⁶ <https://dicionario.priberam.org/amores>, acesso em 05/11/2022.

Eliziane o sentido é carregado de ironia e, na verdade, seu objetivo é ferir, agredir e desconstruir o “outro” de seu discurso.

A expressão “bando de passa-fome do Nordeste” pode ser analisada com mais detalhes ainda com base no conceito bakhtiniano de palavra-violência. Antes disso, analisemos o termo “bando”. O dicionário Houaiss (2011) define o verbete “bando” como “grupo de pessoas ou animais; grupo de bandidos”, o Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara (2011) define o termo da seguinte forma “agrupamento de pessoas ou animais; os membros de um partido ou facção; grupo de bandidos; quadrilha.”. Com base nas definições acima podem ser elencadas algumas considerações, em primeiro lugar, o verbete “bando” está associado a um ambiente social específico, isto é, um determinado grupo ao qual se refere. Em segundo lugar, o termo também se refere aos agrupamentos animais, ou seja, um grupo ou ajuntamento de animais de determinada espécie. Em terceiro lugar, a palavra também carrega um peso semântico negativo, uma vez que se define como um agrupamento de “bandidos”, “facções” e “quadrilhas”. Ademais, o que é comum entre as definições propostas é a raiz etimológica do termo, deriva do latim *bandum* e significa literalmente “banimento” ou pode indicar “grupo de pessoas que foram banidas de um lugar”.²⁷

Levando em consideração as palavras de Bakhtin referentes aos tipos de relações²⁸, o fato de Eliziane utilizar o termo “bando” pode traduzir uma relação despersonalizada, coisificada, ou seja, a empresária reduz os moradores do Nordeste ao aspecto animal. Em outras palavras, a empresária compara os nordestinos com animais, desprovidos de racionalidade, não participantes das discussões humanas, afastados dos humanos. Trata-se de um discurso carregado de sentidos depreciativos, isso se configura como palavra-violência, palavra em ausência. A simples utilização da palavra “bando” denuncia uma postura preconceituosa e

²⁷ A página da internet demonstrou ligeira divergência quanto a definição da raiz etimológica do termo “bando”, enquanto os dicionários citados apresentaram a raiz *bandum*, a página apresentou *bandus*. O site pode ser acessado por meio do endereço eletrônico: <https://elmundoportu.com.tr/qual-%C3%A9-o-significado-no-dicion%C3%A1rio-da-palavra-bando/>, acesso em 15/11/2022.

²⁸ Relações entre objetos, relações entre sujeito e objeto e relações entre sujeitos. (BAKHTIN, 2017, p. 30).

impulsiona a relação dialógica por meio do confronto e da falta de amorosidade. Além disso, a carga semântica negativa do termo (bandidos, facção e quadrilha) acaba por revelar o nível baixo de alteridade, aqui “a palavra quer exercer influência de fora e determinar de fora” (BAKHTIN, 2020, p. 43), esse tipo de postura resulta no acabamento do “outro”. Corroborando com isso, Bakhtin diz que “é precisamente essa a mortificante imagem *em ausência*. A imagem é privada de dialogicidade e de inacabamento. A unidade acabada é sempre em ausência.” (BAKHTIN, 2020, p. 47).

Outro foco de análise são as negativas “*não venham aqui, não venham para cá, Não venham para cá, não, Não venham para o Sudeste*”. Aqui, o uso do imperativo negativo marca uma separação histórica entre Nordeste e Sudeste, nesse sentido o discurso de Eliziane configura-se como um interdiscurso, ou seja, não é um discurso simplesmente dela, na verdade, é um construto ideológico historicamente marcado pela xenofobia e preconceito. A região Sudeste do Brasil sempre objetivou estabelecer uma superioridade sobre todas as outras regiões do país, e por muito tempo, a centralidade comercial e econômica era determinada por sua influência. A região Sudeste do Brasil, por todo esse contexto de importância e crescimento, se tornou o “sonho de consumo” para muitas pessoas, inclusive nordestinos, no entanto, os casos de xenofobia com nordestinos residentes em São Paulo, por exemplo, eram (e ainda são) muito recorrentes. A grande problemática nesse contexto gira em torno supremacia da elite em detrimento do pobre. Quando a empresária utiliza as negativas está materializando uma segregação histórica, um discurso elitista que não respeita o humano do homem, mas agride, maltrata e violenta suas vozes, corpos e identidades. O “*não venham para cá*” expressa bem a intenção de que não se pretende conciliar os que estão historicamente separados, isto é, ricos e pobres, elite e classe trabalhadora, nobreza e plebe.

Outro conceito bakhtiniano presente na fala de Eliziane é o acabamento. Bakhtin (2020, p.45) afirma que “O próprio objeto não participa da formação da própria imagem. A imagem, em relação ao próprio objeto, ou é um golpe de fora ou um dom de fora, mas um dom injustificado, falso e lisonjeador”, o que o autor está querendo dizer é que o “outro” objetificado não possui o direito de

construir a própria imagem de si, esse acesso é vedado pelo poder da palavra e do discurso com ausência de dialogismo. Esse tipo de determinação do “eu” para um “outro” coisificado define um ato de acabamento, ou seja, o monologismo e/ou o discurso com baixo nível de alteridade retrata um “outro” acabado, isto é, sem qualquer possibilidade de mudanças, daí sua limitação ao construir a sua própria imagem. O autor ainda diz que “a unidade acabada é sempre em ausência” (2020, p.47), o acabamento para Bakhtin nada mais é do que a palavra em ausência. Ao utilizar termos como “*bando de passa-fome, bando de miseráveis, pobres fodidos, Bando de cabeça chata do caralho, Bando de pobres fodido, Passa-fome, desgraça, bando de fodido, Vocês que vão esmolar, pedintes*”, a empresária reduz o “outro” do seu discurso a meros objetos, coisas, animais. Aqui, os xingamentos e palavrões não são libertadores no sentido carnavalesco²⁹, mas constitutivos da palavra-violência e por consequência, mortificam o outro dialógico, isto é, promovem um acabamento.

Outro aspecto do discurso proferido por Eliziane que pode ser analisado é seu posicionamento político partidário ou suas preferências políticas. Os termos que denunciam isso são: “*Vai depender de Bolsa Família para o resto da vida. Vocês gostam sabe de quê? De esmola. Vocês não gostam de carteira de trabalho. Vocês não gostam de trabalhar...*”. O contexto discursivo e as condições de produção do discurso proferido por Eliziane estabelecem relação entre o Bolsa Família³⁰, a vitória de Lula no dia 31 de outubro de 2022 e o que ela chama de “esmola”. Após saber o resultado das eleições, a empresária reduz, menospreza e aniquila o “outro” do seu discurso. “A posição hierárquica correlativa do destinatário do enunciado (súdito, réu, aluno, etc.). Quem fala e a quem se fala. Tudo isso determina o gênero, o tom, e o estilo do enunciado...” afirma Bakhtin (2017, p. 53), em outras palavras, o tom de injúria utilizado pela empresária é justificado pela diferença da posição hierárquica entre o “eu” e o “outro” mortificado.

²⁹ Os palavrões, no sentido carnavalesco, contribuíam para a subversão do sério, hierárquico e autoritário, coisas rotineiras da vida, mas que somente no carnaval poderiam ser resinificadas. Fazem parte do conceito de carnavalização.

³⁰ O programa Bolsa Família foi oficialmente criado em 9 de janeiro de 2004 através do governo de Luiz Inácio Lula da Silva, já com o governo de Jair Messias Bolsonaro o programa foi substituído pelo chamado Auxílio Brasil.

Por fim, trata-se de um discurso autoritário, elitista, fascista e neonazista, pois impede o “outro” de falar e porque é justificado por um “renascimento” do ideal totalitário. A empresária afirma: *“final do ano eu vou para o Nordeste passar férias e sabe quem é que vai me atender? Vocês, numa mesa de bar.”*. Aqui, a empresária faz questão de destacar as posições do “eu” e do “outro”, no entanto, não significa que não é uma relação dialógica, mas que apresenta baixo nível de alteridade. Assim, tais posições marcadas no discurso da empresária são frutos da xenofobia e desigualdade social. Eliziane utiliza um par de termos para alcançar o sentido pretendido, são eles “férias” e “vocês vão me atender”, numa demonstração de que enquanto a empresária estiver desfrutando de seu alto salário e abundância o “outro” estará trabalhando e, além disso, servindo-a em todos os seus caprichos. O discurso autoritário e fascista é fortemente marcado pela ascensão de alguns em detrimento de muitos, por isso, o motivo do aniquilamento, da exclusão e da segregação. A empresária continua: *“Vocês merecem pedir esmola, como sempre. Está bom? Nós vamos sair daqui, vamos curtir como turistas e vocês como pedintes.”*, outro par de termos é utilizado, “turistas” e “pedintes”, novamente trata-se de uma relação “eu” para o “outro” coisificado, isto é, “eu” para “mim”. O que se constata é que “na retórica, há os indiscutivelmente inocentes e os indiscutivelmente culpados, há a plena vitória e a humilhação do adversário. No diálogo, a destruição do adversário destrói a própria esfera dialógica da vida da palavra.” (BAKHTIN, 2017, p. 49). Nos termos bakhtinianos, o ato de ferir, humilhar, escarnecer, injuriar e mortificar o “outro” destrói não só o “outro”, mas também o próprio dialogismo.

Considerações finais

A pesquisa nos levou a constatação de que alteridade e amorosidade são conceitos importantes para as reflexões e seus desdobramentos práticos quanto ao aspecto ético-moral. O amor pelo “outro”, a relação “eu” para o “outro”, a dependência do “eu” em função do “outro” são propostas de níveis altos de alteridade. Numa sociedade capitalista-neoliberal, onde as relações são qualificadas a partir do “eu” para “mim”, isto é, da centralidade do “eu” e aniquilamento do “outro”, as proposições de Bakhtin definem-se por sua

significância epistemológica e prática. A fala de Eliziane Santos Neves, por exemplo, apenas reverbera os muitos ditos e não-ditos preconceituosos, extremistas e fascistas no cenário nacional. A palavra-violência, a coisificação do “outro” e a sua mortificação são *práxis* que necessitam ser descritas, analisadas e combatidas a partir da conscientização social. A atuação do universo escolar-acadêmico, isto é, alunos, acadêmicos e docentes, frente às absurdas realidades dos confrontos discursivos deve ser a de promover caminhos outros, propostas outras, reflexões outras, tendo como finalidade o desaparecimento ou diminuição significativa dos discursos de ódio, tais como: o discurso elitista, o discurso xenofóbico, o discurso fascista, o discurso neoliberal, o discurso capitalista, o discurso neonazista, o discurso totalitário, o discurso golpista, o discurso ultranacionalista, entre outros.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Fragmentos dos anos 1970-1971. In: BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: editora 34. 2017, p. 21-56.

BAKHTIN, Mikhail. Introdução: apresentação do problema. In: BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. 5ª ed. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec. Brasília: editora universidade de Brasília. 2002. p. 1-50.

BAKHTIN, Mikhail. **O homem ao espelho**: apontamentos dos anos 1940. Tradução de Cecília Maculan Adum, Marisol Barenco de Mello e Maria Letícia Miranda. São Carlos: Pedro e João Editores. 2020.

BECHARA, Evanildo. **Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BUBER, Martin. **Sobre Comunidade**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

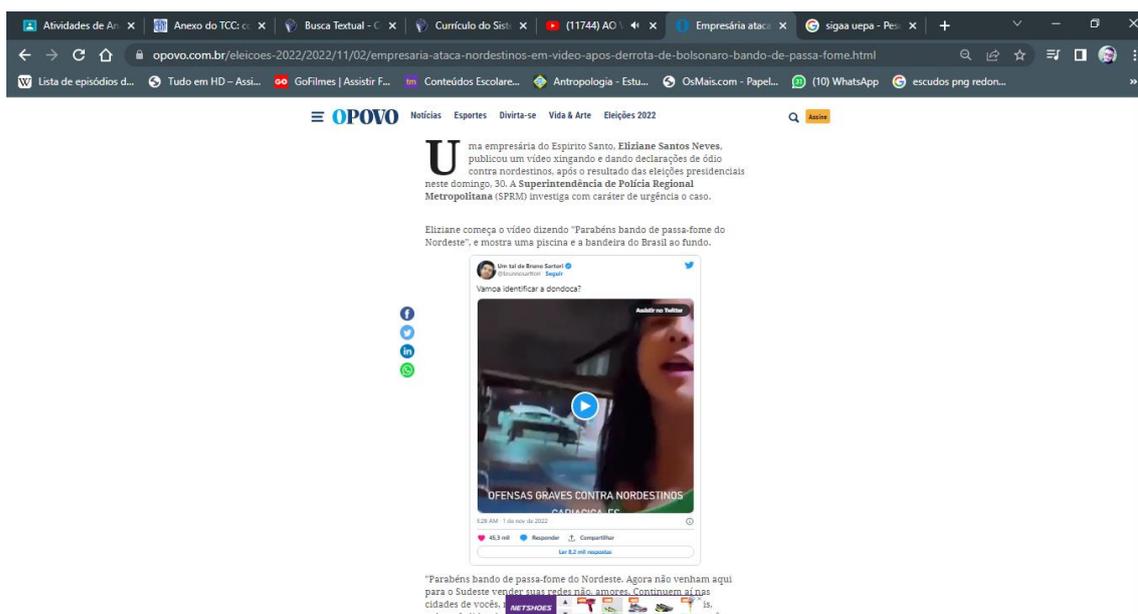
INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.

LOPEZ, Mariana. Empresária ataca nordestinos em vídeo após derrota de Bolsonaro: "Bando de passa-fome". **O Povo**, Ceará, 02 de novembro de 2022. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/eleicoes-2022/2022/11/02/empresaria-ataca-nordestinos-em-video-apos-derrota-de-bolsonaro-bando-de-passa-fome.html>>. Acesso em: 05 de novembro de 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14^a ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. Tradução de Eni P.Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1993.

ANEXO



31 AMOROSIDADE X ÓDIO: SE NÃO CONCORDA COMIGO, NÃO É MAIS MEU AMIGO!? por **Dilma Costa Nogueira Dias; Maria Catarina Wanzeler Carvalho; José Anchieta de Oliveira Bentes**

INTRODUÇÃO

As eleições no Brasil são um momento importante para a democracia em que os eleitores vão de forma democrática escolher seus representantes para governar seus país por quatros anos. Esse ano foi a vez de escolher os deputados, senadores, governadores e presidente que irá governar o país pelos próximos quatro anos.

No entanto, vivemos um período marcado por uma polarização por conta das eleições para presidente em que cada candidato aprovado pelo seu partido de filiação, buscava por meio de campanha política apresentar a população, propostas eleitorais que se caso vencesse, as colocaria em vigor.

A internet, por sua vez, teve um papel importante na divulgação das campanhas, porém no universo das redes sociais, o cuidado de filtrar as informações se faz fundamental. Pois, na campanha as propostas eleitorais foram difundidas e com elas houve a veiculação de muitas *fake news*, isto é, propagandas inventadas. Dentre elas, memes foram muito disseminados nas redes sociais tendo um caráter satírico e com uma “boa pitada” de bom humor, o que culminou em boas risadas, mas também em grandes discussões.

Nesse viés dialogaremos a partir de dois(2) memes mostrando o lado de cada perspectiva do eleitor brasileiro. E para isso, precisamos apresentar a empreitada eleitoral com a candidatura de vários candidatos que disputavam a eleição para Presidente do Brasil, segundo a CNNBrasil foram onze(11) candidatos conforme o quadro abaixo:

Quadro 1: Candidatos à Presidência de 2022

Candidatos à Presidência do Brasil	Partido de filiação
Luiz Inácio Lula da Silva	PT
Jair Bolsonaro	PL
Ciro Gomes	PDT
Simone Tebet	MDB
Felipe d’Avila	NOVO

José Maria Eymael	DC
Vera Lúcia	PSTU
Leonardo Péricles	UP
Sofia Manzano	PCB
Soraya Thronicke	União Brasil
Kelmon Souza	PTB

Fonte: quadro organizado pelas pesquisadoras tendo como base o site CNNBRASIL, 2022.

Como podemos perceber no quadro 1, temos onze(11) candidatos concorrendo à presidência. Alguns candidatos já são conhecidos, outros nem tanto. A intenção desse trabalho não é dissertar acerca da política, mas sim, dialogar sobre dois(2) memes postados nesse período de campanha, mas precisamente, memes que mesmo após o término das eleições continuam em vigor com a aceitação por parte da maioria dos brasileiros que votaram no Lula e enquanto, os demais que estavam a favor do atual Presidente da República, desconsideraram o resultado das eleições, pois na perspectiva deles foram baseadas em fraudes.

O texto tem como referencial teórico Bakhtin (1987, 2010) em uma busca de analisar os memes a partir do riso levando em consideração o viés popular dos brasileiros.

Memes: formas de olhares populares

Os memes são sátiras, engraçadas que de forma rápida, de caráter popular, ganha repercussão nas redes sociais e pode ser visto a partir de imagens, músicas, poemas, dentre outras. Nesse sentido, escolhemos dois (2) memes que ganharam popularidade durante a campanha eleitoral.

Os memes evidenciam o riso. Para Bakhtin, no livro *Cultura popular na idade média e no renascimento: O contexto de François Rabelais* (1987), o autor fala acerca do mundo da cultura popular que consiste em:

[...] segundo o mundo da cultura popular constrói-se de certa forma como paródia da vida ordinária, como um “mundo ao revés”. É preciso assinalar, contudo, que a paródia carnavalesca está muito distante da paródia moderna puramente negativa e formal; com efeito, mesmo negando, aquela ressuscita e renovada ao mesmo tempo. A negação

pura e simples é quase sempre alheia à cultura popular” (BAKHTIN,1987, p.10).

Continuando o pensamento do autor a complexidade do riso carnavalesco nos remete ao riso festivo em que:

É, antes de mais nada, um riso festivo. Um é, portanto, uma reação individual diante de um fato "cômico"isolado. O riso carnavalesco é em primeiro lugar patrimônio do povo(esse caráter popular, como dissemos, é inerente à própria natureza do carnaval); todos riem, o riso é “geral”; em segundo lugar, é universal, atinge a todas as coisas e pessoas(inclusive as que participam do carnaval), o mundo inteiro parece cômico e é percebido e considerado no seu espeto jocoso, no seu alegre relativismo; por último, esse riso é ambivalente: alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente (BAKHTIN,1987, p. 10).

Para muitos brasileiros, o carnaval é uma festa pagã e carnal. O que está sendo caracterizado não é a festa em si, mas o caráter popular de expressão em que o riso se evidencia a partir da ambivalência de cada sujeito, seja na alegria ou no alvoroço sarcástico onde para muitos há afirmação e para outros há a negação.

Em contrapartida, o riso na idade média tinha o caráter oficial

[...] relegado para fora de todas as esferas oficiais da ideologia e de todas as formas oficiais, rigorosas, da vida e do comércio humano. O riso tinha sido expurgado do culto religioso, do cerimonial feudal e estatal, da etiqueta social e de todos os gêneros da ideologia elevada. O tom sério exclusivo caracteriza a cultura medieval oficial (BAKHTIN, 1987, p. 63).

No caráter oficial percebemos a evidência da formalização, da doutrina oficial, enquanto que, no caráter não-oficial evidenciamos a popularização do diálogo em que há diversas formas de enxergar o mundo a partir da cultura popular.

E diante da popularização de enxergamos o mundo que apresentamos o quadro 2, com os dois (02) memes que serão analisados no artigo.

Quadro 2: Memes

Fonte: internet, 2022.

O primeiro meme apresenta dois (02) personagens Neymar (um jogador mundialmente reconhecido pelo seu futebol) e o Lula (ex-presidente do Brasil, e que na época do meme estava concorrendo as eleições para Presidente do Brasil e hoje, Presidente eleito só Brasil). Nesse meme, Lula dá um drible em Neymar, que cai no gramado pedindo falta, porém o juiz deixa o jogo seguir e Lula continua a jogada e faz o seguinte comentário "perdeu, otário... KKK".

Esse meme evidencia um campo de futebol que é uma área super conhecida do Neymar, mas não do candidato a presidente, mas quando, Neymar mostra sua opinião acerca de um lado político, o jogador adentra ao campo que é conhecido de Lula, e nessa arena “campo de futebol” ambos entraram para jogar, cada um na sua expertise. E nessa arena conhecemos quem foi a vitória.

No comentário “perdeu, otário... KKK” podemos entender que o golaço feito foi a vitória na eleição, e mesmo com a postagem da dancinha “22 é Bolsonaro”, do Neymar a favor do seu candidato que viralizou nas redes sociais, a vitória foi de Lula, o que nos mostra que o meme de forma irônica e engraçada mostrou grande parte da população que era a favor de Lula.

No segundo meme, vemos a foto do candidato à reeleição Bolsonaro com um enorme sorriso no rosto e fazendo um coração com as mãos e na legenda tem a seguinte frase "me atura ou surta". A legenda nos oferece algumas hipóteses tais como: o candidato se apresentando como a melhor opção para assumir o cargo, então tem que aturar ou se reeleito, os brasileiros que não concordam com a postura dele, vão surtar, mas terão que aturá-lo.

Os memes mostram os dois (02) lados, os que são a favor do candidato Lula e os brasileiros que desejam que Bolsonaro seja reeleito. Contudo, além dos memes o que evidenciamos na campanha eleitoral é "Se é amigo tem que concordar comigo, se não meu amigo não é. Essa é uma das máximas, um dos paradoxos do cotidiano que entendemos que, pelo fato do outro ter uma amizade comigo tem que concordar em tudo.

No entanto, por sermos seres pensantes, inconclusos, inacabados e falantes fomos criados em culturas diferentes, temos pontos de vistas diversificados e esse trabalho mostra o posicionamento diferenciado de brasileiros, mas em uma perspectiva engraçada, respeitosa entre a diversificação de pontos de vistas, em que não necessariamente preciso pensar igual ao meu amigo, isso foi muito presente na campanha eleitoral.

Na campanha eleitoral percebemos que parentes deixaram de se falar, pessoas deixaram de se seguir nas redes sociais, sentimentos de raiva, desrespeito, agressões verbais e físicas foram cometidas por conta de pensarmos diferentes. Atitudes essas, que provocaram medo, climas de tensão pelo fato de não pensarmos iguais. Dessa forma, as relações individuais elas se tornaram tão extremistas até o ponto de desconsiderar o parentesco, a amizade e o fato de não querer mais ter relação com a pessoa.

Entendemos que, o fato de pensar diferente não te faz nem melhor e nem pior do que o outro e nessa campanha eleitoral as relações foram colocadas de lado, o respeito ficou esquecido, o não pensar igual a mim criou-se uma barreira e um afastamento em que evidenciamos nas redes sociais, mas também no nosso cotidiano falas tais como: "eu não quero mais ter contato contigo, eu não sei como uma pessoa estudada como você irá votar em um ladrão".

Ou outro ponto de vista “eu não sei como você que perdeu entes queridos pode estar levantando a bandeira para um líder que deveria ser o primeiro a comprar vacina e ficou fazendo chacota com a situação”.

E essa polarização se tornou tão evidente no cotidiano presencial e no virtual e esses espaços foram arenas tensas de muitos xingamentos e de bloqueios. Percebemos, que os extremismos dos lados, mas para suavizar o grande conflito optamos pelos memes com a intenção de valorizar o riso como uma forma de expressão, mas não como uma forma de dizer qual é o lado correto e que tem a verdade única.

Os dois (02) memes mostram a ambivalência de pontos de vista, em que partimos de Bakhtin, que discute a importância da filosofia do cotidiano, que fala dessa responsabilidade de escutar o outro para nos dar acabamento.

Apesar de irmos até o outro, em um movimento exotópico, ao voltarmos ao nosso eu, precisamos nos posicionar e não somos pesquisadores neutros mostramos os dois pontos de vista a partir do riso, e ficamos ao lado do amor e da esperança porque entendemos que o posicionamento de um Presidente da República precisa almejar, se empenhar de todas as formas para manter a saúde, buscar alternativas para diminuir a desigualdade, combater a fome, planejar programas para diminuir o desemprego e ter respeito pela dor do outro.

Entendemos que, amorosidade é o “amor como a única força capaz de ver e representar a liberdade interna do humano”. Em que, a “afirmação também do riso e da alegria como as forças que vencem a seriedade-relações que o autor retoma em toda a sua obra” (p. 30, 2020).

Para isso, entendemos que:

o verdadeiro riso, ambivalente e universal, não recusa o sério, ele purifica-o e completa-o. Purifica-o do dogmatismo, do caráter unilateral, da esclerose, do fanatismo e do espírito categórico, dos elementos de medo ou intimidação, do didatismo, da ingenuidade e das ilusões, de uma nefasta fixação sobre um plano único, do esgotamento estúpido. O riso impede que o sério se fixe e se isole da integridade inacabada da existência cotidiana. Ele restabelece essa integridade ambivalente (BAKHTIN, 1987, p. 105).

E nessa ambivalência da vida que encontramos nos memes uma forma mais universal para dialogar, nos purificar dos dogmatismos, dos

pensamentos extremistas por intermédio do riso, do amor e do respeito pela opinião do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo, a palavra continua na roda, as decisões e os pontos de vista estão abertos para que nós, sujeitos sociais, culturais possamos discordar e pensarmos diferentes na arena da vida. E são essas relações que vão nos constituindo como sujeitos sociais, mas entendemos que, o outro vai trazendo esse acabamento para o meu eu e nesse pensamento, nessa relação, nessa construção de diferentes pontos de vistas que somos construídos e desconstruídos. Assim, encerramos o artigo com a pergunta: qual é o seu ponto de vista? O pensar diferente faz você deixar de ser meu amigo?

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **O Homem ao Espelho**. Apontamento dos anos 1940. São Carlos. Pedro & João Editores, 2020.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e o Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo. Editora Universidade de Brasília, 1987.

32 A VIOLÊNCIA D(N)A PALAVRA NAS RELAÇÕES DE ALTERIDADE: UM GLOSSÁRIO DA PALAVRA-VIOLÊNCIA por Lady Kethellen Pantoja de Oliveira; Sueli Pinheiro da Silva

A palavra em Bakhtin não se apresenta com um caráter puramente estrutural. Ao contrário, assume um significado que se estende a concepção de enunciado; é ideológica e dialógica, parte do processo de interação entre interlocutores. Para os linguistas estruturalistas, a palavra era uma organização que poderia ser desmontada e remontada, em outros termos, dicionarizada. A concepção bakhtiniana aborda a teoria de que ela se materializa em contextos de enunciados.

Para Bakhtin (2020, p. 43) “O conteúdo da palavra sobre o objeto nunca coincide com o seu conteúdo para si mesmo. O conteúdo lhe dá uma definição com a qual ele nunca pode concordar, por princípio, interiormente. Trata-se da palavra dicionarizada, em determinado momento e, em outro, dos sentidos instaurados e percorridos nos contextos e nas práticas em que se constitui.

Para o autor, “A palavra-violência pressupõe um objeto ausente e mudo, que não escuta e não responde, não se dirige a ele, nem exige o seu consenso, é uma palavra em ausência (Bakhtin, 2020, p. 43). Essa violência se situa em todas as esferas nas quais circula a palavra e, no campo midiático, chegou às telas em tempo real, tal qual ocorre nos reality show. E ela não chega apenas literal e necessariamente carregada de seriedade, mas por vezes revertida de jocosidade operada nesse gênero do entretenimento que, pela própria configuração, embora determine como regra a proibição de agressões físicas, a promove em outros níveis. E, embora o show seja também de horrores, há a altos índices de audiência o que demonstra o interesse do público pelo gênero, o que nos permite afirmar que a violência exerce esse fascínio na sociedade, como explana Minerbo

no reality show as pessoas são obrigadas a ser o que são “de verdade”. Nesse sentido, estão realmente expostas, e em três sentidos: ao nosso massacre – “como são medíocres!” –, ao paredão e, principalmente, expostos em toda sua nudez psíquica. E aqui começa a violência do espetáculo – violência que a plebe consome com prazer. Sem o saber, os participantes estão expostos ao público como carne humana. Assim como o gladiador enfrenta o leão praticamente desarmado, apenas com um escudo, eles se expõem e enfrentam o público desarmados, diretamente, sem a proteção das mediações simbólicas – ou com

mediações simbólicas mínimas, quando se lembram de que “é apenas um jogo (MINERBO, 2007, p. 157).

Trata-se de interesses que envolvem ganhos numa cadeia de interlocutores: a Globo, os jogadores em busca de visibilidade e do valor destinado ao ganhador e a satisfação dos espectadores como *voyers* e coautores do espetáculo, já que podem decidir sobre os destinos dos jogadores na casa. A casa do Big Brother Brasil (BBB), intitulada como a casa mais famosa e vigiada do Brasil, também tem como essência e objetivo o confinamento. Por meio dele, o público pode observar o comportamento dos participantes 24 horas por dia, por meio de canais oficiais, seja pela TV ou pela internet. É naquele ambiente onde os participantes irão lutar por 1,5 milhões de reais, e ter seu limite emocional testado durante toda a permanência do participante até o último minuto do programa.

Entre as violências permitidas e até incentivadas no “jogo” está a violência verbal, presente na figura, nas palavras “oportunista”, “duas caras” “hipócrita”, selecionadas por um participante do jogo e, por ele, destinada ao outro. É a palavra-violência em cena. Além delas, algumas das palavras-chave do programa abaixo mencionadas revelam o cenário de onde e ao qual se situam no reality. O sentido das palavras no cenário da espetacularização do sofrimento do outro ganha uma nova roupagem, uma ressignificação, não mais dicionarizada, mas resultante de nossas práticas de linguagem. Apresentamos, a seguir, o percurso semântico de algumas dessas palavras fortemente presentes no reality e já constitutivas do gênero no BBB. Optamos pela forma dicionarizada, seguida de um de seus usos em contexto atual situado, o reality Big Brother Brasil:

Paredão: Muro alto, muralha, (Borba, 2002). Todavia, com o tempo, tornou-se um termo que remete ao período da ditadura nazista, uma vez que era utilizado para “se referir às pessoas que seriam executadas a tiros em frente a uma parede” (DAL' PONTE; GOLDSCHMIDT, 2015). No contexto atual do programa Big Brother Brasil, o termo é utilizado quando dois ou mais participantes disputam a preferência do público. Foi utilizado pela primeira vez pelo participante Adriano Castro, em 2002 (na segunda edição do reality)

e até hoje é sinônimo de azar, entrave ou, principalmente, “hora do julgamento”. O paredão é o momento de maior vulnerabilidade dos participantes do programa; o sujeito ali, a mercê da decisão do outro, e espera que este tenha piedade, misericórdia, empatia. Está totalmente suscetível ao julgamento, aguardando a sua sentença. Teria ele uma nova chance de permanecer na casa e continuar o jogo? Trata-se da etapa de eliminação ou absolvição do participante.

Historicamente essa prática é recorrente, como no período de ápice do Coliseu romano, em que o indivíduo era jogado na arena. E nesse contexto, quem julga, além de ter o status de plateia, que vibra com o espetáculo, aquele que, em termos atuais, quer “ver o circo pegando fogo”, tendo em vista a sombria atração que esse espetáculo de horrores parece exercer sobre os espectadores que respondem por meio da audiência com qual os contempla.

Eliminação: Exclusão; ação de retirar algo e/ou alguém do conjunto; é o ato ou efeito de afastar, excluir ou extinguir (Aurélio, *on line*, 2022); provocar a morte de ou suicidar-se (dicionário *on line* bing.com, 2022). No contexto do programa, esta é a força resultante do julgamento do público. Mais que isso, ela representa também o momento no qual o expectador experimenta o ápice do seu poder (ou da falsa sensação de poder). O sujeito que julga, que elimina, experimenta a catarse de decisão sobre o outro que, a mercê dessa atitude, deixa o programa.

Cancelamento(cancelar): Suspensão; anulação; invalidar (Borba, 2004), o que significa tornar sem efeito, sem valor. No contexto atual está para além do ato de julgamento: é um ato condenatório. Seu foco é o indivíduo julgado por seus dizeres ou posicionamentos que desviam do que é esperado pelos demais. Como infere Foucault:

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa (FOUCAULT, 2009, p. 9).

É o ato de perseguir a tal ponto que atinja o seu alvo: prejudicar o outro, seja emocionalmente, financeiramente ou, no contexto das mídias sociais, visualmente. É comum o sujeito cancelado perder seguidores, contratos e patrocínios (se os tiverem). Lopes (2022) evidencia que no contexto das

civilizações antigas isso já era praticado, porém não recebia esse nome, era o exílio social por si só, não o virtual (como conhecemos atualmente), onde eram excluídos aqueles “que são considerados incapazes de se adaptar aos valores de uma sociedade”. Cancelamento é um ato de exclusão, vingança e punição.

Importante observar também que o julgamento em relação ao registro e vigilância. o Big Brother, o julgamento se dá pela documentação e vigilância do programa que se dá nas 24 horas por dia. Se o participante manifesta uma conduta diferente do que o público espera, este vai compartilhar seu descontentamento com tal atitude por redes sociais, e quem partilha do mesmo pensamento repassa a mídia, criando assim uma teia arbitrária de julgamento.

No BBB, essa prática é expressa por meio do **jogo da discórdia** constituído de palavras-violência (conforme figura 1), **castigo do monstro e xepa**. São estratégias da produção do programa utilizadas para fomentar a intriga entre os participantes, dividindo-os em grupos, como ingrediente do jogo para que gerar conflito entre os jogadores, a fim de atrair o espectador para assistir às “tretas”, tão valorizadas nos realities.



Vê-se na figura acima o protagonismo do uso da palavra-violência nas relações conflituosas com o outro, causando uma espécie de carnificina moral. Neste sentido, Bakhtin (2020, p. 43) “Essa palavra violência (...) conflui no criador, com milhares de motivos pessoais que turvam a sua pureza – sede de sucesso, de influência e de reconhecimento (não da palavra, mas do criador), aspirando a se tornar uma força opressora e consumidora”. Podemos

relacionar isso às relações de interesse constituída na cadeia anteriormente mencionada que envolve fama, lucro e poder.

Junto ao julgamento vem a punição, que culmina no **cancelamento** dos protagonistas do jogo. Isso acontece todos os anos com os participantes das edições do BBB, que após sua saída, descobrem que a vida fora do confinamento mudou drasticamente. Percebe-se que na sociedade do espetáculo, agredir verbal, moral e virtualmente não basta: é necessário punir o alvo em todas as esferas alcançáveis, mesmo que isso o deixe sem recursos financeiros para se manter.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As reflexões aqui apresentadas nos colocam diante do percurso semântico da palavra-enunciado que tem como ponto de partida um contexto de desumanização e neutralização dos sujeitos e, como ponto de chegada, a própria violência da palavra em outro tempo: o tempo da espetacularização do sofrimento do outro em um jogo de ganhos incertos e perdas inevitáveis.

O fenômeno em questão expressa a demonstração da naturalização e consequente banalização do sofrimento do outro em vários níveis no reality Big Brother Brasil, por meio de exibições que rendem audiência na “casa mais vigiada do Brasil”, de modo a atrair adeptos e fomentar a naturalização de práticas de incentivo às agressões em cena por meio de jogos que geram intrigas na casa e que refratam fora dela, nos espectadores, o que nos leva a constatar certo fascínio dos espectadores por esse tipo de diversão. Sim, vale lembrar que se trata de gênero classificado como do campo do entretenimento que promove o cancelamento do outro por meio da palavra-violência que nega, coisifica e mortifica o “outro”, numa demonstração cabal de falta de amorosidade nas relações de alteridade.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN. M. Mikhail. **O homem ao espelho**: apontamentos dos anos 1940. Tradução de Cecília Maculan Adum, Marisol Barenco de Mello e Maria Letícia Miranda. São Carlos: Pedro e João Editores. 2020.

BORBA, S. Francisco (Org). **Dicionário UNESP do Português Contemporâneo**. São Paulo, UNESP, 2004.

DAL' PONTE, Cássio; GOLDSCMIDT, Ilka Margot. **Peixe Grande em Água Fria**. Intercom, pág. 5, 2015. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2015/expocom/EX45-0046-1.pdf>

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 11ª reimpressão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 19ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

LOPES, Michele Aparecida Pereira. **A cultura do cancelamento no dispositivo midiático**: subjetividade de prática de si. Revista do GEL, v. 19, n. 1, p. 146-164, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

MINERBO, Marion. **Big Brother Brasil, a gladiatura pós-moderna**. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/cP4bTcWmZG4RSnf57MtcRDP/?format=pdf&lang=pt>

Websites

<https://emails.estadao.com.br/noticias/tv,bbb-21-jogo-da-discordia-gera-briga-entre-projota-e-joao-caio-e-carla-e-lumena-chora,70003633378>

<https://www.bing.com/search?q=dicion%C3%A1rio+aur%C3%A9lio+eliminar+significado&cvid=ad77ec2d3be94d4fb842a1befd7df9c4&aqs=edge.0.69i59i45018...8.2422503j0j9&form=anab01&pc=edgedb>. Acesso em 22/11/22 às 07h: 45

33 PRINCÍPIOS BASILARES NA CONSTRUÇÃO DE UMA COMPREENSÃO

por Miza Carvalho dos Santos³¹

A partir de uma investigação que reconhece práticas interculturais trago aqui alguns princípios bakhtinianos que me ajudam a compreender as práticas culturais de uma comunidade quilombola no Maranhão, buscando os seus vórtices de forças para posteriormente cotejá-los com as práticas culturais mandingas de Burquina Faso, o oeste do continente Africano. Ainda hoje há uma tentativa de invisibilização das vozes mandingas no Maranhão e esse é um processo que se paga com o sacrifício da alteridade, portanto este trabalho buscará conhecer os signos da cultura maranhense trazendo a sua alteridade à escuta e ao diálogo.

A escolha por compreender as práticas culturais de uma comunidade quilombola no Maranhão surge do encontro com o *djeli* Toumani Kouyaté da etnia mandinga junto à descoberta do Maranhão como terra mandinga. O fato de ter tomado o encontro com Toumani como um encontro com o 'outro' já denunciava o meu não reconhecimento dessa alteridade na minha constituição. Essa alteridade sacrificada me convida a olhar os pontos engeguecidos, a escutar o inaudível na cultura afro-maranhense. Esse não reconhecimento coloca diante de mim a tarefa de compreender as práticas culturais de uma comunidade quilombola no Maranhão, buscando os seus vórtices de forças para posteriormente cotejá-los com práticas culturais mandingas de Burquina Faso. Farei isto apoiada pela filosofia da linguagem bakhtiniana.

No centro da filosofia de Bakhtin, tem a vida, e, nela um valor humano, diante do qual temos responsabilidades éticas e estéticas. Quais princípios filosóficos que podem orientar a encontrar este centro de valor humano na pesquisa? Bakhtin nos apresenta alguns princípios como o amor, a escuta, a não indiferença, a não mortificação do outro, e a compreensão respondente e criadora.

A ideia de compreensão respondente traz para nós uma assunção bakhtiniana: para que haja compreensão é necessário haver duas

³¹ Doutoranda do Programa da Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. Email: mizacarvalho@id.uff.br

consciências, dois sujeitos. A centralidade da arquitetura da vida concreta tem um humano em relação. Venho entendendo com Bakhtin que a compreensão respondente configura o princípio da dialogia, na qual a responsividade é princípio para qualquer compreensão. Que resposta darei no encontro com as práticas culturais de Santa Rosa dos Pretos? Nessa relação de princípio, Bakhtin afirma a necessidade de posicionar-se de um modo amoroso diante do outro. Então, busco, com este autor, compreender mais aprofundadamente o sentido de ‘amor’ como princípio filosófico.

Encontro a afirmação do amor como força que tem “condição de afirmar e consolidar, sem perder e sem desperdiçar, esta diversidade e multiplicidade” (BAKHTIN, 2010, p.128) do existir enquanto humano valorado. Bakhtin me dá a mão e me mostra que “somente a atenção interessada pode desenvolver uma força muito intensa para abraçar e manter a diversidade concreta do existir, sem empobrecê-lo e sem esquematizá-lo” (BAKHTIN, 2010, p.128).

Estou compreendendo que preciso estar atenta às minhas reações diante do outro. Como não cair em “uma reação indiferente ou hostil” (BAKHTIN, 2010, p. 128) quando me coloco em relação? Venho entendendo com Bakhtin que o amor e a não indiferença é um convite ético e estético na interação com o outro. Amar não é somente quando lhe damos “epítetos de valores positivos” (“bom”, “bonito”, etc.), mas é também quando nossa capacidade de atenção amorosa consegue abarcar também todos os aspectos envolvidos, inclusive os epítetos negativos.

Na tentativa de abarcar a totalidade dos aspectos, vejo Bakhtin trazendo o ‘amor’ como um dos princípios que caracteriza a qualidade da sua visão estética. Serei capaz de estar atenta amorosamente às pessoas de Santa Rosa dos Pretos e de Burquina Faso de modo a abarcar a diversidade dos pontos de vista dos valores sem cair em abstrações?

Em diálogo com Bakhtin, Augusto Ponzio (2010) também me aponta caminhos no momento de responder ao outro. Escuto Ponzio dizer que um “ponto central dessa relação é a posição de escuta, o colocar-se em escuta” (p. 53). Sigo com Ponzio, aprofundando os sentidos desta escuta ficando, atenta à sua enunciação de que “escuta significa dar tempo ao outro, o outro de mim

e o outro eu; dar tempo e dar-se tempo (p.53); e escutar diz respeito ao entendimento produtor de sentido” (p.53).

Augusto Ponzio pensa uma maneira de lidar com palavra do outro: “apreender a enunciação como evento irrepetível, no seu sentido especial e de responder adequadamente a ela” (2010, p.54), de modo a mantermo-nos na “esfera da enunciação não reiterável, participando assim da totalidade e da condição inacabada da logosfera” (2010, p.55). Vou conseguir colocar-me nesta posição de quem cala para perceber a irrepetibilidade dos eventos vivenciados em Santa Rosa dos Pretos e de possíveis futuros eventos em Burquina Faso? Qual motivo está na raiz da percepção dos eventos irrepetíveis?

Para Bakhtin, a ciência clássica se dedica tradicionalmente a analisar os eventos repetíveis. Porém, uma heterociência pretende ir além quando afirma não querer deixar de considerar, junto aos eventos repetíveis, a existência de elementos não repetíveis no todo do evento. Portanto, estou entendendo, com Ponzio e Bakhtin, que a escuta está ligada a esta capacidade de atenção ao irrepetível; além do reconhecimento do repetível, o momento da descoberta do novo deve estar fundido no ato vivo da compreensão.

O que há de novo no ato de reconhecer a herança mandinga no Maranhão? Qual a importância de perceber o novo em cada encontro com o outro? Escuto Bakhtin no seu esforço de criação de uma filosofia da alteridade, uma filosofia da não mortificação do humano no seu núcleo livre, que de uma forma ampliada entendo também como uma possibilidade de não mortificação de práticas culturais.

Acredito que Bakhtin pode apontar pistas para realizar essa tarefa de compreender as práticas culturais mandingas atuais em sua unidade aberta. Para ele,

[...] em cada cultura do passado estão sedimentadas as imensas possibilidades semânticas, que ficaram à margem das descobertas, não foram conscientizadas nem utilizadas ao longo de toda a vida histórica de uma dada cultura (BAKHTIN, 2011, p. 365).

Bakhtin me mostra que pensar as práticas culturais por esta mirada, tal posição tem a ver com a construção de “novas profundidades de sentido, e

não de ampliação dos nossos conhecimentos factuais” (BAKHTIN, 2011, p.365).

Estou entendendo a oportunidade de diálogo com Toumani Kouyaté, como uma nova “descoberta de portadores materiais de sentido” (BAKHTIN, 2011, p.365). Além de compenetração nas práticas culturais tradicionais mandingas pelos olhos de Toumani Kouyaté como elemento no processo de compreensão, algo de novo e enriquecedor preciso trazer comigo – esse movimento configura o que Bakhtin chama de **compreensão criadora**.

Bakhtin sugere que nesse encontro de culturas, nesse

[...] diálogo, colocamos para cultura do outro, novas questões que ela mesma não se colocava; nela procuramos resposta a essas questões, e a cultura do outro nos responde, revelando-nos seus novos aspectos, novas profundidades de sentido (BAKHTIN, 2011, p. 366)

Essa pesquisa é tentativa de contornar a questão de modo que, no encontro com Toumani e com as pessoas de Santa Rosa dos Pretos, eu possa compreender a cultura mandinga de forma criativa e criadora.

Pretendo assumir os princípios da responsabilidade sem alibi, do amor, da não indiferença, da não mortificação, da compreensão respondente e criadora na construção desse diálogo entre culturas.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Matthias Rohrig. Maranhão: terra mandinga. **CMF- BOLETIM DO FOLCLORE**, n. 20, ago. 2001.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução: Valdemir Miotello & Carlos Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução e Tradução de Paulo Bezerra; Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 4. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética**: A teoria do romance. 7ª edição. São Paulo: Hucitec, 2014.

KOUYATÉ, Toumani. **Palestra**: Povo mandinga: sociedade de tradições e sistemas pedagógicos (África Pré-colonial e Colonial/ África Pós-colonial). Plenarinho da Reitoria, Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 17 abr., 2015.

PONZIO, Augusto. **Procurando uma palavra outra**. São Carlos: Pedro&João Editores, 2010.

SANTOS, Miza Carvalho dos. **Os reinos invisibilizados**: um encontro com a palavra mandinga. 2018, 134f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

SILVA, Anacleta Pires da; SANTOS, Dayanne da Silva. **Terra de Encantados**: a luta pela permanência no Território Quilombola Santa Rosa dos Pretos (Itapecuru Mirim/MA). 1ed. São Paulo, Hucitec, 2020.

34 FICAR E LUTAR JUNTO COM O POVO: DA AMOROSIDADE NO ATO**DE LULA por Eliana de Jesus de Souza Lemos; Helen do Socorro****Rodrigues Dias**

Somente um amor desinteressado segundo o princípio “não o amo porque é bonito, mas é bonito porque o amo”, somente uma atenção amorosamente interessada, pode desenvolver uma força muito intensa para abraçar e manter a diversidade concreta do existir, sem empobrecê-lo e sem esquematizá-lo.

BAKHTIN, 2017

A reflexão de Bakhtin (2017) apresentada acima, trata da força que o amor genuíno tem nas relações, que torna o outro “belo” nas suas nuances que estão presente em cada sujeito, em sua singularidade e em seus atos éticos e responsáveis. Que nasce em um cuidado amoroso e interessado no outro, que quer: escutar, saber, doar-se, abrir diálogo e articular a interação entre os mais diferentes indivíduos.

É uma amorosidade que se constrói a partir da relação entre os sujeitos, que podem ser somente dois ou muito mais. A partir dela se produz uma força que acolhe o outro, e que gera na fronteira discursiva novos significados, na intenção de fortalecer os participantes, sem os tornar menor. Dessa maneira, a amorosidade se fortalece no fronteiroço dialógico de natureza social.

Nesse sentido, ao falamos dessa amorosidade queremos analisar como ela se dá no ato ético e responsivo de Luiz Inácio Lula da Silva (doravante Lula) em ter escolhido ficar e lutar junto com o povo brasileiro, em uma intenção de garantir que todos pudessem ser compreendidos como sujeitos da vida concreta.

Vamos agora, apontar dentro de um breve histórico da vida de Lula, que foi apresentada no livro *A verdade vencerá: o povo sabe porque me condenam*, as diferentes formas de atos amorosos que marcam sua trajetória e que lhe conduziu para momento responsivo socialmente, de ficar e lutar junto com o povo brasileiro e se candidatar a Presidente da República do Brasil, mesmo

frente ao contexto de ódio e necropolítica³², vivenciada na atualidade. Para tanto a narrativa que agora vamos dissertar da vida de Lula, não objetiva mostrar uma biografia completa, somente alguns marcos que estão evidentes às formas de amorosidade.

Lula nasce em Caetés, no estado do Pernambuco, no dia 27 de outubro de 1945, sendo o sétimo filho de Eurídice Ferreira de Melo e Aristides Inácio da Silva. Seu pai migrou para Santos, enquanto Lula estava ainda na de sua mãe, e somente quando já tinha 5 anos, que pode conhecer seu pai. Aos 7 anos, a família migra para Santos, local onde o irmão mais velho, Jaime, já havia partido, dois anos antes, junto com seu pai. Trata-se de uma viagem dura, até Santos, demora 13 dias a bordo de um pau de arara (meio de transporte irregular e improvisado, muito usado nas regiões interioranas do Brasil). Aos 10 anos, Lula teve que estudar escondido, no Grupo Escolar Marcílio Dias, somente com o apoio de sua mãe, pois o pai não permitia que os filhos estudassem. No mesmo período Eurídice se separa do marido, por estar cansada dos diversos abusos que sofria. Neste recorte de sua infância já podemos perceber o quão difícil foi a primeira infância de Lula, destacamos mesmo nessa interação permeada por muitas tensões no âmbito familiar, ocorre o cultivo de uma amorosidade de resistência que nasce com a força de sua mãe e é cultivada pelo desejo de todos em seguir buscando dias melhores.

Já na adolescência, aos 13 anos, Lula teve seu primeiro trabalho com carteira assinada, nos Armazéns Gerais Columbia. Aos 14 anos foi trabalhar na Fábrica de Parafusos Marte, como metalúrgico, mesmo período em que se inscreveu no curso profissionalizante de torneiro mecânico, no Serviço Nacional de aprendizagem Industrial (SENAI), onde também completa o ensino secundário. Aos 18 anos, inicia seu trabalho na Metalúrgica Independência, no turno da noite, onde, é explorado e obrigado a trabalhar por muito mais horas extras, do que as permitidas por lei, acaba sofrendo um acidente no qual perde seu dedo mindinho. Aos 20 anos, começa a perceber que para a sua melhoria de vida e de seus companheiros de trabalho, precisa lutar por melhores condições de trabalho e salários, o que lhe custou o emprego. Neste

³² Política em que o Estado adota a política da morte, uso ilegítimo da força, o extermínio e política de inimizade.

ponto, marcamos como ato de amorosidade de partilha e sacrifício, que constrói a partir da fronteira de interação com os companheiros de trabalho, mesmo sabendo dos riscos da perda do emprego decide lutar.

Entre saídas e entradas em outros empregos, Lula vai trabalhar nas Indústrias Villares, aos 22 anos, e se aproxima do Sindicato dos Metalúrgicos, por influência de seu irmão de sangue e de luta, Frei Chico, que na época já era sindicalista. Aos 23 anos Lula se torna suplente da Chapa vencedora, ato que marca uma amorosidade de engajamento social, de quem se preocupa com o outro e reconhece a importância de se lutar com e pela classe trabalhadora.

Ainda aos 22 anos de idade Lula se casou com Maria de Lourdes, e aos 25 anos, ficou viúvo, em uma trágica perda de sua esposa e filho, pois no momento da morte Maria estava grávida de 7 meses, ambos falecem na hora do parto, uma cesariana realizada na emergência de um hospital. Neste ponto de sua trajetória, as fronteiras de sua vida familiar e de trabalho passam por tensões, na medida em que Lula busca suporte na luta sindical para lidar com seu luto. Ele se mostra muito habilidoso na luta e se reelege, agora como primeiro-secretário do sindicato. Marcas que reforçam a construção de uma amorosidade de resistência, pois apesar das dificuldades segue lutando com a classe trabalhadora.

Aos 27 anos, conhece Marisa Leticia, sua esposa e companheira por 44 anos até sua triste morte em 2017. Ao conhecer Marisa, rompe com sua então, namorada Miriam, porém descobrem que ela estava grávida de Lurian, que é registrada no cartório, pelo próprio Lula, em reconhecimento imediato de sua paternidade. Nesse mesmo período, Lula se casa com Marisa e adota como seu filho o menino Marcos –filho biológico dela– na época com três anos de idade. Desta mesma relação o casal teve mais três filhos: Fábio Luís, Sandro Luís e Luís Claudio. Observamos nos atos familiares de Lula sua profunda responsabilidade ética, nas suas relações afetivas constituindo uma amorosidade parental, que não somente acolhe os seus, mas também se doa ao outro.

Em 1975, Lula foi eleito presidente do sindicato com 92% dos votos, e em plena ditadura militar, viaja para o Japão, em um congresso da Toyota e

lá fica sabendo que seu irmão, Frei Chico, foi preso na DOI-CODI, o que fortalece sua oposição à ditadura. Aos 31 anos, em 1978, é reeleito presidente do sindicato com 98% dos votos e assume negociação das greves dos metalúrgicos, conseguindo um acordo com um aumento real de 15% de dos salários. Ainda neste mesmo ano, Lula discursa, na greve geral que tem a adesão de 80 mil trabalhadores, no Estádio da vila Euclides em São Bernardo, sobre uma mesa, no meio do gramado, sem megafone e seu discurso é reproduzido pelos operários das fileiras de trás. Estes fatos marcam a construção de uma amorosidade de forte aceitação da pessoa de Lula por seus companheiros de luta.

Lula, com base nos muitos anos de luta no sindicato, percebe que sem representação política em Brasília da classe trabalhadora, que lute por suas reivindicações, não há avanços. Assim, em 1980 decide ingressar na política e funda o Partido dos Trabalhadores (PT), que inicialmente é formado por: sindicalistas, estudantes, líderes de movimentos sociais, católicos progressistas e intelectuais de esquerda. Somente em 1982 o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) reconhece oficialmente a fundação do PT e o autoriza a disputar as eleições, no qual se candidatou ao governo de SP e ficou em 4º lugar. Neste ponto ressaltamos a fronteira dialógica com diversos segmentos sociais, que constituem sua amorosidade política, em resposta as opressões vividas por essas camadas populares.

Em 1989 Lula se lança, pela primeira vez, como candidato a presidência da república do Brasil, e perde as eleições para Fernando Collor. Em 1990 Lula lança o Governo Paralelo, que ajuda a articular um movimento nacional de combate à fome, que inspira a Ação Nacional contra a Fome, a Miséria e pela Vida. Em 1994 e 1998, Lula disputa, pela segunda e terceira vez respectivamente, as eleições presidenciais, tendo como oposição Fernando Henrique Cardoso, nas duas eleições e perdendo em ambas. Em 2002 Lula disputa as eleições com José Serra, vence o pleito é eleito presidente do Brasil, no dia de seu aniversário. Em 2003, primeiro ano de seu mandato, lança diversos programas sociais: Fome Zero, Luz para Todos, e o Programa Universidade para Todos (Prouni). Em 2005 quita a dívida do Brasil com o FMI. Em 2006, Lula é reeleito e em 2007 toma posse de seu 2º mandato, sendo

ainda em janeiro lançado o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Em 2014 começa a operação Lava Jato, que foi conjunto de investigações de corrupção ativa, passiva, lavagem de dinheiro e entre outros. Em 2016 Lula é acusado de lavagem de dinheiro e ocultação de patrimônio, especialmente de um triplex no Guarujá. A fronteira de amorosidade de engajamento social é completamente expandida a toda a nação brasileira, seus atos sociais responsáveis são muito claros em toda a sua trajetória como presidente a partir de sua luta ao combate à fome e aos programas sociais que favorecem a nação brasileira. Ato responsável interrompido pelo descomprometimento amoroso de alguns representantes do judiciário e de alguns setores da sociedade, que tramaram uma verdadeira perseguição política contra Lula, como veremos a seguir com a sua prisão injusta, o que não põe em xeque sua amorosidade política com o povo brasileiro.

A prisão injusta tem um marco simbólico em 2017, após as acusações de lavagem de dinheiro, Lula depões perante Sergio Moro, em um interrogatório de 5 horas. Em um processo com uma condução extremamente parcial e com objetivos políticos Lula é condenado por Moro a 09 anos e 06 meses de prisão e em 2018 Lula é julgado, em Porto Alegre, pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região, que confirma em segunda instância, a decisão de Moro e condena Lula a 12 anos e um mês de prisão. Deixando Lula inelegível para as eleições de 2018. Com atraso, o Supremo Tribunal Federal (STF) proibiu a prisão imediata de réus após condenação em 2ª instância. Para os ministros do STF, Moro foi parcial na condução do processo do triplex do Guarujá, cuja propriedade, ainda que não houvesse nenhuma evidência, fora atribuída a Lula como parte de um suposto esquema de propinas. Todos os processos contra Lula que tramitavam em Curitiba foram anulados. Fatos que reafirmam e fortalecem a sua amorosidade de resistência, apesar das injustiças a que foi submetido.

Contudo, apesar desse contexto Lula segue sendo a representação de milhares de brasileiros que tiveram a oportunidade de buscar conquistas de espaços na sociedade. Em 2019, brasileiros trabalhadores que se sentiam representados pela luta de Lula por um Brasil melhor realizaram uma frente de resistência com o intuito de evitar sua prisão. Dentre as orientações estava

o de Lula sair do País. Porém Lula não só não acatou os conselhos de amigos e aliados para pedir asilo, como ficou e aceitou seu destino por compreender a luta como maior que ele. Este ato evidencia seu ato ético e responsivo, que inter cruzam as amorosidades resistência, política e de engajamento social.

Ao ser informado de que seria preso falou: “resolvi levantar a cabeça”, durante seu histórico discurso que arrancou lágrimas e emocionou os milhões de brasileiros apoiadores em frente à sede do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Continuou: “Eles decretaram a minha prisão. E deixa eu contar uma coisa pra vocês: eu vou atender o mandado deles. Eu quero saber quantos dias eles vão pensar que tão me prendendo”.

Desde o dia 8 de novembro de 2019, quando sua liberdade foi reestabelecida, Lula retomou seu lugar na vida política do Brasil. Se na eleição de 2018, teve seu ato responsivo apartado, deixemos claro que Lula seria o único candidato capaz de derrotar a ascensão da extrema direita no país. Em 2022 Lula pôde assumir novamente seu ato responsivo e se candidatou a eleição para presidência do Brasil.

A campanha de Lula para a presidência reflete toda a sua postura de múltiplas amorosidades que foram construídas ao longo de sua vida em relação ao povo brasileiro. Nos chama a atenção e seu ato ético amoroso de ficar e lutar! Toda a sua campanha se apresenta em torno de dois sentimentos importantes. O Amor e a Paz. Em diversos momentos de sua campanha, nos comícios por todo o Brasil, pede que seus apoiadores e eleitores adotem a cor branca em suas vestimentas e o slogan “pelo amor e pela paz”. No dia 30 de outubro de 2022, data do segundo turno das eleições, o povo brasileiro foi às urnas eleitorais e com 50,90%, que totaliza 60,3 milhões dos votos, Lula foi eleito pela terceira vez presidente da República do Brasil.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. 3ª ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

JINKINGS, Ivana. **A verdade vencerá**: o povo sabe por que me condenam. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

35 ENTRE O RISO E A AMOROSIDADE: A OUTRA FACE DA PANDEMIA**por Kenia dos Santos Francelino³³**

Nos últimos anos vivemos tempos sombrios. O mundo foi acometido por uma pandemia em decorrência da COVID-19 em que vitimou milhares de pessoas. Morte, dor, luto, incerteza, negacionismo - violência da palavra. Foi a ausência de amorosidade se constituindo no uso de violência, de força opressora e consumidora. Foi a falta de envolvimento e sentido entre os personagens do poder e da sociedade na composição da lição. O lado das ausências, do isolamento e distanciamento social por vezes, silenciou o nosso riso. O medo do desconhecido nos acompanhou diariamente. Nos afastamos fisicamente do local de trabalho, dos nossos encontros de fim de semana, dos abraços e das trocas de calor humano, no intuito em preservar a vida. O silêncio invadiu nosso eu. Houve silenciamentos nas escolas, nas ruas, nos parques, bares e nos templos religiosos.

A outra face desse caos diante do silêncio – entendido como palavra – foram enunciados respostas. O isolamento, em contrapartida, se constituiu, por vezes, como gesto de amorosidade e responsividade dando espaço a processos de fortalecimento nas relações sociais, gestando intensos processos de (re)construção de si, do outro e com o outro. Afinal, “o amor acaricia e afaga as fronteiras, que assumem um novo significado. O amor não fala do objeto na sua ausência, mas fala dele com ele mesmo” (BAKHTIN, 2020, p.73). Nesse contexto, o amor é visto por diversas perspectivas e dimensões, nas relações eu – outro. Assim, “o amor (...) tem vontade de sorrir, somente o riso e a alegria constantemente vencem a seriedade, suavizam as feições da seriedade, atenuam o tom ameaçador da voz” (BAKHTIN, 2020, p.73).

A partir das duas faces da pandemia apresentadas acima reconhecemos a potência existente nas relações dialógicas e, a partir delas o sujeito se constitui e o outro me constitui, me reconstrói – nas suas maldades e verdades. Por isso, exercitar a amorosidade é fazer com o outro, sorrir com o outro, constituir-se com o outro.

³³ Doutoranda em Educação-PPGE/UFES/GRUFAE

Quais entraves nos impede em aceitar novas possibilidades de ser inacabado?

Talvez a escola nos ensinou/ensina o “certo” ou “errado”. Não nos provocou/provoca a pensar/ viver o inacabado!

“Rir é um ato de resistência, de banalização da vida!”

REFERÊNCIAS

BAKHTIN. M. Mikhail. **O homem ao espelho**: apontamentos dos anos 1940. Tradução de Cecília Maculan Adum, Marisol Barenco de Mello e Maria Letícia Miranda. São Carlos: Pedro e João Editores. 2020.

36 DIALOGISMO NA PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS por Natália de Abreu Nascimento

Em *Arte e Responsabilidade*, Bakhtin (2011) já inicia nos falando sobre os três campos da cultura humana: a ciência, a arte e a vida. Resguardadas suas diferenças, já que a arte não é a vida, e vice-versa, o campo do conhecimento também tem suas particularidades. No entanto, o que Bakhtin nos mostra é que esses dois campos, a arte e a ciência, podem cair na armadilha de se tornarem áreas mecânicas, quando se abstraem da unidade de um indivíduo concreto no mundo.

Início dizendo isso por acreditar que, especialmente quando estamos tratando do campo das Ciências Humanas, é um equívoco trabalharmos baseados em abstrações, ou mesmo buscando respostas fechadas para as problemáticas que levantamos. Isso porque estamos tratando, como diz Bakhtin, do “ser expressivo e falante, que é inesgotável em seu sentido e significado” (BAKHTIN, 2011, p. 395) e que está sempre em relação.

Se tomarmos essa ideia como princípio, parece uma impossibilidade falar de qualquer área de conhecimento humano sem pensar na dimensão do dialogismo. O ato de enunciar, por exemplo, ainda que parta de uma pessoa única, está sempre inserido em um diálogo social, abarcando essas duas dimensões: ao mesmo tempo em que é singular, é também histórico e cultural. Enunciar na ciência não é diferente: ainda que o pesquisador esteja construindo um enunciado, está fazendo isso sempre em diálogo com a cultura, com os outros e – por que não? – com a história, seja ela a história da ciência, do seu interesse de estudo ou daqueles que escrevem a pesquisa em conjunto no percurso.

Se, então, as Ciências Humanas se ocupam dos humanos e suas relações no tempo e no espaço, devemos ir a esses humanos. Mas a vida não pode ser capturada, o que faz parecer ser também uma ilusão a ideia de reproduzir a vida, ou fazê-la ser vista objetivamente. O que Bakhtin parece nos propor é que possamos ir ao outro, deixando-o dialogar conosco, ao invés de falar por ele, criando uma imagem mortificadora e em ausência, que é justamente esse movimento em que “a imagem é privada de dialogicidade e de

inacabamento” (BAKHTIN, 2019, p. 47). Assim, assumimos na ciência o *singular* como conhecível e possível de ser estudado. Além disso, percebemos que, pelos textos, nos é apresentada a possibilidade de acessar a realidade de maneira indireta, pois eles sempre são localizados ideologicamente no mundo, enunciados por alguém. Pelos textos podemos dialogar com o objeto das ciências humanas, pois nos textos podemos perceber suas forças.

Foi tomando todas essas questões que Bakhtin nos traz que, em orientação juntamente com o Grupo Atos-UFF, resolvemos ter o *dialogismo* como base da pesquisa de mestrado que estamos desenvolvendo. O dialogismo, porque compreendemos o texto de maneira ampla (BAKHTIN, 2011) e como possibilitador de aberturas, mas também porque optamos por dialogar com aqueles que estão concretamente imersos na linguagem que escolhemos estudar, a música, mais especificamente a canção – que nos parece ser justamente uma forma que encontramos contemporaneamente de colocar algumas tradições artísticas antigas em um gênero novo, combinando harmonia, melodia e letra.

Como todo discurso, nos interessa compreender as condições de sua produção e os valores humanos que têm sido ali destacados. Para compreender o contexto contemporâneo das canções brasileiras e colocá-las em um lugar de pensamento escolhemos, então, dialogar com músicos que se relacionam com essa linguagem, e que, justamente por isso, podem nos apontar eixos de força musical no nosso país, onde podemos encontrar essas canções que buscamos, de potência transformadora, que orquestram a voz, os instrumentos, a entonação e o conteúdo para enunciar Volóchinov (2019) uma perspectiva de humano e de mundo, como possibilidade de afiguração e, portanto, de uma formação crítica potente.

Escolhemos nos delimitar à canção de Tatit (2012) e realizar esse diálogo com os músicos através das *Arenas Musicais*, nome que demos ao encontro com eles, que enlaça uma entrevista e as músicas que tocamos juntos. Até o momento foram realizadas duas Arenas, a primeira delas com Dominique Rabello e a segunda com Isaque Z, e elas são a base da pesquisa em andamento, pois partimos do princípio bakhtiniano do diálogo Bakhtin (1998; 2011; 2017) para realizarmos pesquisa em Ciências Humanas, e escolhemos

escutá-los e focar os estudos para as características musicais e enunciados musicais que nos eles apontam.

Compreender esses enunciados musicais aos quais temos acesso traz uma possibilidade de perceber as forças desses enunciados e, de certa forma, reescrevê-los, a partir da nossa compreensão respondente. Esse movimento torna viável perceber que sempre há possibilidades outras de existir – e de fazer ver essas existências no mundo, sempre em movimento.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. 3ª Ed. Tradução de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. Problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: **Questões de Literatura e Estética**. São Paulo: UNESP, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **O homem ao espelho**: apontamentos dos anos 40. São Carlos: Pedro&João Editores, 2019.

TATIT, Luiz. **O cancionista**: composição de canções no Brasil. 2ª. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. São Paulo: Editora 34, 2019.

37 DEFINHINDO-ME por Rebeca Maria Moraes da Paixão

Era uma tarde calorenta de julho, muito barulho na rua enquanto as crianças tentavam dormir no quarto. Eu estava sozinha novamente, chorando trancada no banheiro e o meu monstruoso amor me mandando mensagens dizendo que tudo ia ficar bem. Eu não me sentia bem, tudo estava destruído por dentro e por fora. Nesta mesma tarde lembro-me de olhar no espelho e pensar: Quem é essa tão magra e sem vida, com cabelos secos e unhas roídas da ansiedade. E dizia para mim mesma como você foi acabar assim.

A palavra “acabar” era a palavra certa para aquele momento, porque eu não conseguia me reconhecer, estava morta, a minha vida já tinha sido sugada e acabada. Todos ao meu redor me diziam isso, mas eu sempre fiz questão de não acreditar e continuar vivendo a minha ilusão de amor perfeito.

A imagem que eu via era de uma mulher só ossos, literalmente sem vida e eu só conseguia pensar em uma coisa: ele conseguiu, meu monstruoso amor conseguiu me transformar em uma sem vida. Alguém que ele sugava até os últimos suspiros de felicidade, porque tudo na minha vida precisava se resumir aos momentos que vivíamos juntos, qualquer coisa fora disso era como ser sufocada no pescoço pelas mãos mais pesadas do mundo.

Quando você é acusada de ser uma insuficiente por alguém que você ama, você tenta mudar tudo, seu jeito de agir, seu jeito de pensar, sua forma de falar e de viver. Eu estava exatamente nesse lugar e sempre que me olhar no espelho com a fisionomia totalmente deformada me fazia perceber que nada estava bem dentro de mim a muito tempo. Eu fiquei tentando me readaptar para caber dentro de algo que não me cabia e me perdi, mas naquela tarde eu encarava a realidade e a realidade me encarava de volta, o espelho era o reflexo do meu eu mais amordaçado, mais maltratado, mais rejeitado e humilhado que eu pude presenciar, isso me assustou tanto que eu mal conseguia sair do lugar e ficava apenas chorando. Foram horas sem fim, felizmente uma das crianças acordou e tive que sair do banheiro para acalantar uma delas.

Depois dessa tarde eu não conseguia mais olhar espelho nenhum, fugia o tempo inteiro da realidade, como fiz por anos. Mas a realidade é dura e estava me definhando de pouquinho a pouquinho. Além do que meu

monstruoso amor continuava dizendo que me machucar era culpa minha, que a dor que ele me causava era culpa minha.

Nesse mesmo dia, esperei ele chegar, coloquei as crianças para dormir e esperei ele sair de madrugada (como estava fazendo muitas noites passadas). Dei um beijo e um abraço nas crianças, abracei apertado por longos 3 minutos, peguei nossa faca de carne e cortei os pulsos dentro do banheiro, em frente ao mesmo espelho que me contou a verdade: Você tinha vida, você sabia de tudo que o seu monstro fazia, mas agora nada disso importa ele já te matou por dentro e nada pode te salvar.

Depois de tudo, só me lembro de acordar na cama do hospital com a minha mãe segurando minha mão e chorando; eu estava viva, do lado da minha família. O monstro tinha me abandonado, me disseram que ele estava com outra, duas semanas depois que eu estava desacordada. Lembro-me de pensar que já esperava isso dele, os monstros normalmente agem como tal, mas fingem ser quem não são.

O meu reflexo na janela do hospital me encarou, um pouco mais corada e com olheiras por ter dormido muito, novamente o espelho me contando uma nova realidade: Você tem uma nova oportunidade de viver, veja só ele foi embora sem precisar te matar. Realmente, eu estava viva de novo, fragilizada e com cicatrizes, mas viva. Aquela imagem de uma mulher cheia de ossos e sem vida estava mudando graças aos cuidados do hospital e da minha mãe. Meus filhos iam sempre me ver e cantavam e dançavam para eu não ficar triste, todos os dias depois que acordei seguiram assim: Acordar, tomar medicamentos, receber as visitas, mais medicamentos, visitas novamente e remédios para dormir.

Não sei ao certo quantos dias passei no hospital me curando da terrível morte do amor idealizado, mas foram dias horríveis. Porém, todas as medicações foram me dando forças para levantar e conseguir olhar novamente em um espelho, agora com um olhar mais agradável e menos julgador, um reflexo novo e mais próximo de mim. Redefinir o meu olhar sobre o meu reflexo, esse eu não mereceu tudo aquilo de ruim, eu não vivia eu sobrevivia, mas agora estava VIVA e pronta para viver sob uma nova perspectiva de reflexo.

38 A AMOROSIDADE ENQUANTO ATO por Angélica Duarte da Silva**Araújo****Introdução**

Entendo o ato estético como a valorização, a reflexão elaborada, com acabamento, acerca da ação ética realizada pelo sujeito. Estética é a forma do dizer na arte, a reflexão, a reflexão posterior e exotópica do ato, a fim de dar acabamento. Estética é como o humano enforma um conteúdo usando um material. Mas não a forma pura formalista, mas um autor enformando um conteúdo ideológico em um material em diálogo com o outro, para que um certo valor que ele tem seja ressaltado. Que valor é esse que a sua estética produz? Inspirada no texto: Aula de inglês, de Rubem Braga, escrevi uma crônica sobre a direção de uma escola.

A direção

Eu pensei que seria fácil estar na direção de uma escola. Eu pensei que caminharia alegremente pelos corredores da escola e que resolveria todas as questões que me incomodavam.

– Você vai levá-lo no passeio?

– Sim.

Passo a maior parte do tempo mediando discussões. Sempre tem alguém me olhando de cara feia. Afinal, a minha decisão sempre ofende e desagrada alguém. Escolher um é sempre não escolher o outro.

– Angélica, eu queria saber se ele vai conosco?

– Sim.

O trabalho burocrático durante muitos dias me engole, eu passo horas tentando preencher um documento, escrevendo uma ata, fazendo um relatório, organizando horários. Alguns dias eu entro nas salas de aula e olho para as crianças. Algumas professoras olham para mim com aquele olhar de: ela está me vigiando? Logo alguém vem me procurar.

– São todas crianças muito novinhas, você vai levar todas?

Ele também vai? – Sim.

Quando iniciei na direção uma colega me disse para ‘desacostumar’ a receber rosas e abraços, diretoras não recebem isso, disse ela.

Começo todos os meus dias parada no portão, a espera de um abraço, o dia que ele não ocorrer eu não entro.

– Tem certeza?

– Vamos. Ele vai comigo.

Se tem um lado bom em ser diretora está em poder decidir algumas coisas. Nada é bom ou ruim o tempo todo. Mas nesse dia, nesse dia eu agradei por poder decidir.

Saímos todos da escola, rumo ao Planetário, com crianças de 4 a 9 anos, sem distinguir quem tinha necessidades especiais ou não.



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora. Pedro, 4 anos. Fundação Planetário da Cidade do Rio de Janeiro, julho de 2022.

Entendemos a escola como o lugar da relação amorosa em que se aprende a ser, através do outro, para o outro e para si. “Você não ama um ser humano porque é bonito, mas ele é bonito porque você o ama. É nisso que está o caráter específico da visão estética” (BAKHTIN, 2012, p. 125).

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec Editora. 16a ed. 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma Filosofia do Ato Responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 6a. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

DUARTE, Angélica. CONCENCIO, Márcia. (Org.). **Palavras Bakhtinianas para Mudar o Mundo**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O Método Formal nos Estudos Literários**. São Paulo: Editora Contexto. 2012.

MELLO, Marisol Barenco de. **O amor em tempos de escola**. São Carlos: Pedro & João, 2017.

PONZIO, Luciano. **Visões do Texto**. São Carlos: Pedro & João, 2017.

VOLOCHÍNOV, Valentin N. **A Construção da Enunciação e Outros Ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

39 DIALOGAR É UM ATO DE AMOR por Liliane Corrêa Neves Moura³⁴

Em novembro de 2015 estávamos reunidos na UFF para dialogar sobre a amorização como um ato revolucionário, no III EEBA³⁵. Depois de sete anos deste encontro vivemos no Brasil uma acentuação da intolerância, da ironia grosseira, da violência física e da insistência pela não escuta do outro. Trazer de volta o amor e o diálogo juntos neste texto tem como objetivo afirmar mais uma vez com Bakhtin a grande importância para o humano dessas duas dimensões.

Mas, por que dialogar é um ato de amor?

O ato responsável, unidade central do pensamento filosófico bakhtiniano, pressupõe sempre pelo menos dois, é em resposta ao outro que a enunciação humana acontece. Não há Adão da palavra, pois é deste lugar único no mundo que cada ser humano ocupa que ele responde ao outro. Porém, essa resposta, como vimos e vivemos nos últimos anos no Brasil e contaminou muitas das nossas instituições oficiais, tem sido afirmada como se o outro fosse um sujeito mudo e apenas uma resposta ao mundo teria valor. A diferença que constitui o humano e o torna singular, em muitos discursos oficiais, vem sendo tratada como motivo para não escutar o que é diferente de mim ou banalizar a sua enunciação para que toda a possibilidade de diálogo seja reduzida.

Se contrapondo a toda violência que a não escuta do outro provoca nas relações humanas, com Bakhtin compreendemos que o ato não está no campo da abstração teórica, a falsa segurança de uma relação previsível é impossibilitada pela imprevisibilidade do encontro. Em resposta ao outro é que agimos, no ato assumimos a responsabilidade responsiva e nele a *factualidade histórica e o tom emotivo-volitivo figuram como momentos de uma única decisão*. O universal e o individual entram nesta composição quando estou de frente para o outro.

³⁴ Professora no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira- Cap/UERJ e membro do Grupo de Estudos Bakhtinianos ATOS-UFF.

³⁵ Encontro de Estudos Bakhtinianos que reúne estudiosos do Círculo de Bakhtin que foi organizado pelo Grupo ATOS- UFF, em novembro de 2015 na Universidade Federal Fluminense-UFF, no campus Gragoatá, em Niterói, RJ.

De muitas formas é possível criar álibis para fugir da alteridade radical que o encontro com o outro provoca em nós, e a indiferença é a forma contrária ao amor e a responsabilidade na relação. A indiferença é afirmada quando damos menos credibilidade ao que o outro diz através de atos que desqualificam seu enunciado com a ironia violenta e pessoal, quando não há escuta e a resposta desconsidera o enunciado anterior e se acredita que um conhecimento é superior ao outro trazendo um discurso pronto que não aceita intervenções. Em quantas dimensões da nossa vida não vivemos relações indiferentes?

O amor em oposição à indiferença

A relação estabelecida com o outro ultrapassa os limites do dever escrito e socialmente aceito, ela tem a nossa *assinatura colocada no final*. Os valores da vida e da cultura estão ao redor da arquitetura tríplice da relação eu-outro. É o interesse pelo outro que traz para essa relação o amor. Não o amor romântico, mas o amor responsável que nos faz não ter álibis, que torna o outro belo porque nos altera e com ele vivemos uma *realidade concreta amorosamente afirmada*. Nossas fronteiras não precisam ser apagadas e nem nossas diferenças diminuídas, elas são amorosamente assumidas como a beleza da existência de cada um.

Ao contrário disto, a indiferença não nos permite demorar no diálogo com o outro. Por isso, dialogar é um ato de amor.

A amorização tão afirmada e vivida em 2015 é ato de encontro com o outro para dialogar. As experiências vividas por mim e pelo outro no encontro dialógico são diferentes, pois o valor afirmado por cada um de nós é radicalmente diferente, e essa é a beleza do existir evento. São dois centros de valores que trazem em si todos os momentos concretos do existir para um evento único: aquele encontro.

A beleza do outro não está no que ele tem de idêntico a mim, mas no que ele me altera.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. Valdemir Miotello & Carlos Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

40 “PROJETO APRENDER A LER O MUNDO”: O ACOLHIMENTO DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA EM BELÉM DO PARÁ por Ronielson Santos das Mercês; Inocencio Renato Gasparim; Angélica Bittencourt Galiza

Neste ensaio objetiva-se fazer a discussão da alteridade em situação de rua no contexto da pandemia como um tema insurgente, vivo e potente na comunidade acadêmica, mesmo que as diferenças, em distinção de qualquer natureza, sejam ocultadas e invisibilizadas na sociedade contemporânea. Diante disso, provoca-nos-para uma reflexão ético-política no que diz respeito ao reconhecimento e valorização da diferença em situação de rua com sua interrelação de raça, de gênero, de etnia, de sexualidade, de língua, de religião, de deficiência, de classe, de escolaridade, entre outras categorias socioculturais.

O posicionamento de Santos (2020) enfatiza o fato de que a pandemia da Covid-19 é uma forma omnipresente na vida dos seres humanos em sociedades, é invisível na sua essência e indispensável articulação entre eles. A invisibilidade decorre de um sentido comum inculcado nos seres humanos pela educação e doutrinação permanentes. Esse sentido comum é evidente e contraditório ao mesmo tempo.

Todos os seres humanos são iguais (afirma o capitalismo); mas, como há diferenças decorrentes entre eles, a igualdade entre os inferiores não pode coincidir com a dos superiores, como reverbera o discurso colonialista/patriarcalista. O reflexo disso, é exatamente o que procuramos analisar, a saber, as atividades pedagógicas realizadas no projeto de alfabetização “aprender a ler o mundo” com a População em Situação de Rua (PSR), na unidade de acolhimento “Escola Jarbas Passarinho”, na Cidade de Belém do Pará, fomentado pela Secretaria de Assistência, Trabalho, Emprego e Renda (SEASTER). Quanto a metodologia, trata-se de uma pesquisa-ação, que, de acordo com Tripp (2009), compreende uma alternativa para a verificação científica quando você age no campo no sentido de investigar e ressignificar a prática de pesquisa.

Seu princípio fundamental consiste na intervenção dentro da organização, na qual pesquisadores e membros colaboram na definição do problema, na busca de soluções e, simultaneamente, no aprofundamento e elaboração do conhecimento científico. O *lócus* da pesquisa limita-se no espaço da Escola Jarbas Passarinho. O referencial teórico-base compreende as obras de Paulo Freire (2011, 2014, 2015, 2016, 2018).

Com relação aos objetos de análise, o trabalho limita-se nas ações do projeto de alfabetização “aprender a ler o mundo”. Esta ação pedagógica foi implementada, no ano de 2021, por uma instituição de ensino superior, em parceria com a SEASTER, para desenvolver um projeto de educação visando a alfabetização dos acolhidos voltada para os grupos em situação de vulnerabilidade nas unidades emergenciais de acolhimento.

Vale ressaltar que foi articulado e executado pela SEASTER em parceria com a instituição, com base nos relatos dos próprios acolhidos que demonstravam o interesse em estudar e/ou aprender a ler e escrever, pois sentiam a necessidade das práticas educativas. O projeto pautou como objetivo o desenvolvimento e exploração da alfabetização e letramento por meio de atividades educativas lúdicas e significativas direcionadas para o contexto sociocultural da PSR, uma vez que a proposta de educação era consubstanciada na concepção de educação progressista e libertadora de Paulo Freire.

Desse modo, a metodologia escolhida foi círculo de culturas, educação musical, temas geradores, diagnose, aplicação de atividades para perceber os níveis de alfabetização dos educandos, de cunho metodológico por meio da escuta, rodas de conversas, abordagens individuais, entre outras. Essas estratégias foram empregadas respeitando os ritmos e estilos de aprendizagem de cada educando. Nesse ensejo, as estratégias pedagógicas adotadas pelas educadoras e, orientadas por um pedagogo preceptor, foram significativas, no sentido de alfabetizar e explorar outras concepções de mundo desses sujeitos que, apresentam saberes culturais e escolares ricos a fim de que fosse possível pensar uma proposta educativa de alfabetização relevante naquele lugar de aprendizado.

Embora os encontros acontecessem duas vezes por semana (segundas e quartas-feiras), as atividades eram realizadas por meio de filme, músicas, desenhos, e produção textual, roda dialógicas de leitura e teia de livros com fins pedagógicos envolvendo temas e palavras geradoras que fizessem sentidos para o contexto de vida que os sujeitos apresentavam nos encontros dialógicos. Portanto, reconhecer as pessoas em situação de rua como sujeitos de direitos e como um coletivo social invisibilizado, não se constitui a partir da sua condição social e de moradia, mas sim, como alteridade com múltiplas identidades na sociedade brasileira amazônica contemporânea.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: Cartas pedagógicas e outros escritos. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com o oprimido. 22 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 57 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com o oprimido. 22 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Editora Almedina. ISBN 978-972-40-8496-1, 2020
- TRIPP David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>. Acesso: 04 nov. 2022.

41 ALTERIDADE E AMOROSIDADE NAS RELAÇÕES ENTRE AS PESSOAS: PROMESSAS QUE NOS CONSTITUEM ³⁶ por Selma do Socorro Bandeira Oliveira³⁷; Kassia Thamires Pereira Lima³⁸; José Alves dos Santos Filho³⁹

No mês de outubro, a cidade de Belém, capital do Estado do Pará, celebra o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, uma festa que nos renova a fé, por meio de uma pequenina imagem de grande significado para todos os paraenses e visitantes que acreditam no amor da Virgem Maria, mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Uma grande festa que nos lembra o nascimento de Cristo, pois para os devotos esse mês de outubro é considerado o natal dos paraenses, regado de muitas homenagens, entre elas uma culinária exótica e saborosa, ornamentação das casas, e da cidade, do parque de diversões, dos shows na praça santuário e nas 12 romarias, sempre em meio a um ambiente de orações, buscando esperança, reflexão de renovação dos nossos atos responsivos, durante 15 dias, a cidade das mangueiras é referência de fé, caridade, confraternização entre amigos e familiares.

Diante desse contexto centenas de pessoas também trabalham para manter a cidade limpa. Pessoas simples com uma atividade relevante recolhem todos os resíduos sólidos deixados ao final de cada evento.

Atividade que recebe o nome de coleta seletiva cujo objetivo é a separação de resíduos como copos, garrafas plásticas, latinha de alumínio, etc. que geram toneladas de materiais que são vendidos para as empresas de reciclagem, ao qual gera uma renda extra para os catadores de material reciclável.

Dentre muitos momentos marcantes de união, fraternidade, amor ao próximo, um gesto de solidariedade chama atenção no meio da multidão que acompanha as procissões, tanto de transladação da santinha, que acontece

³⁶ Texto escrito com base nas conversas e orientações cotidianas de sala de aula com a Prof.^a Rita de Nazareth Souza Bentes.

³⁷ Discente do curso de Letras Libras da Universidade do Estado do Pará

³⁸ Discente do curso de Letras Libras da Universidade do Estado do Pará

³⁹ Discente do curso de Letras Libras da Universidade do Estado do Pará

no sábado quanto no domingo, no dia do Círio, mas um fato curioso surge em meio de toda essa ação e demonstração de Fé é o pagamento das promessas em que uns vão na corda e outro vão no percurso de joelhos, surgindo nas pessoas um sentimento de alteridade e de amorosidade em relação aos romeiros, construindo um tapete feito de papelão simbolizando um caminho de bondade onde os pagadores de promessas fazem o trajeto de vários quilômetros no Círio.

As várias formas do uso do objeto papelão acontece no Círio, sendo utilizado como abanador para aliviar o calor forte de nosso clima amazônico, usado também para descansar no gramado da praça da Sé aguardando o início da Santa Missa, serve de acessório para cobrir a cabeça durante o caminho onde não há sombra das imponentes mangueiras, aliviando o ardor nos rostos dos romeiros. No percurso próximo a quadra do Santuário de Nazaré, o "papelão" como objeto para aliviar as dores do(a)s pagadores de promessas, representa na mão de quem deseja realizar um ato de alteridade e amorosidade em prol ao cumprimento de gratidão por todo amor, generosidade recebida por meio de milagres que são atribuídos a nossa mãe virgem de Nazaré.

Neste momento glorioso de fundir-se o eu, o outro e nós, respeitando a unicidade de cada um não só eleva a consciência como o reconhecimento do outro nesse acontecimento, como Bakhtin afirma:

Estes momentos fundamentais são: eu-para-mim, o outro-para-mim e eu-para-o-outro; todos os valores da vida real e da cultura se dispõem ao redor destes pontos arquitetônicos fundamentais do mundo real do ato: valores científicos, estéticos, políticos (incluídos também os éticos e sociais) e, finalmente, religiosos (BAKHTIN, 2017 p. 114).

A união dos romeiros no Círio de Nazaré frente a diversa situação social, cultural e religiosa principalmente, que exige do outro que está mais do que na escuta, está sim na vivência, no ato concreto de responsabilidade e resposta para acolher o seu irmão e irmã na romaria, seja usando o papelão para não ferir o joelho no ato da promessa ou rezando a Nossa Senhora para que interceda na graça. Ato de alteridade e amorosidade na relação cotidiana

deste acontecimento religioso – O Círio de Nossa Senhora de Nazaré, como podemos visualizar no vídeo pelo link a seguir:

https://drive.google.com/file/d/1oOMIkRWRD-t6jp4vRFxtPKQcNsZb_4Eu/view?usp=sharing

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores. 2010.

GEGe – GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO. **Palavras e contrapalavras**: Glossariando conceitos, categorias e noções de Bahktin. Cadernos de Estudos I - para iniciantes. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009, p.13-14.

42 LITERATURA SURDA E RELAÇÕES DIALÓGICAS: A ALTERIDADE E O RESPEITO PELO SER SURDO por Renne Imar de Melo Souza; Leticia Silva dos Santos Melo

O ser Surdo nem sempre foi respeitado e tratado com alteridade como observamos nos dias atuais após inúmeras lutas da comunidade surda. Tentaram calar as mãos sinalizantes, por muitos anos conseguiram, no entanto não durou eternamente. A comunidade se ergueu, lutou e conseguiu mostrar que são sujeitos merecedores de respeito. Sujeitos que desfrutam relações dialógicas, compostos por movimentos em suas argumentações, que tem a arte em debater e em persuadir sobre seus direitos. Posto isso, é com seus pares que a alteridade flui que se constituem se refletem no outro e então se retratam como Surdos com “S” maiúsculo (Surdos que se aceitam e tem suas identidades políticas).

A população brasileira precisa seguir os três significativos passos: conhecer, compreender e respeitar o ser Surdo e por meio da literatura podemos e temos admiráveis compartilhamentos em forma de poema e poesias. Seguindo essa perspectiva, o vídeo aqui apresentado foi fruto de uma representação literária de uma discente do curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA, atualmente acadêmica do 7º semestre, sob orientação de sua docente, com o objetivo de destacar a importância em termos cada vez mais a literatura surda presente em nossas vidas, sejamos surdos ou ouvintes, pois são formas e possibilidades de tratarmos sobre qualquer temática por meio da literatura própria de Surdos, oportunidade de darmos voz a essa comunidade que tanto precisa do apoio e união de todos para lutar para com seus direitos.

Destarte, o vídeo em questão retrata sobre um momento marcante que a comunidade surda sofreu com a proibição de suas relações dialógicas sem terem a possibilidade de conversar e compartilhar suas ideias por meio das línguas de sinais, suas línguas, um momento que suas mãos foram caladas e seus direitos linguísticos proibidos. O poema apresentado e criado pela discente e agora compartilhado com o público é uma representação da alteridade que devemos ter uns com os outros com amor e respeito. Espera-

se que cada vez mais a literatura surda seja compartilhada e entendida como artefato cultural, como meio de promovermos a resistência, modo de mostrarmos sobre a história surda e viabilidade de falarmos sobre relações e interação para com o outro.

Vídeo: Alteridade e respeito pelo ser Surdo – Poema em Libras – Por Renne Imar de Melo Souza. Acadêmica de Letras Libras (UFRA)

Link de acesso: <https://youtu.be/evh3ZLz2j4s>

Texto escrito: Voz - Intérprete e tradutora Etiene Vaz

Bocas falantes... elas afirmam um compromisso... é a porta de entrada para que um de nós...que na tentativa de semear...não encontra seus pares...apenas um lugar. A semeadora então começa...as raízes se forma...se desenvolvem...crescem. Mas, ainda somos sós...outras sementes são plantadas...o solo é fértil...outros ares começam a se encontrar...e a língua começa a sinalizar. Uma semente aqui...e outra acolá...e dessa forma nosso povo...começa a caminhar. Bocas falantes se encontram outra vez...e afirmam outro compromisso...nossa língua é exterminada...nossa floresta acabou em sumiço. As plantas então murcham...e as árvores simplesmente então caem. Mas, embaixo desse solo fértil...existem raízes vivas...que em força de luta e resistência...continua a penetrar a terra e a crescerem cada vez mais. São vozes unidas...que juntas caminham...se movimentam...lutam...e resistem. São vozes imbuídas de histórias...raízes que se espalham por de baixo de um manto muito fértil. Fim.

43 NOTICE por Nayara Iris Cardoso

LINK DO VÍDEO

https://drive.google.com/file/d/1dtQ6O6QtDBeYu9dw737r1OiyLmOTV-Ku/view?usp=share_link

44 "HOMENAGEM AMIGO" por Adriana Silva Carvalho da Costa

LINK DO VÍDEO:

https://drive.google.com/file/d/17i_gOeubbkZsJSzt6ZtqnE9UOsOqBLO7/view?usp=share_link